



Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social
Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social

Laís Braga Costa

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA E A
EXPLICITAÇÃO DE SUA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL NO
CONTEXTO ACADÊMICO DO INSTITUTO FEDERAL
FARROUPILHA - CAMPUS SÃO VICENTE DO SUL**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa
de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e
Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz
Alta - UNICRUZ.

Cruz Alta – RS, Junho de 2018.

Linha de pesquisa: Linguagem, comunicação e sociedade

Tema: Aspectos socioculturais da mulher negra no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA E A EXPLICITAÇÃO DE
SUA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL NO CONTEXTO ACADÊMICO
DO INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA - CAMPUS SÃO VICENTE
DO SUL**

Elaborado por Laís Braga Costa como requisito
parcial para obtenção de grau de Mestre em
Práticas Socioculturais e Desenvolvimento
Social da Universidade de Cruz Alta -
UNICRUZ

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Carla Rosane da Silva Tavares Alves (Orientadora) – UNICRUZ

Prof^a. Dr^a. Sirlei de Lourdes Lauxen (Membro interno) - UNICRUZ

Prof. Dr. Aristeu Castilhos da Rocha (Membro externo) – Instituto Federal Farroupilha
campus Júlio de Castilhos

Prof^a. Dr^a. Tamara Silvana Menuzzi Divério (Suplente) - UNICRUZ

Se és uma mulher forte
 protege-te das feras que quererão
 almoçar teu coração.
 Elas usam todos os disfarces dos carnavais da terra:
 se vestem como culpas, oportunidades, preços a pagar.
 Fuçam tua alma, metem o ferrão de seus olhares e prantos
 até o mais profundo magma da tua essência
 não para iluminarem-se com teu fogo
 mas para apagar a paixão
 a erudição de tuas fantasias
 [...]

Não percas a compaixão, mas teme-a quando ela te conduzir
 a negar a palavra, a esconder quem és,
 e te obrigue a amaciar-te
 e te prometa um reino terrestre em troca
 de um sorriso complacente.
 Se és uma mulher forte
 prepara-te para a batalha:
 aprenda a estar só
 a dormir na mais absoluta escuridão sem sentir medo,
 e que ninguém te jogue cordas quando rugir o temporal,
 a nadar contra a corrente.
 Aprende os ofícios da reflexão e do intelecto
 Lê, ame a si mesma, constrói teu castelo
 circunda-o com fossas profundas
 mas deixa grandes as portas e janelas.
 É imprescindível que cultives enormes amizades
 para que os que te rodeiem saibam quem tu és
 [...]

Se és uma mulher forte
 protege-te com palavras e árvores
 e invoca a memória das mulheres antigas.
 [...]

Ampara, mas ampara-te primeiro.
 Guarda distâncias.
 Constrói-te. Cuida-te.
 Entesoura teu poder.
 Defende-o.
 Faça-o por ti.
 Te peço em nome de todas nós.

(Conselhos para uma mulher forte- Gioconda Belli)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Jura, mulher forte e de luta, que nunca mediu esforços para me educar e me motivar a ir em busca de voos maiores.

Ao meu pai Darci (*in memorian*) pelos ensinamentos e incentivo à leitura e ao estudo.

Ao meu namorado Daniel, por cuidar da minha casa e da minha cadela Meg, a fim de que eu pudesse me ausentar dois dias por semana, para concluir os créditos do PPG.

À mana Rose e à sobrinha Patrícia pela torcida e apoio de sempre.

À gestão do Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul pela concessão de afastamento parcial para a realização desta etapa.

Aos colegas de trabalho, em especial servidores e bolsistas da biblioteca, pela compreensão e colaboração.

Aos amigos e amigas que partilharam dos momentos de dúvidas e angústias.

Aos colegas de turma por serem um alento em meio aos momentos estressantes.

À orientadora Prof^a. Carla pelos ensinamentos e confiança depositada na proposta de pesquisa.

Aos professores que compõem a banca de avaliação, Prof. Aristeu e Prof^a. Sirlei, pela disponibilidade ao contribuir com este trabalho.

Às mulheres negras do Instituto Federal Farroupilha, principalmente as que participaram desta pesquisa, pela confiança e trocas de experiências.

A todos o meu agradecimento especial pela grande contribuição para que a realização desta Dissertação de Mestrado fosse possível.

RESUMO

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA E A EXPLICITAÇÃO DE SUA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL NO CONTEXTO ACADÊMICO DO INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA - CAMPUS SÃO VICENTE DO SUL

Autora: Laís Braga Costa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Rosane da Silva Tavares Alves

Esta Dissertação de Mestrado apresenta como *corpus* o Instituto Federal Farroupilha Campus de São Vicente do Sul. A proposta de pesquisa possui como tema os aspectos socioculturais que envolvem a mulher negra acadêmica do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, estando em consonância com a linha de pesquisa de Linguagem, comunicação e sociedade, dentro do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. A questão central da pesquisa realizada ocorre a partir do seguinte questionamento: como se dá a representação da mulher negra e a explicitação de sua identidade sociocultural, no contexto acadêmico do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul. Para tanto, objetiva-se discutir aspectos interdisciplinares que dizem respeito a questões sociais e culturais que permeiam o contexto da vida contemporânea. Por se tratar de uma pesquisa social interdisciplinar, é de natureza qualitativa e recorre ao procedimento da pesquisa participante e bibliográfica, utilizando-se como técnica para coleta de dados o questionário semiestruturado e a técnica do grupo focal. Ainda como complemento recorreu-se à técnica bola de neve. A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, possuindo uma natureza qualitativa. Sendo assim, acredita-se que a aplicação deste estudo, que visa tratar a questão de gênero, em uma instituição pública de ensino, possui relevância no que diz respeito à promoção de desenvolvimento social, tanto para as mulheres negras acadêmicas, quanto para a comunidade acadêmica do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, em geral.

Palavras-chave: Mulheres negras. Machismo. Racismo.

LISTA DE SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
COREDE	Conselho Regional de Desenvolvimento
FECOBAT	Feira de Comércio da Batata Doce
Flacso	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFFar	Instituto Federal Farroupilha
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
NAPNE	Núcleo de Apoio à Pessoa com Necessidades Especiais
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros
NEABI	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
NUGEDIS	Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual
PPG	Programa de Pós Graduação
SRA	Setor de Registros Acadêmicos
SVS	São Vicente do Sul
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFAL	Universidade Federal do Alagoas
UNICRUZ	Universidade de Cruz Alta

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Mapa das unidades do Instituto Federal Farroupilha.....	22
Figura 2.	Pesquisa sobre o perfil dos estudantes (forma de ingresso)	24
Figura 3.	Pesquisa sobre o perfil dos estudantes (autodeclaração).....	24
Figura 4.	Perfil no Instagram Feminismonegro.....	40
Figura 5.	Perfil no Instagram Feminismonegro.....	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Levantamento no sistema TI digital sobre autodeclaração das alunas.....	25
Quadro 2.	Dados fornecidos pelo SRA sobre autodeclaração das alunas.....	25
Quadro 3.	Respostas do questionário sobre aspectos gerais dos sujeitos da pesquisa...	26
Quadro 4.	Categorias de análise.....	28
Quadro 5.	Respostas do questionário sobre aspectos relacionados à opressão de gênero.....	37
Quadro 6.	Respostas do questionário sobre autodeclaração racial.....	49
Quadro 7.	Respostas do questionário sobre opressão de raça.....	54
Quadro 8.	Respostas do questionário sobre participação em grupos de expressão artística.....	82
Quadro 9.	Respostas do questionário sobre frequência em manifestações culturais.....	84
Quadro 10.	Respostas do questionário sobre preferências de expressões de arte.....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Renda, pobreza e desigualdade – Município – São Vicente do Sul – RS	65
------------------	---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Problema de pesquisa.....	10
1.2 Objetivos.....	11
1.2.1 Objetivo geral.....	11
1.2.2 Objetivos específicos.....	11
1.3 Hipóteses.....	11
1.4 Justificativa	12
1.5 Estrutura da dissertação	13
2 CAMINHO METODOLÓGICO	15
2.1 Abordagem e Tipo de Pesquisa.....	15
2.2 Contexto da pesquisa	21
2.2.1 Sujeitos da pesquisa	23
2.3 Instrumentos e Procedimentos de Pesquisa	26
2.4 Análise e interpretação dos dados da pesquisa	27
2.5 Cuidados éticos	28
3 ASPECTOS CULTURAIS E OPRESSÃO DE GÊNERO E RAÇA	29
3.1 Peculiaridades do recorte racial dentro da perspectiva do estudo de gênero	48
4 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO E SUA DIMENSÃO COLETIVA....	61
4.1 Influências étnico-culturais do entorno do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul.....	67
4.1.1 Mulheres negras e sua identidade sociocultural.....	73
4.1.2 Representação política da mulher negra no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul	79
4.1.3 Manifestações socioculturais.....	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICES	110
ANEXOS	118

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz como tema aspectos socioculturais da mulher negra no Instituto Federal Farroupilha e visa analisar como ocorre a representação da mulher negra e a explicitação de sua identidade sociocultural, tendo como delimitação o contexto acadêmico do Campus São Vicente do Sul-RS. Dessa forma, insere-se na linha de pesquisa de Linguagem, comunicação e sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. A discussão teórica aborda a compreensão de gênero e suas desigualdades, a identidade dos negros na cultura brasileira e as representações socioculturais que permeiam a comunidade acadêmica da unidade de São Vicente do Sul do Instituto Federal Farroupilha.

Em termos ontológicos, no que tange aos sujeitos participantes da pesquisa, acredita-se na posição crítica da mulher negra a respeito das temáticas próprias desse grupo social, que envolvem opressão de gênero e de raça. Epistemologicamente, são tratados temas como gênero e desigualdade social, identidade sociocultural e representações socioculturais no entorno do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, elegendo-se fontes referenciais, como: Davis (2016), (2017); Beauvoir (2016); Gomes (2002), (2003), (2012); Louro (2017); Moura (2005). Além disso, buscou-se base referencial sobre os fundamentos da pesquisa interdisciplinar social de natureza qualitativa, recorrendo-se a autores como Fazenda (1991); Minayo (2012); Gatti (2012); Franco (2012).

1.1 Problema de pesquisa

As instituições de ensino são um ambiente propício à desconstrução de práticas nocivas preestabelecidas socialmente (machismo, racismo, LGBTfobia), as quais contribuem para a exclusão de alguns grupos não dominantes, dentro da estrutura social brasileira.

Assim sendo, a partir das concepções de opressão de gênero e de raça (que são objeto de investigação), as quais se relacionam diretamente com os sujeitos desta pesquisa, o problema que constitui o centro desta Dissertação de Mestrado é: Como se dá a representação da mulher negra e a explicitação de sua identidade sociocultural, no contexto acadêmico do

Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Tendo em vista o problema de pesquisa apresentado, a investigação buscou o alcance do seguinte objetivo geral:

Analisar como ocorre a representação da mulher negra e sua identidade em termos sociais, culturais e políticos, no universo acadêmico do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul.

1.2.2 Objetivos específicos

Para o alcance do objetivo geral, foram propostos os objetivos específicos, a seguir:

- Identificar quem são as mulheres que se declaram como negras no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, na atualidade, verificando os espaços em que atuam;
- Refletir sobre a percepção da mulher negra quanto à sua identidade;
- Analisar a representação sociocultural e política da mulher negra no contexto do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul;
- Reconhecer as manifestações culturais que se apresentam como preferência da mulher negra, no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, e discutir a respeito.

1.3 Hipóteses

As hipóteses formuladas para a questão pesquisada são duas.

A primeira é a de que embora exista uma representação de mulheres negras no contexto do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, estas se encontram desarticuladas em termos sociopolíticos, não conseguindo, dessa forma, imprimir uma identidade negra, dentre as mulheres que compõem a comunidade acadêmica da instituição.

A segunda hipótese parte da premissa de que existe, na comunidade acadêmica, uma invisibilização da temática de gênero com recorte racial e, portanto, não existe uma representação de mulheres negras no contexto do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul.

1.4 Justificativa

Conforme se observa na Lei 11.892/2008, uma das políticas governamentais para a democratização do acesso à educação difundiu a Rede de Educação Profissional e Tecnológica em todo país, por meio dos institutos federais, instituições de educação superior, básica e profissional. Neles estão contemplados públicos que compõem desde a educação básica até a pós-graduação *stricto sensu*. A unidade do Instituto Federal Farroupilha, localizada no município de São Vicente do Sul-RS, tem como principais cursos ofertados os técnicos de nível médio preferencialmente integrados, os cursos de formação inicial e continuada e os cursos de nível superior, sendo que 20% das vagas devem ser destinadas às licenciaturas e programas de formação docente da educação básica (BRASIL, 2008).

Diante da pluralidade do público interno dessa instituição, o processo de contemplar toda a diversidade presente na comunidade acadêmica constitui-se em um desafio e, atualmente, são atuantes, no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, núcleos específicos que visam desenvolver estudos e propor ações que promovam a inclusão de negros, indígenas, pessoas com deficiência, mulheres, gays, lésbicas e transexuais, como: o NEABI- Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, o NAPNE- Núcleo de Apoio à Pessoa com Necessidades Especiais e o Nugedis- Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual.

Justifica-se a realização desta pesquisa que analisou como se dá a representação da mulher negra e a explicitação de sua identidade sociocultural, no contexto acadêmico do Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul, por se tratar de uma instituição que atinge públicos que estão distantes dos grandes centros urbanos, logo se encontra uma oportunidade de buscar compreender como se dão as relações sociais, no ambiente acadêmico, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

Cabe destacar que a autora desta dissertação atua, desde 2012, na referida instituição

de ensino como técnico-administrativa em educação, no cargo de bibliotecária. Logo, uma das motivações que levaram à escolha do tema de pesquisa se deu pelo motivo de a prática profissional da pesquisadora estar pautada em princípios que levam em consideração a emancipação social de grupos não dominantes.

Exemplifica-se isso, a partir da atuação da pesquisadora, como membro do Núcleo de estudos Afro-Brasileiros e Indígenas-NEABI¹, no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, isso contribuiu para a aproximação com o tema de pesquisa por meio das discussões e dos estudos realizados no âmbito institucional sobre ações que visam promover a inclusão social de negros e negras do instituto².

Além disso, o interesse em pesquisar a questão de gênero atrelada à questão racial parte das peculiaridades de situações vividas pelas mulheres negras nos espaços sociais pelo fato de sofrerem dupla opressão, pela questão étnica e de gênero.

Sendo assim, entende-se que a realização de uma pesquisa social, de natureza qualitativa, com aspectos interdisciplinares e que visa tratar a questão de gênero em uma instituição pública de ensino, possui relevância no que diz respeito à promoção de desenvolvimento social, tanto para as mulheres negras acadêmicas, quanto para a comunidade acadêmica do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, em geral.

Em termos acadêmicos, a presente pesquisa contribui com os estudos de gênero, mais especificamente da representação da mulher negra, bem como a visibilidade de sua identidade quanto aos aspectos sociais e culturais, tendo como recorte contextual o meio acadêmico do Instituto Farroupilha do campus situado em São Vicente do Sul, no Rio Grande do Sul.

1.5 Estrutura da dissertação

¹ Com o assessoramento do NEABI, a intenção é implementar as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Culturas Afro-brasileira e Indígena. As ações do NEABI se direcionam para uma educação pluricultural e pluriétnica, para a construção da cidadania por meio da valorização da identidade racial, principalmente de negros, afrodescendentes e indígenas. Nesse sentido, a atuação dos NEABIs não se resume nas Semanas de Consciência Indígena e Negra, mas no acompanhamento dos estudantes, na conexão com movimentos sociais, na transversalidade dos conteúdos curriculares. (INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA, 2016)

² Ver Jornada de Educação e Cultura Afrobrasileira e Indígena – NEABI Instituto Federal Farroupilha campus Júlio de Castilhos.

Esta dissertação apresenta-se estruturada, a partir dos seguintes capítulos: Introdução; Caminho metodológico; Aspectos culturais e opressão de gênero e raça; Formação identitária do sujeito e sua dimensão coletiva, Considerações finais, além de Referências, Apêndices e Anexos.

Na introdução, são apresentados os seguintes itens: Problema de pesquisa, Objetivos, Hipóteses, Justificativa e Estrutura da dissertação. Em relação ao Caminho metodológico, apresenta-se Abordagem e tipo de pesquisa, Contexto da pesquisa, Sujeitos da pesquisa, Instrumentos e procedimentos de pesquisa, Análise e interpretação do *corpus* da pesquisa, bem como Cuidados éticos.

Quanto ao capítulo Aspectos culturais e opressão de gênero e raça, este subdivide-se no subcapítulo intitulado Peculiaridade do recorte racial dentro da perspectiva do estudo de gênero. Neles são discutidos os aspectos socioculturais que reservam aos indivíduos determinados papéis sociais, sobretudo o sistema de gênero enquanto elemento simbólico de opressão social, aliado aos aspectos de raça, que se constitui como mais um fator de exclusão social. Nesta parte do trabalho, aborda-se as questões que atingem especificamente as mulheres negras no Brasil, como a violência física e simbólica, a invisibilização de pautas que envolvem em específico essas mulheres dentro dos movimentos sociais, historicamente.

No capítulo Formação identitária do sujeito e sua dimensão coletiva, apresenta-se o subcapítulo, Influências étnico-culturais do entorno do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, no qual se discute itens como: Mulheres negras e sua identidade sociocultural, Representação política da mulher negra no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul e Manifestações socioculturais. Trata-se, nesse contexto, a identidade sociocultural das mulheres negras a partir de temas que se relacionam também com a corporeidade. Procura-se apresentar como ocorre a representação sociocultural no entorno do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, e, a partir disso, compreender como e em quais espaços se pode observar a expressão sociopolítica da mulher negra no âmbito de abrangência da pesquisa, bem como ter conhecimento sobre suas preferências em termos de manifestações culturais.

2 CAMINHO METODOLÓGICO

A escolha do método representa um processo reflexivo para o pesquisador, não apenas no sentido acadêmico e com intuito de garantir que se cumpram os objetivos da pesquisa, mas também como forma de se repensar como cidadão, ser social e agente de transformação. Isso porque a pesquisa social deve se preocupar com a contribuição que poderá trazer para o desenvolvimento social aos sujeitos envolvidos com a pesquisa.

2.1 Abordagem e Tipo de Pesquisa

A pesquisa proposta foi realizada na unidade de São Vicente do Sul do Instituto Federal Farroupilha, onde se investigou como se dá a representação da mulher negra e sua identidade em termos sociais, culturais e políticos.

Esta pesquisa é de caráter interdisciplinar tendo em vista o envolvimento de diferentes temáticas, tais como: História, Sociologia, Identidade, Gênero, Mulheres, Cultura, que, de acordo com a concepção de Fazenda (1994, p. 25), constitui-se em uma “[...] resposta a como certo projeto pode tornar-se possível, com os recursos de que se dispõe para sua realização”. Nesse sentido, buscou-se com a pesquisa intervir na realidade dos sujeitos nela envolvidos, por meio do diálogo, da reflexão e proposição de ideias de enfrentamento a opressões de gênero e raça, no âmbito do Instituto Federal Farroupilha e região.

Assim, caracterizar esta investigação como interdisciplinar vai ao encontro da afirmação de Fazenda (1991, p. 30), especialmente quando se refere à interdisciplinaridade como um conjunto de caminhos percorridos que refletem na base epistemológica do trabalho desenvolvido. Corrobora-se, portanto, com as palavras da autora ao explicitar que:

[...] mesmo solitariamente, numa escrita pessoal, o pesquisador da interdisciplinaridade encontra-se atrelado aos autores que lê, às ideias que compartilha e às suas objeções. Mesmo na elaboração de minha dissertação de mestrado ou tese de doutoramento, trabalho solitário por contingências acadêmicas, essa solidão foi apenas aparente. [...] e esse exercício sistemático de maravilhar-se com o que nos é próximo, com o que nos é complemento de inspiração e de pensamento, que nos permite ousar avançar para melhor conhecer em novas direções, é que nos faz intuitivamente buscar a totalidade, a essência máxima de uma expressão e, com ela, a interdisciplinaridade.

Além do caráter interdisciplinar, por se tratar de uma pesquisa social, é de natureza qualitativa e, tomando-se por base as afirmações de Minayo (2012), as pesquisas sociais são fundamentalmente qualitativas, uma vez que levam em consideração a historicidade dos fatos sociais a serem investigados. Além dessa historicidade, considera-se a criatividade do pesquisador que influencia a pesquisa, na sua condição de sujeito-histórico.

Logo, a análise qualitativa utiliza-se de métodos que possibilitem ao pesquisador considerar o processo como algo dinâmico, não estanque e que, por conseguinte, contribua de fato para o desenvolvimento social, possuindo um caráter mais aberto e criativo. A análise qualitativa favorece, ainda, que se olhe para o objeto de pesquisa do ponto de vista coletivo, quando, por exemplo, busca-se compreender grupos sociais.

Tendo em vista que a prática profissional da pesquisadora incide no contexto acadêmico do qual as mulheres negras, público alvo desta investigação, fazem parte, ocorre, conforme explicita Lauxen (2004), a participação ativo-crítica de todos os sujeitos envolvidos no processo de trabalho. Dessa forma, trata-se de uma pesquisa participante, sobretudo por possuir os seguintes aspectos, descritos por Demo (2000, p.21): “Há na pesquisa participante um componente político que possibilita discutir a importância do processo de investigação tendo por perspectiva a intervenção na realidade social.”

Considerando a necessidade de identificar quem são as mulheres negras acadêmicas do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, foi realizado um levantamento no sistema acadêmico, sobre quem são as alunas que possuem em seus dados cadastrais a informação sobre cor/raça como sendo parda ou preta.

Como forma complementar ao levantamento realizado no sistema acadêmico, também recorreu-se à técnica bola de neve, objetivando com essa ferramenta a identificação de mulheres negras pelas próprias mulheres negras que foram a “semente” da amostra. Entende-se que a utilização de tal técnica, além de minimizar a lacuna deixada pela falta de informação sobre cor/raça dos estudantes, já que nem sempre se encontra devidamente preenchida no sistema acadêmico, possibilitou ainda um exercício profícuo sobre como o grupo pesquisado faz a leitura social de quem são as mulheres negras da instituição.

Tendo presente que há uma dificuldade de verificar quem são as mulheres acadêmicas negras da instituição, entende-se que a técnica bola de neve é um instrumento capaz de

contribuir para uma maior completude do levantamento que visa identificar essa população em especial, uma vez que:

Este tipo de amostragem implica que a partir de elementos da população já conhecidos se identifiquem outros elementos da mesma população. Os primeiros indicam os seguintes e assim sucessivamente. A amostra cresce como uma bola de neve. Frequentemente esta forma de selecionar a amostra é utilizada quando se torna impossível obter uma lista completa dos elementos da população que se quer estudar (CARMO; FERREIRA, 1998, p. 216-217).

Além disso, se faz necessária a utilização de materiais bibliográficos para que seja possível embasar a discussão acerca da questão de gênero e de identidade e representação sociocultural da mulher negra, conceitos que constituem pontos centrais a serem elucidados na pesquisa.

O aporte teórico para a construção das reflexões sobre o tema Aspectos socioculturais da mulher negra no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul teve como principais contribuições: Davis (2016), (2017); Beauvoir (2016); Gomes (2002), (2003), (2012); Louro (2017); Moura (2005). No que tange a bibliografias norteadoras para a construção do caminho metodológico para a pesquisa aplicada, destacam-se Fazenda (1991); Minayo (2012); Gatti (2012) e Franco (2012).

Após o conhecimento dos dados obtidos por meio do sistema acadêmico e das indicações provenientes da técnica bola de neve, as alunas negras da instituição foram convidadas a responder um questionário e, posteriormente, a participar de um grupo focal. Para Backes et al. (2011, p. 439):

O grupo focal representa uma fonte que intensifica o acesso às informações acerca de um fenômeno, seja pela possibilidade de gerar novas concepções ou pela análise e problematização de uma ideia em profundidade. Desenvolve-se a partir de uma perspectiva dialética, na qual o grupo possui objetivos comuns e seus participantes procuram abordá-los trabalhando como uma equipe. Nessa concepção, há uma intencionalidade de sensibilizar os participantes para operar na transformação da realidade de modo crítico e criativo.

Assim, pretendeu-se, por meio do grupo focal, fomentar a discussão acerca de temas que envolvem em específico as mulheres negras, como em quais espaços atuam, em termos sociais, políticos e culturais.

A pesquisa de campo tem o objetivo de buscar respostas para o problema de pesquisa,

a partir do conhecimento obtido com o grupo de mulheres negras acadêmicas do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, as quais constituem os sujeitos da pesquisa.

Como o objeto de pesquisa visou identificar aspectos referentes a um grupo específico de mulheres pertencentes a comunidade acadêmica do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, objetivando conhecer e refletir sobre a representatividade das mulheres negras e sua identidade em termos sociais, culturais e políticos, após a identificação de quem são as mulheres negras da instituição, utilizou-se como técnica para coleta de dados o grupo focal, a fim de buscar compreender, a partir do próprio grupo pesquisado, como ocorre, na prática, a atuação social dessas mulheres.

Pensando-se em valorizar o lugar de fala das mulheres negras do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, na construção do conhecimento acerca do tema da pesquisa, recorreu-se a Gonzales Rey (2012), que se refere à comunicação na pesquisa qualitativa em ciências antropológicas, afirmando que a pesquisa trata de um processo de comunicação, dialógico, já que o homem, permanentemente se comunica, nos diversos espaços sociais em que vive.

Gonzales Rey (2012) destaca, ainda, que a comunicação é uma via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo, as diversas condições objetivas da vida social que afetam o homem.

Sendo assim, utiliza-se da concepção de Gatti (2012) que discorre sobre as especificidades dos grupos focais, alegando que estes permitem que exista uma profundidade significativa na coleta dos dados de uma pesquisa qualitativa, pois têm a característica de facilitar a expressão de ideias e experiências e possibilitam perceber qual informação é silenciada, dentro do grupo. Além disso, encorajam a participação de todos os membros.

Considerando que existem pontos em comum, dentre os sujeitos do grupo a ser pesquisado, tais como: a autodeclaração racial, o gênero e o espaço acadêmico, optou-se por utilizar grupo focal, para que a discussão acerca da questão relacionada à mulher negra ocorra coletivamente. A escolha desta técnica de investigação qualitativa ocorreu, a partir da intenção da pesquisadora de priorizar a vivência pessoal dos indivíduos que compõem o grupo pesquisado, como elemento principal para a discussão do tema de pesquisa. Com base nas

considerações de Gatti (2012), observou-se que a técnica grupo focal é adequada para pesquisas sociais com grupos que possuem características comuns:

Os trabalhos com grupos focais permitem compreender processos da construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia *[sic]* e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros (GATTI, 2012, p. 11).

A partir do que expõe a autora citada, é possível dizer que o grupo focal possibilita uma riqueza de informações relevantes para a identificação do entendimento do grupo de mulheres negras, acadêmicas do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, sobre o tema de pesquisa, pois o próprio grupo pesquisado teve a incumbência de elencar quais questões devem ser pautadas para a discussão acerca do feminino e das temáticas que se somam ao gênero, como raça.

Corroborando com o preceito de construção coletiva de conhecimento, possibilitada pelos grupos focais, a afirmação de Gozález Rey (2012):

A pesquisa representa, nas ciências antropológicas, um espaço permanente de comunicação que terá um valor essencial para os processos de produção de sentido dos sujeitos pesquisados nos diferentes momentos de sua participação nesse processo. A pessoa que participa da pesquisa não se expressará por causa da pressão de uma exigência instrumental externa a ela, mas por causa de uma necessidade pessoal que se desenvolverá, crescentemente, no próprio espaço da pesquisa, por meio dos diferentes sistemas de relação constituídos nesse processo.

Nesse contexto, leva-se em consideração a relação do conhecimento construído a partir da pesquisa científica com o meio, por esse motivo é fundamental compreender a pesquisa como um processo coletivo de produção de conhecimentos que tenha a função social de emancipação para os grupos oprimidos. Para isso, a pesquisa deve ser pensada de forma a valorizar o conhecimento proveniente do grupo social ao qual se propõe a intervir, garantindo, por meio dos caminhos metodológicos a serem utilizados, que os públicos alvos da pesquisa não sejam silenciados pelo conhecimento hegemônico e dominante da universidade.

Em entrevista publicada pela revista *Tempus*, o sociólogo Boaventura de Souza Santos

refere-se ao cuidado que os cientistas sociais precisam tomar quanto a algumas práticas silenciadoras e excludentes em relação às populações oprimidas:

[...] A pior coisa é um cientista que quer ajudar a todo o custo, porque esse normalmente quer ajudar nos seus próprios termos. E as pessoas e os movimentos querem ser ajudados nos seus termos, ou seja, entre-ajuda, mutirão. A ecologia dos saberes é uma minga, como dizem os indígenas latino-americanos, é um mutirão, constrói-se coletivamente. Então, a primeira coisa é que esses cientistas têm que saber escutar, e não apenas falar. Saber escutar profundamente é um dos princípios básicos da ecologia dos saberes (CARNEIRO; KREFTA e FOLGADO, 2014).

De acordo com o exposto, o ato de saber ouvir é uma prática necessária para o diálogo dos diferentes saberes, já que favorece que os grupos subjugados dentro do processo de construção do conhecimento, possam ter voz, a fim de que seus saberes sejam também reconhecidos.

Nesse sentido, reafirma-se a adequabilidade da utilização do grupo focal na coleta de dados da presente pesquisa, pois ofereceu condições para que as participantes pudessem interagir, fazer críticas e se posicionar sobre o tema, para o qual foram convidadas a conversar.

As estratégias de aplicação na mediação das falas consideraram a necessidade de fomentar, no grupo focal, discussões sobre gênero e raça. A partir do aporte teórico sobre esta técnica metodológica observa-se a utilização de elementos de dinâmicas em grupo, indo ao encontro do que expõe Ressel et al. (2008, p. 781) ao relatar uma experiência de uso dessa técnica em pesquisa na área da saúde: “Em alguns encontros, optou-se por empregar técnicas comumente utilizadas em oficinas didáticas, entre elas as técnicas de explosão de idéias [sic], colagem em cartaz e de modelagem em argila.”

Dessa forma, neste trabalho, para fomentar a discussão, no grupo focal com mulheres negras estudantes do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, utilizou-se imagens (Anexo B) extraídas de perfis de redes sociais, como o Instagram e o Facebook e do Google, que abordam a temática da emancipação social da mulher e da resistência ao racismo. A utilização das referidas imagens teve a função de auxiliar na condução da conversa do grupo, porém as participantes ficaram livres para abordar questões diversas.

Cabe destacar também a concepção de Ressel et al. (2008, p. 780) sobre grupos focais, ao afirmar que este “[...] pode ser associado a outras técnicas de coleta de dados,

concomitantemente.” Reforça a afirmação acima mencionada Dias (2000, p.3) apud Vaughn et al. (1996), ao destacar que “[...] a entrevista de grupo focal é uma técnica qualitativa que pode ser usada sozinha ou com outras técnicas qualitativas ou quantitativas para aprofundar o conhecimento das necessidades de usuários e clientes.”

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário com perguntas abertas e de múltipla escolha, a ser aplicado com as mulheres negras estudantes do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul.

O questionário possibilitou a captação de dados concretos junto às mulheres negras participantes da pesquisa, uma vez que, por meio da técnica do grupo focal, há o favorecimento das questões que envolvem a subjetividade humana. Logo, a fim de se alcançar os objetivos propostos, utilizou-se questionário para subsidiar a análise de conteúdo desenvolvida com o material proveniente da técnica em grupo.

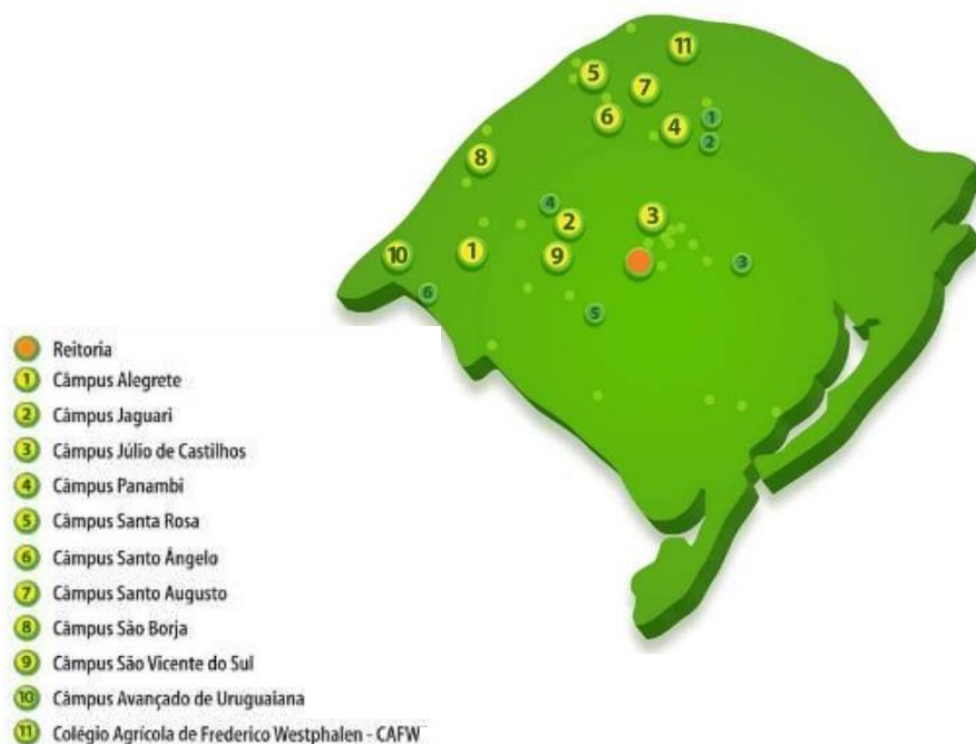
A análise dos dados coletados foi realizada por meio da análise de conteúdo que, conforme Franco (2012, p. 63) “[...] a criação de categorias é o ponto crucial da análise de conteúdo”. Nesse sentido, a referida autora aponta dois caminhos para a elaboração das categorias de análise: *a priori* e *a posteriori*.

Tendo em vista a análise fundamentalmente qualitativa que se pretendeu com a pesquisa desenvolvida, optou-se por utilizar a criação de categorias *a posteriori*, considerando para tanto, as respostas obtidas pelo questionário e pelo grupo focal.

2.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul, situado na região centro-oeste do Rio Grande do Sul, conforme se pode observar no mapa extraído o Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018, da referida instituição.

Figura 1. Mapa das unidades do Instituto Federal Farroupilha.



Fonte: (INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA, 2014).

A unidade de São Vicente do Sul do Instituto Federal Farroupilha, situada no município de São Vicente do Sul, na Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense, possui uma área de 332 hectares, dos quais 97 hectares são ocupados pela sede do Campus, localizada a 2 Km do centro da cidade de São Vicente do Sul, e 235 hectares pela fazenda-escola, com acesso pela RS 640, à distância de 15 Km da sede.

O Campus foi implantado na Fase da Pré-Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Sua criação foi consolidada em 1954, por meio de um acordo firmado entre o governo da União e o então município de General Vargas, sob a denominação de Escola de Iniciação Agrícola. [...] Em 2008, por meio da integração do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Vicente do Sul e da Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, com suas respectivas unidades, passou a fazer parte do IF Farroupilha. O Instituto Federal Farroupilha de São Vicente do Sul atua nos seguintes Eixos Tecnológicos: Desenvolvimento

Educacional e Social; Informação e Comunicação; Gestão e Negócios; Produção Alimentícia e Recursos Naturais (INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA, 2014).

2.2.1 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são mulheres negras estudantes do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, as quais foram convidadas a responder um questionário semiestruturado e a participar de um grupo focal, que contou com três encontros.

Essas alunas foram convidadas a participar da pesquisa por meio de contato telefônico e rede social Facebook. Por ocasião da abordagem inicial, a pesquisadora apresentou as formas possíveis de participação, que consistiam em responder um questionário, participar de encontros do grupo focal e indicar outra aluna negra que pudesse ter interesse em participar da pesquisa.

A partir disso, dentre as alunas contatadas, seis concordaram em responder o questionário, dessas apenas quatro se disponibilizaram a participar dos encontros do grupo focal. Houve ainda a participação de duas alunas no grupo focal que não responderam o questionário semiestruturado, assim, na técnica grupo focal contou-se com seis participantes.

Conforme já mencionado no item “Abordagem e tipo de pesquisa”, houve uma certa dificuldade de acessar dados acerca da autodeclaração racial dos estudantes da instituição. Na busca por informações dessa natureza, na fase inicial da pesquisa, se teve acesso a dados fornecidos pelo setor de assistência estudantil do campus São Vicente do Sul. Os dados fornecidos são do ano de 2016 e contribuem para um panorama dos alunos, embora não possuam um recorte de gênero.

A figura, a seguir, mostra a forma de ingresso do estudante no IFF, pelo sistema de ações afirmativas/ reserva de vagas. Assim, quanto a ações afirmativas para sujeitos autodeclarados pretos, pardos e indígenas há o total de 24 respondentes.

Figura 2. Pesquisa sobre o perfil dos estudantes (forma de ingresso).

21. Ingressou no Instituto através do sistema de ações afirmativas/reserva de vagas?

Resposta	Contagem	Porcentagem
Não (A1)	99	41.95%
Pessoa com Deficiência (PcD) (A2)	3	1.27%
Candidatos egressos de Escola Pública, com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salários-mínimos (um salário-mínimo e meio) per capita EP ? 1,5) (A3)	76	32.20%
Candidatos egressos de Escola Pública, com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salários-mínimos (um salário-mínimo e meio) per capita, autodeclarados pretos (PRE), pardos (PAR) ou indígenas (IND); (A4)	16	6.78%
Candidatos egressos de Escola Pública, com renda familiar bruta mensal superior a 1,5 salários-mínimos (um salário-mínimo e meio) per capita (EP > 1,5) (A5)	20	8.47%
Candidatos egressos de Escola Pública, com renda familiar bruta mensal superior a 1,5 salários-mínimos per capita, autodeclarados pretos (PRE), pardos (PAR) ou indígenas (IND) (A6)	8	3.39%
Candidatos egressos de Escola Pública Rural (A7)	14	5.93%
Sem resposta	0	0.00%
Não mostrados	0	0.00%

Fonte: E-mail da cae.svs@iffarroupilha.edu.br

Ainda no quesito de autodeclaração étnica, nota-se, no item 49 da pesquisa institucional do IFF São Vicente do Sul, que 49 indivíduos se reconhecem como pretos e pardos. Tais informações trazem um panorama, ainda que geral, acerca dos sujeitos da pesquisa realizada com enfoque na questão racial e de gênero.

Figura 3. Pesquisa sobre o perfil dos estudantes (autodeclaração).

49. Você se declara:

Resposta	Contagem	Porcentagem
Branco (A1)	186	78.81%
Preto (A2)	7	2.97%
Indígena (A3)	0	0.00%
Amarelo (A4)	0	0.00%
Pardo (A5)	42	17.80%
Outros	1	0.42%
Sem resposta	0	0.00%
Não mostrados	0	0.00%

Fonte: E-mail da cae.svs@iffarroupilha.edu.br

Os institutos federais são instituições de educação superior, básica e profissional. Os

principais cursos ofertados são: cursos técnicos de nível médio, preferencialmente integrados, cursos de formação inicial e continuada e cursos de nível superior, sendo que 20% das vagas devem ser destinadas para licenciaturas e programas de formação docente da educação básica (BRASIL, 2008). Os profissionais que atuam nessas unidades de ensino são basicamente docentes da carreira EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico), e Técnico-Administrativos em educação.

O levantamento realizado no sistema acadêmico *TI digital* acusa a autodeclaração como preta ou parda de onze mulheres acadêmicas. Já os dados fornecidos pelo Setor de Registros - SRA acadêmicos do campus São Vicente do Sul apresenta 21 mulheres negras, conforme se pode observar nos quadros a seguir:

Quadro 1. Levantamento no sistema TI digital sobre autodeclaração das alunas (2016).

Cursos/2016	Preta	Parda
Bacharelado em Administração		1
Curso Técnico em Administração integrado ao ensino médio		3
Curso Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio		7
Licenciatura em Ciências Biológicas		2
Licenciatura em Ciências Química	1	1
Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas		1
Curso Técnico em Zootecnia Subsequente ao ensino médio		2
Curso Técnico em Manutenção e Suporte em informática integrado ao ensino médio	1	1
Curso Técnico em Agricultura Subsequente ao ensino médio		1

Fonte: pesquisa realizada pela autora no sistema TI-Digital

Quadro 2. Dados fornecidos pelo SRA sobre autodeclaração das alunas (2015).

Cursos/2015	Preta	Parda
Bacharelado em Administração	1	2
Curso Técnico em Administração integrado ao ensino médio		3
Curso Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio		1
Licenciatura em Ciências Biológicas		2
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública		1

Fonte: SRA campus São Vicente do Sul.

As mulheres negras acadêmicas do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul que responderam o questionário semiestruturado e que, portanto, constituem os

sujeitos desta pesquisa, residem nas cidades de São Vicente do Sul, Cacequi, Nova Esperança do Sul e Jaguari. Além disso, as respondentes encontram-se na faixa etária de 16 a 43 anos. Estão representados dentre as respondentes os cursos: Técnico em Administração, Gestão Pública, Bacharelado em Administração e Licenciatura em Ciências Biológicas. No que tange à atuação profissional, todas responderam que não possuem vínculo empregatício. No quadro abaixo, pode-se observar com maiores detalhes as informações sobre as respondentes do questionário.

Quadro 3. Respostas do questionário sobre aspectos gerais dos sujeitos da pesquisa.

Respondentes ³	Cidade natal:	Onde reside atualmente:	Idade:	Está vinculada a qual curso do IFFar, atualmente?	Vínculo profissional:
Sujeito 1	São Vicente do Sul	São Vicente do Sul	19	Gestão pública	Nenhum
Sujeito 2	Cacequi	Cacequi	41	Bacharelado em Administração	
Sujeito 3	São Vicente do Sul	São Vicente do Sul	43	Licenciatura biologia	Autônoma, estudante
Sujeito 4	São Vicente do Sul	São Vicente do Sul	39	Licenciatura em ciências biológicas	Não trabalho sou dona de casa e estudante
Sujeito 5	Jaguari	Jaguari	19	Licenciatura em ciências biológicas	Estagiária
Sujeito 6	Santiago	Nova Esperança do Sul	16	Técnico em Administração	Não

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

2.3 Instrumentos e Procedimentos de Pesquisa

A presente pesquisa participante orienta-se pela perspectiva da questão de gênero e representação feminina, buscando analisar *A representação da mulher negra e a explicitação*

³ Não serão identificadas as participantes da pesquisa, utiliza-se a expressão sujeito e o número correspondente, preservando o sigilo de seus dados.

de sua identidade sociocultural no contexto acadêmico do Instituto Federal Farroupilha, Campus São Vicente do Sul-RS.

Inicialmente em termos de procedimentos, realizou-se uma pesquisa documental por meio de levantamento no sistema acadêmico do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, além disso para complementar a identificação de mulheres negras utilizou-se a técnica bola de neve. A partir de então, as mulheres negras foram convidadas a responder um questionário semiestruturado e a participar de um grupo focal para a discussão de temas referentes a questões socioculturais que envolvem em específico o grupo.

Portanto, os instrumentos de pesquisa foram os dados levantados na pesquisa documental e pela técnica bola de neve, o material produzido pela interação em grupo, a partir da técnica grupo focal e questionário com perguntas abertas e de múltipla escolha aplicado às mulheres negras participantes do grupo focal.

Além disso, o questionário (APÊNDICE B) foi aplicado com as mulheres negras do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul do Sul. Essas mulheres conheceram os objetivos da pesquisa, os riscos e os benefícios, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As alunas que aceitaram responder o questionário receberam uma cópia do documento (TCLE). Assim, foram preenchidas duas vias, uma para a participante, e a outra para a pesquisadora (APÊNDICE A).

2.4 Análise e interpretação dos dados da pesquisa

Os dados levantados na pesquisa foram analisados qualitativamente, pela perspectiva da análise de conteúdo, utilizando-se da técnica categorial. Franco (2012) contrapõe duas possibilidades de categorização, logo, tem-se que as categorias criadas *a priori* são preestabelecidas antes do conhecimento do conteúdo e buscam responder um questionamento do pesquisador, enquanto que as categorias criadas *a posteriori* são definidas a partir da fala, dos discursos, enfim, do conteúdo proveniente da coleta de dados da pesquisa. No segundo caso, as categorias vão sendo criadas, conforme são apontadas nas respostas, para depois serem interpretadas com base em pressupostos teóricos.

Ante o exposto e, ainda tendo presente a colaboração de seis mulheres negras

participantes do grupo focal, as quais são também respondentes do questionário semiestruturado, utilizou-se para análise dos dados a categorização *a posteriori*, visto que o tamanho da amostra não possui grande volume. As categorias de análise que foram utilizadas para discussão dos resultados são: corporeidade e estética, vivências femininas e representação da mulher negra. Apresenta-se, no quadro 4, abaixo, as categorias de forma mais detalhada:

Quadro 4. Categorias de análise

Corporeidade e estética	Vivências femininas	Representação da mulher negra
- Autodeclaração; - Pele; - Cabelo e - Gorda/magra.	- Cantadas; - Invisibilização do discurso; - Criação diferente dos homens e - Concurso de beleza.	- Nuggedis e NEABI; - O campus; - As cidades e a região; - Identidade e - Manifestações culturais.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

2.5 Cuidados éticos

O projeto desta dissertação foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Universidade de Cruz Alta, em maio de 2017. O parecer consubstanciado do CEP (ANEXO A) apresenta o número 6777817.0.00005322 de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética- CAAE do projeto de pesquisa.

3 ASPECTOS CULTURAIS E OPRESSÃO DE GÊNERO E RAÇA

A cultura, entendida como um conjunto de regras inteligíveis por um determinado grupo de indivíduos que pertence a um contexto histórico social comum, é capaz de determinar um padrão comportamental baseado no que é compreendido como regra instituída para manter a ordem social⁴. A sociedade brasileira, que teve uma origem desigual, haja vista a relação de exploração do branco colonizador sobre o índio nativo e o africano escravizado, é marcada por relações de desigualdade étnica, social e cultural.

De acordo com Laraia (2001, p. 68), “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

A partir do que apresenta Laraia (2001), pode-se entender que os traços culturais são capazes de justificar características nos indivíduos sejam elas comportamentais, sociais, linguísticas ou fisiológicas.

Em se tratando de cultura e sociedades distintas, Santos (2006) afirma que são muitas as questões a serem avaliadas, na sociedade brasileira, dentre as quais características regionais, faixa etária, escolarização e descendência. Uma característica marcante das sociedades contemporâneas é a grande diversidade interna, há, por exemplo, setores que são donos das indústrias, fazendas, bancos, empresas, assim como há os trabalhadores dessas organizações. Isso é basicamente o que é considerado, quando se fala em classes sociais. Porém, as classes sociais possuem uma diferenciação mais complexa, pois nem mesmo dentre a classe trabalhadora a forma de viver é homogênea, visto que o trabalhador rural tem uma realidade diferente do trabalhador industrial, da mesma forma que os trabalhadores se diferem das trabalhadoras.

No que diz respeito à concepção de cultura, Brandão e Duarte (2004, p.10) afirmam que, além dos aspectos materiais, também os bens imateriais são produtos culturais, cabendo a eles a normatização da vida em sociedade:

⁴ Ver: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

A cultura compreende os bens materiais, como utensílios, ferramentas, moradias, meios de transporte, comunicação e outros; e também os bens não-materiais, como as representações simbólicas, os conhecimentos, as crenças e os sistemas de valores, isto é, o conjunto de normas que orientam a vida em sociedade.

A cultura é um mecanismo que impõe aos indivíduos papéis de gênero, e que confere a estes status social por condições que envolvem, além do gênero a sexualidade, a etnia, a nacionalidade, a classe, entre outros aspectos. Para Brandão e Duarte (2004, p. 10) “O ser humano distingue-se dos outros animais pela capacidade de criar, de pensar, ordenar seus pensamentos e suas ações, projetar no futuro essas ações e, acima de tudo, transmitir suas experiências às gerações futuras”.

“O homem é produto e produtor de cultura” Brandão e Duarte (2004, p. 10). Nesse sentido, é interessante destacar que, em se tratando da cultura brasileira, verifica-se que houve uma influência cultural muito significativa decorrente do fato de o país ter vivenciado um longo período de escravidão, mais de dois terços da história do Brasil, entretanto a abolição da escravidão se configurou como uma mera formalidade, uma vez que não foram tomadas medidas efetivas para a inclusão social da população negra. Embora o Brasil tenha deixado de ser colônia de Portugal, as estruturas e as relações de poder são ainda típicas da cultura colonial, pois, ainda se vive em uma sociedade estruturalmente racista, patriarcal e classista. (SAMPAIO, 2016).

O racismo para Shohat e Stam (2006, p.51) é “a tentativa de estigmatizar a diferença com o propósito de justificar vantagens injustas ou abusos de poder [...] É, por definição, ‘a expressão ou exercício do poder de um grupo’.”

Como uma das consequências do racismo tem-se a difícil inserção das pautas negras nos variados espaços sociais, cabendo a colocação de Ribeiro (2016, p. 128) ao afirmar que “a atuação política dos movimentos sociais negros se mostra imprescindível [...] grupos mais vulneráveis precisam ter espaço para falar a partir de suas realidades para que seja possível a reconfiguração das ações políticas e debates.”

Louro (2017, p. 68) menciona a marca de resistência negra presente na própria palavra “negro”, destacando que por meio da luta social a expressão “negro” tornou-se uma marca identitária, sinônimo de resistência.

É verdade que as palavras não têm um significado fixo e nem único, mas os vestígios de seu passado também não se apagam completamente. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a palavra “negro”. Se, por tanto tempo, “negro” foi uma expressão usada com desprezo, também se tornou, contemporaneamente, à custa de muita luta, uma expressão de afirmação e orgulho. O movimento negro ressignificou a expressão. Mas ainda assim, a palavra carrega restos dessa história de discriminação e desrespeito. Ainda que palavras possam ser revertidas, subvertidas, recontextualizadas, elas carregam traços de seus antigos significados, vestígios que nela se sedimentaram.

É sabido que aspectos sociopolíticos que fazem parte da condição dos sujeitos são fatores determinantes para a inclusão ou não de indivíduos nos grupos hegemônicos, sendo que os principais fatores que conferem privilégios sociais são: ser homem, branco, rico, heterossexual e cisgênero. Além dessas características, pode-se destacar que também são aspectos para inclusão ou exclusão social: o nível de escolaridade, possuir alguma deficiência e a faixa etária.

Tendo presente que há elementos que contribuem para que alguns indivíduos tenham direitos fundamentais assegurados, enquanto que outros não possuem acesso sequer a condições mínimas para uma vida digna, recorre-se a Souza (2017, p. 153), quando afirma que:

O que precisa ser entendido de uma vez por todas é que ser “gente”, ser considerado “ser humano”, não é um dado natural, mas, sim, uma construção social. Existem características básicas, como consensos sociais compartilhados, que precisam ser universalizadas para que a igualdade jurídica formal tenha alguma eficácia.

A partir do exposto, cabe pensar na difícil realidade daqueles que não nascem dotados das condicionantes socialmente aceitas e, nesse sentido, é importante ter presente que, quanto mais fatores de exclusão um indivíduo carrega consigo, maior a sua probabilidade de ser marginalizado.

Considerando, portanto, o tema desta pesquisa, aspectos socioculturais das mulheres negras e o que foi discutido sobre fatores determinantes para a exclusão social, Davis (2017, p. 17) aponta que, nesse contexto, “[...] devemos subir de modo a garantir que todas nossas irmãs, independentemente da classe social, assim como todos os nossos irmãos, subam conosco. Essa deve ser a dinâmica essencial da nossa busca por poder”.

Dessa forma, destaca-se a importância da valorização das vozes dos atores sociais que vivenciam situações de desigualdade social, seja pela opressão de gênero e raça, seja de outra natureza. Conforme exposto, a ascensão das mulheres negras é um benefício para toda a

sociedade.

As questões de gênero abordam a desigualdade existente entre os gêneros, sejam eles binários ou não binários. O que se entende como binaridade de gênero é a representação de homem e de mulher, ou seja, como estão culturalmente condicionados a pensar, sendo que de maneira geral a concepção binária de gênero está atrelada à ideia de sexo biológico, logo considera que exista somente os gêneros masculino e feminino. A lógica binária de gênero é genitalizante, e vai de encontro à ideia de que o gênero é uma construção social. Contribui para a discussão Alvarenga (2006, p. 18):

Ao ser assumido no campo dos estudos feministas na década de 70 do século passado, o conceito de gênero colocou em xeque a naturalidade e a legitimidade da hierarquização social baseada no sexo biológico e, com isso, promoveu um debate que teve importantes implicações sociais, políticas e pedagógicas.

O entendimento de que o gênero é determinado a partir da genitália deixa de considerar identidades que perpassam a constituição dos sujeitos, portanto cabe esclarecer que existem diferenciações entre a ideia de sexo biológico e de gênero, sendo este último uma construção social.

No que diz respeito ao gênero como construção social cabe a explicitação de Tavares (2007, p. 100) sobre a relação sexo biológico e gênero,

A questão da identidade de gênero explicita-se pela linha da construção cultural não atrelada, obrigatoriamente, a uma classificação biológica, na concepção teórica contemporânea [...] A noção de desconstrução permeia esse entendimento. O feminino é, pois, compreendido pela presença de fatores de ordem múltipla, que envolvem as dimensões do saber, do expressar, do fazer, do sentir, entre outras, expressas pela posição sócio-histórico-política e cultural no meio em que se insere. Como lembra Schmidt (1997), a mulher assim constituída assume uma posição de sujeito enunciativo de autoridade em um discurso de veia crítica (TAVARES, 2007, p. 100).

Os estudos de gênero comprovaram que a superioridade masculina na esfera social não provinha de características genéticas superiores às das mulheres, e sim de privilégios sociais que enaltecia o homem como sendo um ser superior, digno de direitos, com acesso a instrumentos poderosos, como a educação e o voto. A partir do momento em que se pôde pensar a mulher na sociedade como sendo igual ao homem, houve e ainda há a necessidade de galgar espaços de representação para todos que não se enquadram na condição de homem

cisgênero.

Em se tratando de gêneros não binários, conforme se observa no próprio termo, essas identidades não se enquadram em características estanques da representação de homem e de mulher. Dessa forma, os gêneros não binários não entendem como sendo necessariamente do gênero masculino os sujeitos que nascem com genitália masculina, assim como não necessariamente são mulheres as pessoas que nascem com genitália feminina.

Com base no que fora apresentado sobre o gênero como uma construção social, é pertinente citar Beauvoir (2016, p.11) ao considerar que, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Tornar-se mulher compreende uma série de padrões preestabelecidos socialmente, que delimitam o espaço de atuação da mulher na sociedade. Nota-se que antes mesmo do nascimento existe uma sistematização do que é para meninos e para meninas: as cores, estampas, embalagens de presente, brinquedos são exemplos de elementos que reforçam estereótipos de gênero.

Os padrões impostos, desde a infância, contribuem para que as mulheres ajam de acordo com um tipo de comportamento, o qual não corresponde à expectativa depositada sobre os homens. Por exemplo, a mulher é criada para a vida privada, desde a infância recebe de presente bonecas, das quais ela deve cuidar, além disso, é ensinada a realizar tarefas domésticas, muitas vezes como sendo ela a única responsável pela realização destas. As meninas são estimuladas a se expressar de forma introspectiva tanto na maneira de falar, quanto de vestir.

Essa construção social de que a vida privada é papel da mulher e que a vida pública é um terreno masculino tem consequências sociais como a baixa representatividade da mulher na política, na ciência, nos esportes, enfim.

A construção de gênero atribui a homens e mulheres diferentes performances sociais, assim sendo determinados papéis tornam-se naturalizados para serem desempenhados ou por homens ou por mulheres:

O conceito de gênero tem o objetivo de chamar a atenção sobre a construção social dos sexos, sobre a produção do feminino e do masculino, não como algo dado e pronto no momento do nascimento, mas como um processo que se dá ao longo de toda a vida e vai fazendo com que as pessoas, os sujeitos, se tornem homens e mulheres de formas muito diversificadas, sempre de acordo com o que aquela sociedade, aquele momento histórico, a sua cultura, as suas relações étnicas,

religiosas, de classe consideram, permitem e possibilitam (CONFORTIN, 2003, p. 109).

Com base no exposto, pode-se dizer que há um mecanismo estrutural nas relações sociais, que alimenta a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres. A forma como a sociedade se organiza atribui às mulheres, de forma compulsória, os papéis de mães, donas de casa e esposas, ainda que essas tenham carreiras acadêmicas e profissionais, gerando cobranças e expectativas que atingem os homens de forma diferente e menos severa.

A naturalização dos papéis de gênero, que reserva a homens e mulheres diferentes espaços de atuação social, é explicitada nas palavras de Bourdieu (2010, p. 18), quando apresenta que:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se anunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres.

Com base no que expõe Bourdieu (2010) e, considerando-se que há uma conjuntura estrutural de opressão a mulheres e outras minorias, cabe a elucidação de Davis (2017, p. 36), sobre como esse fato incide sobre as mulheres negras. Embora haja uma opressão de gênero que atinja as mulheres de uma forma geral, as mulheres negras encontram-se na base da pirâmide social, no que diz respeito à desigualdade. A autora destaca que as pautas das mulheres negras foram invisibilizadas e que por conta disso as mulheres e homens da etnia branca beneficiaram-se do sistema de opressão que recai sobre as mulheres negras:

Com o propósito de elucidar de que maneira as mulheres brancas da classe média se beneficiam das conquistas de suas irmãs da classe trabalhadora e das minorias étnicas, tentemos visualizar uma pirâmide simples, dividida horizontalmente de acordo com a raça e a classe social de diferentes grupos femininos. As mulheres brancas se situam no alto – primeiro, as mulheres da burguesia, sob as quais colocamos as das classes médias e, depois, as da classe trabalhadora. Na parte mais baixa estão localizadas as mulheres negras e outras mulheres oprimidas racialmente, que em sua grande maioria vêm da classe trabalhadora.

Observa-se que a desigualdade entre grupos sociais é atravessada por concepções culturais sobre raça, gênero e classe. Nesse sentido, explicita Lauretis (1994, p. 212) que se

atribui significados às performance de gênero, de acordo com cada cultura:

O sistema de sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade.

Considerando-se o que afirma Lauretis (1994), gênero é também uma construção sociocultural. No que diz respeito às diferentes atuações sociais atribuídas compulsoriamente aos homens e mulheres, de acordo com a cultura a que estes se encontram expostos é possível afirmar que:

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais.

Em se tratando da relação desigual, quando se compara as condições sociais possíveis para homens e para mulheres, o sistema de gênero, que é um sistema simbólico, é útil à lógica do capital, que rege as relações sociais. Esse sistema de gênero traz como consequência elementos estruturais e estruturantes que colocam a mulher, assim com outros oprimidos, como um grupo em situação de vulnerabilidade dentro da estrutura social. Observa-se isso, a partir da afirmação de Saffioti (2013, p. 160):

Na medida em que se tratava de uma sociedade de classes, o princípio da igualdade entre os homens permanecia válido apenas no plano jurídico; de fato, diferenças gritantes anulavam a igualdade formal. No que tange aos sexos, a sociedade competitiva não fez senão dilatar as diferenças entre homens e mulheres.

Assim sendo, as limitações colocadas pela estrutura social são fatores determinantes para que a mulher tenha mais dificuldade de ascensão social, e de desenvolvimento de uma vida plena e realmente livre.

Sobre o aspecto do desenvolvimento social cabe mencionar Davis (2017, p. 23) ao explicitar que quando as mulheres de minorias étnicas ascendem socialmente, há como consequência a movimentação da pirâmide estrutural de desigualdade social presente nas sociedades marcadas pelo racismo e sexismo. A autora apresenta que:

Quando nós, enquanto mulheres afro-americanas, enquanto mulheres de minorias étnicas, continuamos a subir em direção ao empoderamento, erguemos conosco nossos irmãos de minorias étnicas, nossas irmãs e irmãos da classe trabalhadora branca e, efetivamente, todas as mulheres que sofrem os efeitos da opressão sexista.

Para além das diferenças de grupos sociais formados por mulheres, a fim de discutir as relações de desigualdade de gênero, presentes na sociedade pós-moderna, se faz necessária a comparação entre feminino e masculino, pois, conforme Louro (2017, p. 14), “É na diferença que se constitui a identidade, por isso, para afirmar marcas da feminilidade, será necessário lidar com marcas da masculinidade, para recusá-las e rejeitá-las”.

Nota-se que a mulher ainda recebe salários mais baixos, tem menor representatividade na política, não acessa ainda, na mesma proporção que os homens, algumas áreas do conhecimento consideradas *hard*, não exerce poder sobre o próprio corpo e tampouco possui liberdade para ir e vir.

Quanto à liberdade da mulher, verifica-se na fala do sujeito 8 o relato de uma situação que faz parte da vivência feminina. Durante o grupo focal, uma das discussões centrou-se no fato de a mulher ser tratada diferente do tratamento dado ao homem. Uma das respostas versa sobre a abordagem de homens na rua, gerando, com isso, medo e insegurança para ir e vir, na rotina da estudante.

Eu moro a 15 minutos daqui né, eu não posso ir embora sozinha. Esses dias 7h um cara num carro preto passou por mim na frente de casa, e quando eu vinha vindo o carro passou por mim de novo. O carro estava com os vidros abaixados e o cara ficou me olhando. Primeiro eu achei normal porque tem um monte de carro no horário que to vindo, aí mais adiante um pouco o carro estacionou aí eu olhei em roda, passou mais outros meninos o cara não olhou. Quando eu passei do lado do carro o cara me chamou pra dentro do carro, aí eu fiz que não era comigo. Depois o meu medo era quando eu voltasse de noite né, por que talvez ele tivesse visto de onde eu saí e eu sempre volto tarde, as vezes ta escuro já e não tem quem tu chamar ou algo do tipo. E acaba que muitas vezes as gurias tem que ir junto comigo ou até um guri junto porque senão inticam.

O relato apresentado é um exemplo de desigualdade de gênero. A opressão masculina, diante da estudante se dá pela abordagem imprópria e inconveniente do homem no carro preto. Trata-se de uma atitude machista. A aluna expressa ainda ser importunada por outros homens e meninos cotidianamente, algo que o sujeito 3 confirma ocorrer também em seu cotidiano: “as vezes nem com os gurus respeitam”.

Nota-se, nas falas, a figura do homem como uma forma de impor respeito, o que ocorre pelo fato de a cultura patriarcal entender apenas o homem como sujeito de direitos. Assim, uma mulher sozinha ou acompanhada de outras mulheres, não é digna do mesmo respeito que uma mulher acompanhada de um homem.

A socióloga Bakes (1994, p. 27) expressa no texto *A mulher e a rua: trilhas do invisível*, a situação cotidiana da mulher ao sair à rua. A autora expressa que todas as mulheres sabem a sensação de sentir-se exposta e com medo ao exercer o direito de ir e vir:

Mulher e rua...

Para começar, são dois vocábulos que, no senso comum vigente, não combinam bem; quer dizer, se prestam a maledicências. A rua, por sua própria natureza é pública. E a menina ou mulher que anda na rua também ela se torna pública (e todas sabem o que isso significa). Dá um pavor.

Rua!!! Rua!!! Já!!!

O direito de ir e vir é um dos mais básicos direitos do ser humano e nem mesmo sendo algo elementar é dado às mulheres essa liberdade de forma plena. Ao final do texto de Bakes (1994), a autora clama pelo direito de a mulher poder estar na rua, sem que seja vista como coisa pública. A opressão de gênero funciona de forma a restringir a atuação da mulher, a partir de fatos cotidianos que a coloca em situação de risco e desconforto perante violências diárias, de diferentes naturezas.

Com base nisso, apresenta-se alguns pontos levantados sobre a desigualdade de gênero, pelas mulheres negras⁵ participantes da pesquisa por meio do questionário. Os dados organizados no quadro 5, a seguir, versam sobre situações de discriminação pela condição de ser mulher, sejam situações constrangedoras ou preconceito de fato.

Com relação à inferioridade da mulher na sociedade, Beauvoir (2016, p. 44) discute sobre a estranha experiência da menina ao perceber-se mulher, na infância: “A esfera que pertence é cercada por todos os lados, limitada, dominada pelo universo masculino: por mais alto que se eleve, por mais longe que se aventure, haverá sempre um teto acima de sua cabeça, muros que lhe barrarão o caminho”.

Além da experiência de socialização da menina na infância, a autora reflete também,

⁵ Destaca-se que o registro das falas dos sujeitos participantes da pesquisa foi feito, sem correções ortográfico-gramaticais, respeitando-se as suas peculiaridades linguísticas.

nesse sentido, sobre a percepção do negro referindo-se aos negros da América do Norte como sendo “[...] parcialmente integrados numa civilização que os considera inferior”. Beauvoir (2016, p. 44) cita o romance de Big Thomas *Filho Nativo* (1940) que trata da situação de desigualdade do negro nos EUA e compara a situação da mulher na sociedade:

O que Big Thomas sente com tamanho rancor na aurora de sua vida é essa definitiva inferioridade, essa alteridade maldita que se inscreve na cor da pele: ele olha os aviões passarem e sabe que por ser negro o céu lhe é vedado. Por ser mulher, a menina sabe que o mar e os polos, mil aventuras e mil alegrias lhe são proibidas: nasceu do lado errado.

A partir do que se discute sobre gênero e desigualdade social, verifica-se que as respostas apresentadas pelas respondentes dos questionários apontam que todas as participantes já vivenciaram preconceito por serem mulheres. Dentre as situações de preconceito, relatadas pelas alunas a partir de suas vivências femininas, percebe-se a supervalorização da figura masculina em detrimento da figura da mulher, seja na família ou outros contextos.

Quadro 5. Respostas do questionário sobre aspectos relacionados à opressão de gênero

Respondentes	Você já passou por alguma situação constrangedora por ser mulher?	Você já vivenciou/vivencia algum preconceito por ser mulher?	Se a resposta anterior for afirmativa, explique como e em que contexto (sala de aula, trabalho, família, comércio, etc.) ocorreu esse preconceito.
Sujeito 1	Sim	Frequentemente	Por causa de homens que sempre ridicularizam as mulheres por acharem que são superiores
Sujeito 2	Sim	Raramente	Família. Minha irmã(o) fez um comentário nada agradável sobre o lugar que uma mulher deve ocupar na sociedade
Sujeito 3	Não lembro	Raramente	Não foi sala de aula, nem no trabalho mas contexto social
Sujeito 4	Sim	Frequentemente	Na família na questão de decidir a educação dos filhos
Sujeito 5	Sim	Raramente	"Porque não posso?" era uma das perguntas que fazia por não me deixarem "fazer coisas de meninos".

			Diante disso, faço sem questionar; porém em família é um tanto pesado diante da idade e criação é compreensível que eles não gostam de ver uma mulher nada dependente.
Sujeito 6	Sim	Frequentemente	Casa/família/igreja. Pensamento conservador

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Dentre as respostas coletadas, as problemáticas presentes são “homens que ridicularizam as mulheres”, o “lugar que a mulher deve ocupar na sociedade”, a “autoridade diante da educação dos filhos”, “por que não fazer ‘coisas de meninos?’” e “pensamento conservador”.

A questão da superioridade masculina fica evidente nas respostas. Destaca-se o questionamento do sujeito 4: Por que não posso fazer coisas de meninos?, pois vai ao encontro do que cita Beauvoir (2016, p. 44) “[...] mil aventuras e mil alegrias lhe são proibidas”, pela condição de ser mulher.

Além disso, é possível observar nas respostas do quadro 5, a influência de elementos, denominados por Althusser (1996), aparelhos ideológicos do estado, responsáveis também pela difusão de um “pensamento conservador”, como afirma o sujeito 6. No que diz respeito aos estudos de gênero, o poder atribuído ao homem na cultura patriarcal é reforçado pelos aparelhos ideológicos do estado como a escola, a Igreja, a família, etc.

Os aparelhos ideológicos são capazes de perpetuar aspectos culturais por meio da manutenção de concepções culturais difundidas na sociedade. Dentre essas concepções, inclui-se a difusão da figura masculina como sendo superior à feminina, assim como a superioridade étnica branca diante das demais etnias. Acerca disso, pode-se citar Tavares (2007, p. 80):

Como frisa Althusser (1996), muitas das virtudes ensinadas pelo aparelho ideológico eleito - número um pela burguesia - a Escola -, também são veiculadas pela família, mesmo porque o par escola-família desempenha uma função dominante na reprodução das relações de produção, substituindo o par que lhe é anterior, ocupado pela Igreja-família. Dentre o contraste anunciado figuram: - [...] modéstia, resignação e submissão, de um lado; cinismo, desprezo, arrogância, confiança, empáfia e até lábia e astúcia, de outro.

Os aparelhos ideológicos do Estado perpetuam normatizações sociais que favorecem a manutenção do sistema capitalista. Assim sendo, observa-se que o modelo de desenvolvimento na sociedade pós-moderna fomenta o consumo exacerbado e o fortalecimento do sistema capitalista, não contribuindo, portanto, com um desenvolvimento holístico das sociedades que englobe além das questões econômicas, também os aspectos culturais, sociais e biológicos.

Dessa forma, a situação desigual da mulher serve à sociedade do consumo, colocando esse público como alvo das campanhas publicitárias em produtos da indústria cosmética e da moda, que reforçam um estereótipo de beleza baseado em padrões estéticos excludentes, sendo essa uma forma de ditadura, na qual a mídia desempenha um grande papel, por meio das mídias de massa.

Contribui para a discussão acerca do que se dissemina como sendo símbolos de feminilidade por meio das mídias de comunicação Louro (2017, p.57), quando se refere a feminilidade como um produto da cultura: “A feminilidade é feita com artefatos, códigos, modos, modas e tecnologias disponíveis”.

Nesse sentido, cabe mencionar Beauvoir (2016, p. 222) ao afirmar que o corpo feminino é alvo de uma cultura que não reconhece como sendo possível para a mulher os aspectos naturais do corpo, a “cruza animal”. Observa-se nas palavras da autora que:

A função do adorno é muito complexa: possui entre certos primitivos um caráter sagrado, mas seu papel mais habitual é completar a metamorfose da mulher em ídolo. Ídolo equívoco: o homem a quer carnal, sua beleza participará das flores e dos frutos, mas ela deve também ser lisa, dura, eterna como uma pedra. O papel do adorno é fazê-la participar mais intimamente da natureza e ao mesmo tempo arrancá-la dessa natureza.

Levando-se em conta as tecnologias que moldam as performances de gênero na sociedade, durante o trabalho com o grupo focal de mulheres negras participantes da pesquisa, utilizou-se uma imagem que traz o seguinte questionamento: se amanhã as mulheres acordassem amando seus corpos, quantas empresas iriam falir? Na discussão realizada pelo grupo foi possível perceber que existe um sentimento de insatisfação com o corpo, dentre as participantes.

Figura 4. Perfil no Instagram Feminismonegro.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BW80NrqqfQx/?hl=pt-br&taken-by=feminismonegro>

Elucida essa questão a fala do sujeito 3: “Às vezes eu coloco um vestido justinho e aí a minha mãe diz: coloca uma cinta”. Nota-se, no caso citado, que a cultura que compreende o que é ser mulher, na sociedade, impõe sobre as relações sociais o padrão da magreza. Assim, a sugestão para o uso da cinta, como uma forma de adequar-se a um tipo de corpo considerado ideal, é percebida pelas mulheres como sendo algo natural.

Essa naturalização do uso de cinta e de outros recursos que cooperam para ajustar o corpo da mulher ao padrão socialmente estabelecido, como sutiãs e sapatos de salto alto, que trazem desconforto e deixam marcas na pele, pode ser compreendida, a partir da reflexão de Louro (2017, p. 20):

Se o gênero não pode ser compreendido como algo que está dado ou que é inscrito nos corpos de uma vez só, de um só golpe, e sim como uma sequência de atos, é possível pensar que será apenas a reiteração continuada desses atos que cria sua aparência (ou sua ilusão) de naturalidade. A normatividade não está assegurada, ela é promovida, experimentada cotidianamente. Talvez se possa pensar que viver os gêneros dentro de tal normatividade se constitui numa espécie de estratégia de sobrevivência cultural, uma vez que aqueles e aquelas que não realizam a prescrição têm enormes custos morais, políticos, materiais, sociais.

A respeito dos custos de não se estar no padrão estético, observa-se que o ato de “sofrer para ficar bonita” é um discurso naturalizado socialmente. Ser bonita está intimamente ligado ao que diz Beauvoir (2016) à figura da mulher como uma pedra, algo que vai contra a natureza humana. Quem não está próximo do padrão de mulher petrificada que não envelhece, não engorda, não exala cheiros, não tem pelos, etc., sofre com a discriminação, pois não traz a performance de feminilidade, como é o esperado dentro das normas culturais.

No que tange ao desconforto ao qual as mulheres são submetidas para se enquadrarem em um padrão de beleza, utilizou-se também, durante a discussão do grupo focal, uma imagem que mostra o corpo de uma mulher marcado pelo uso de sutiã e de cinta modeladora.

Figura 5: Perfil no Instagram Feminismonegro.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BXVZAVwgLx1/?hl=pt-br&taken-by=feminismonegro>

A imagem da pele de uma mulher marcada por essas peças de vestuário possibilitou a expressão dos sujeitos da pesquisa sobre o sentimento de culpa ao comer, contudo o discurso que prevaleceu no grupo foi contrário à utilização de cinta modeladora, conforme se observa: Sujeito 1: “Eu não consigo usar isso, esse que é meu problema. Eu não consigo fazer esse tipo

de sacrifício, mas a gente se sente culpada por comer, quando a calça não fecha”; Sujeito 2: “Eu tenho uma amiga que usa, não consegue nem respirar”.

A afirmação da autora Del Priore (2011, p. 477) vai ao encontro da fala dos sujeitos 1 e 2: “Em uma sociedade imagética em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo - sobretudo o feminino.”

A respeito da influência que as regulações sociais sobre o corpo da mulher acarretam para a saúde psicológica é pertinente o relato do sujeito 6, quando enfoca a falta de identificação com padrões de beleza, tendo em vista a ausência de representatividade de mulheres negras nos meios de comunicação:

Quando eu era criança mesmo, eu tinha acho que uns oito anos, quando a gente é criança a gente se imagina como alguma atriz de novela e coisas do tipo, e eu me via como aquelas mulheres atrizes brancas, altas, bonitas e alguém um dia me falou: como que eu queria ser uma delas se eu era negra? Depois daquele dia eu fiquei imaginando como que eu seria bonita se eu era negra, se todas as atrizes bonitas eram brancas? Eu demorei muito tempo para perceber que aquilo era apenas um padrão.

Nessa projeção, segundo Merton e Lazarsfeld (2011), há motivo para que exista uma grande preocupação sobre o poder de atuação das mídias de massa, é o fato de que por meio delas é possível exercer diversos tipos de controle social que servem ao interesse de grupos econômicos dominantes, pois é possível adotar técnicas para manipular o público de massa pela propaganda.

Os autores acima mencionados afirmam que o poder econômico encontrou, na propaganda e nos outros discursos disseminados pelas mídias de massa, uma forma sutil de exploração psicológica que passou a ocupar o lugar da exploração direta como a utilizada por Hitler, por exemplo, que contava com a violência organizada e a coerção de massa.

Em se tratando de exploração psicológica que impacta a vida das mulheres, por serem pressionadas a se enquadrarem em um perfil estético que não condiz com a realidade do fenótipo⁶ da maioria das brasileiras, cabe observar o discurso de uma das participantes da

⁶ Fenótipo: “A aparência externa dos humanos quanto à cor da pele, tipo de cabelo, estrutura óssea etc., é mais bem identificada como variação fenotípica; um modo relativamente livre de conceitos culturais designarem as diferenças em oposição à palavra raça, cujo sentido varia de um período histórico e cultural para outro”

pesquisa, que relata a insatisfação com o corpo: “Sujeito 3: “Eu para falar a verdade não gostava muito do meu corpo até o início do ano né, daí eu comecei a namorar com um guri [...] ele começou a me incentivar a gostar do meu corpo e eu comecei a gostar mais do meu corpo, por causa dele no caso.”

Retomando o questionamento de uma das imagens utilizadas no grupo focal: Se amanhã as mulheres acordassem amando os seus corpos, quantas empresas iriam falir? A fala do sujeito 3 denota a perversidade do sistema capitalista, pois este dita um modelo inatingível de beleza, o qual movimenta o capital, uma vez que comercializa elementos que oferecem a possibilidade de os sujeitos alcançarem, ao menos, parte do que culturalmente se estabeleceu como ideal estético.

Diante da discussão destaca-se a afirmação de Del Priore (2011) que apresenta a concepção de corpo como sendo um bem, capaz de produzir significados e passível de atribuição de valor de acordo com os sinais que expressa. A busca pelo corpo perfeitamente enquadrado em um padrão é uma busca por poder, por *status* social. “Corpo é também capital. Tem valor de troca ou, como bem, adquire um *status* a partir das insígnias que carrega. Esses signos, condensados na figura do corpo, traduzem os valores da cultura da sociedade de consumo” (DEL PRIORE, 2011, p. 484)

Conforme o modelo de sociedade que se apresenta atualmente, entende-se que as minorias políticas, como é o caso das mulheres negras, estejam de fora do que é considerado um padrão de corpo ideal, uma vez que a pele escura e os fenótipos negros em geral não são signos valorizados. Assim sendo, os valores da cultura e da sociedade de consumo se manifestam por meio de padrões que valorizam a branquitude.

A partir da afirmação acima, cabe considerar que o processo de coisificação incentivado pela lógica capitalista, impõe para alguns grupos não dominantes a condição de subjugados na estrutura social. Logo, a situação de desigualdade vivenciada pelos grupos não privilegiados pelo capitalismo como: mulheres, negros, homossexuais, pobres, etc., está diretamente relacionada com o sistema capitalista, ou seja, é uma consequência desse sistema. Para Mézsáros (2008, p.27):

CASHMORE, 2000, p. 217).

[...] em seus parâmetros estruturais fundamentais, o capital deve permanecer sempre incontestável, mesmo que todos os tipos de corretivos estritamente marginais sejam não só compatíveis com seus preceitos, mas também benéficos, e realmente necessários a ele no interesse da sobrevivência continuada do sistema.

O mesmo autor afirma ainda que o “[...] o capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente incorrigível” (MÉZSÁROS, 2008, p.27).

Ao referir sobre a análise feita por Mézsáros sobre a crise estrutural do capital, Sampaio Jr. (2010, p. 159) sintetiza a interpretação do filósofo ao dizer que a crise do capitalismo dá vazão a um processo transitório que “[...] polariza a sociedade entre o socialismo e a barbárie”. Isso corrobora com o que afirma Davis (2016), ao destacar a importância de um novo modelo de sociedade, a fim de garantir a efetivação das justiça sociais para os grupos oprimidos.

A condição de vida das minorias políticas é um mecanismo para alimentar o capitalismo, tendo como consequência o machismo, o racismo, o classismo e outras formas de opressão como base da formação da sociedade. Essas opressões mantêm o sistema vigente “em pé”, entretanto se nota que há sujeitos que historicamente se impõem diante de toda essa estrutura desfavorável.

As mulheres negras, objeto central desta pesquisa, são um exemplo claro de resistência, pois, mesmo diante de uma estrutura que as oprime severamente, já que se constituem no grupo social mais desfavorecido, por sofrerem as consequências de um somatório de elementos excludentes, são mulheres que resistem nos variados espaços sociais.

Mulheres negras, fenótipo negro, pele preta, cabelo volumoso são marcas identitárias que demonstram uma posição política. Para Del Priore (2011, p. 481), “O corpo parece, apesar de tudo, resistir. É incontornável, é ele que vive, morre e poderá vir a ser imortal. Na persistência de sua presença, o corpo é político.”

A resistência da mulher negra além de se expressar no enfrentamento das situações cotidianas, expressa-se também, quando na sala de aula se percebem como sendo únicas naquele espaço, quando ocupam postos de trabalho que fogem à figura de subalternidade e nos movimentos sociais que possuem grande influência em todos os setores da sociedade, pois trazem questionamentos que são fundamentais para o desenvolvimento social de todos os

demaís grupos.

Sobre a representação da figura da mulher, nos resultados obtidos nesta pesquisa, por meio da técnica do grupo focal, as participantes discutiram sobre a dificuldade em conseguirem se expressar em ambientes compostos por homens e mulheres. Verifica-se na fala do sujeito 1, que os homens interrompem as mulheres, quando estas estão explanando alguma ideia: “passam por cima igual a um trator, tu pode até estar tendo a mesma ideia, falando do mesmo assunto mas daí ele abriu a boca e todos falam: isso!”.

O que relata o sujeito 1 recebe o nome de *bropropriating*⁷ que, de acordo com Think Olga (2015, online) “[...] é uma junção de bro (abreviação de brother, irmão, mano) e appropriating (apropriação) e se refere a situações em que um homem se apropria da ideia de uma mulher ou leva o crédito por ela”.

Segundo Stocker e Dalmaso (2016, p. 685), “A expressão advém da metáfora da sala de reuniões, local onde muitas vezes a mulher não é ouvida quando expõe suas ideias, mas tem o seu raciocínio cooptado por algum homem que assume a palavra, repete exatamente o que ela disse, e é aplaudido por isso”.

Percebe-se, portanto, que a própria existência da mulher implica em resistência, visto que, o ato de se expressar, em uma sociedade dita democrática, constitui-se como um desafio que faz parte do dia a dia da vivência feminina.

Ao tratar a resistência das mulheres historicamente, pode-se citar Davis (2016), quando afirma que não é pertinente avaliar movimentos sociais de forma linear. Isso porque, ao longo das três fases do feminismo, ocorreram avanços consideráveis à causa das mulheres. Contudo, nos dias atuais, ainda as mulheres se deparam com situações cotidianas que demonstram desrespeito à mulher como sujeito.

⁷ Além do termo *BROPRIATING*, existem outros que denotam formas simbólicas de violência contra a mulher. São eles: *MAN INTERRUPTING*: A palavra é uma junção de *man* (homem) e *interrupting* (e interrupção) Em tradução livre, significa “homens que interrompem”. Este é um comportamento muito comum em reuniões e palestras mistas, quando uma mulher não consegue concluir sua frase porque é constantemente interrompida pelos homens ao redor; *MANSPLAINING*: O termo é uma junção de *man* (homem) e *explaining* (explicar). É quando um homem dedica seu tempo para explicar a uma mulher como o mundo é redondo, o céu é azul, e 2+2=4. E fala didaticamente como se ela não fosse capaz de compreender, afinal é mulher; *GASLIGHTING*: é a violência emocional por meio de manipulação psicológica, que leva a mulher e todos ao seu redor acharem que ela enlouqueceu ou que é incapaz. É uma forma de fazer a mulher duvidar de seu senso de realidade, de suas próprias memórias, percepção, raciocínio e sanidade (THINK OLGA, 2015).

Segundo Davis (2017, p. 17), no final da década de 1980, inicia-se uma terceira onda feminista: “Se a primeira onda começou nos anos 1840, e a segunda, nos anos 1960, então nesses últimos dias da década de 1980 estamos nos aproximando da crista de uma terceira onda”.

Embora nos movimentos sociais em prol dos direitos das mulheres tenha atingido êxito em determinados aspectos, em contrapartida algumas questões sociais que dizem respeito aos direitos e condições sociais femininos não se alteraram ou foram agravados. Tal fato pode ser observado nos dados divulgados pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais- Flacso Brasil (2015), onde se constatou que no Brasil, entre 2003 e 2013, os homicídios de mulheres negras aumentaram 54%.

A questão da desigualdade de gênero é um fator a ser considerado como instrumento de manutenção do *status quo*, nessa perspectiva Davis (2016) critica a visão da esquerda ortodoxa que afirma que classe é o centro da discussão das opressões. Segundo a autora não se pode deixar de considerar a indissociação entre gênero e raça no processo de dominação e exploração de determinados grupos.

A resistência das mulheres negras, ao longo da história difere-se das pautas defendidas por mulheres brancas, pois as negras sempre ocuparam outros espaços sociais, os quais estão associados ao trabalho braçal, aos subempregos, distantes dos espaços acadêmicos, enfim. A voz das mulheres negras nos movimentos sociais atuais ainda defendem questões que tratam da garantia da dignidade da mulher negra em condições de trabalho, de escolarização, de saúde, entre outros.

No que diz respeito à luta social travada pelas mulheres, por meio dos movimentos feministas, Davis (2017, p. 17-18) menciona a invisibilização das pautas das minorias étnicas dentro do feminismo e questiona se a mesma injustiça se repetirá também na terceira onda feminista, conforme se observa na afirmação:

Será que, quando historiadoras feministas do século XXI tentarem resumir a terceira onda vão ignorar as grandiosas contribuições das mulheres afro-americanas, que têm atuado como líderes e ativistas de movimentos frequentemente restritos a mulheres de minorias étnicas, mas cujas realizações levaram invariavelmente a avanços nas causas das mulheres brancas? Será que as políticas excludentes do movimento de mulheres dominantes – desde sua concepção até o presente –, que com frequência têm obrigado as mulheres afro-americanas a conduzir sua luta por igualdade fora de suas fileiras, continuarão a resultar na omissão sistemática de nossos nomes da lista de lideranças proeminentes do movimento de mulheres?

As questões de gênero, tratadas de forma geral, sem recorte racial, beneficiam a manutenção de um sistema que oprime sobremaneira as negras e que, no entanto, somando-se às questões de raça colocam as mulheres negras em condições mais graves de desigualdade. Logo, as pautas das mulheres negras precisam ter voz e reconhecimento dentro do feminismo que defendem a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

3.1 Peculiaridades do recorte racial dentro da perspectiva do estudo de gênero

A formação da sociedade brasileira tem como uma de suas bases estruturais o racismo. Ribeiro (2015) afirma que, em virtude da historicidade da construção da identidade nacional, não pauta a discriminação racial como uma característica marcante e presente até os dias atuais, na cultura brasileira.

A miscigenação dos povos branco, negro e indígena deu origem ao mito da democracia racial no Brasil, pois aparentemente a mistura de raças comprovara a tolerância e a harmonia entre diferentes etnias. Porém, uma análise sociológica aprofundada, como a feita por Fernandes (2006) e Ribeiro (2015) denota que a mistura de etnias representa não uma sociedade democrática e tolerante e sim uma das faces do abuso do grupo dominante branco para com as etnias não brancas.

Observa-se, na citação abaixo, a prejudicial disseminação da ideia de democracia racial no Brasil e as consequências desse feito, que resulta no silenciamento da população negra sobre o racismo presente na sociedade:

A vivência de discriminação racial encontra na sociedade brasileira um grande desafio que é poder expressar genuinamente a sua indignação. A despeito de ser um país que preconiza a falácia do paraíso da democracia racial, esse fato é facilmente desmascarado ao evidenciarmos as condições de viver, nascer e morrer da população negra. [...] Soma-se a esse contexto, a desfavorável condição socioeconômica a qual grande parte dessa população está inserida (SAMPAIO, 2012, p. 245).

A exploração dos grupos escravizados além da exploração de mão de obra, de violência física e simbólica, envolveu também o estupro de mulheres que pertenciam aos grupos não dominantes. Ou seja, o contato sexual entre as diferentes etnias demonstra a subjugação do corpo negro e indígena no processo de formação da sociedade brasileira, logo

não há e nem tampouco houve democracia racial, no Brasil.

A problematização sobre gênero perpassa a questão racial e econômica, portanto, neste capítulo foram abordadas as especificidades da mulher negra nos estudos de gênero. Assim sendo, cabe resgatar alguns pontos cruciais para compreender as relações de poder que permanecem até os dias atuais, colocando a mulher negra em situação de desvantagem, quando comparada a outros grupos.

Considerando que a miscigenação brasileira se deu inicialmente de forma ilegítima, por meio do estupro, a população mestiça não era bem vista pelo governo desenvolvimentista do início do século XX, pois a população não branca não possuía elevado *status* social. Esse fato teve como consequência a implantação de políticas eugenistas que tinham o objetivo de “melhorar” a genética brasileira com foco no embranquecimento da população. Nesse sentido, resgata-se a origem do termo eugenia, conforme Silva (2015, p. 69):

Etimologicamente, eugenia vem do grego “eu-genos” e significa “bem nascido”, “de boa origem”, “de boa linhagem” ou de “boa descendência”. O termo foi usado pelo cientista britânico Francis Galton (1822-1911) para definir um campo de conhecimento que tinha por objetivo o melhoramento racial da espécie humana (SILVA, 2015, p.69).

O caso mais presente de eugenia, no imaginário coletivo da sociedade pós-moderna, é o genocídio do povo judeu na Alemanha nazista, na primeira metade do século XX. Porém, conforme afirma Silva (2015, p.72) “[...] não somente os judeus foram as vítimas do nazismo. Ciganos, negros, eslavos, comunistas e homossexuais também foram assassinados nos campos de concentração.”

Além dos episódios que envolvem ideologias nazifascistas, de uma forma geral, em termos mundiais “A ‘caçada eugenista’ visou, entre outros, cegos, surdos, doentes mentais, síndrômicos, alcoolistas, epiléticos, criminosos e, majoritariamente, imigrantes, pobres, mestiços e não-brancos [*sic*] em geral” (SILVA, 2015, p.71).

Para a implantação da política eugenista foi fundamental a participação da mulher, uma vez que a sensibilização para o sucesso do projeto de embranquecimento da população brasileira era voltada para o público feminino. Segundo Silva (2012, p. 225), “A mulher foi colocada no centro de políticas de saúde desenvolvidas durante o primeiro governo Vargas

(1930 a 1945), como parte de uma estratégia governamental que apontava para sua importância como matriz de uma nova raça nacional.”

No primeiro governo Vargas, propunha-se uma nova raça, embranquecida e, portanto, geneticamente superior aos mestiços brasileiros, segundo a concepção eugenista. Nesse tocante, é pertinente observar o que aponta Silva (2012) sobre o papel da mulher nesse processo:

[...] nas estratégias eugênicas a mulher passaria a ser um alvo importante por representar a possibilidade de se diminuir o grau de degenerescência da população, sendo portanto, por seu esperado caráter dócil e obediente, mais receptiva a uma educação sanitária que levaria a geração de filhos robustos, bonitos e saudáveis. Essas estratégias ocorreram dentro de um Estado nacionalista-desenvolvimentista, que passou a valorizar a mestiçagem, mas como “boa mistura” para se construir o homem nacional como modelo ideal de trabalhador (SILVA, 2012, p. 242).

A partir do exposto, tendo presente a característica mestiça da sociedade brasileira, cabe um comparativo com a questão de identidade racial nos Estados Unidos da América, o qual também possui origem escravocrata. Para tanto, recorre-se a Davis (2016) que afirma que, nos Estados Unidos há pelo menos dois aspectos no sistema de relações raciais que se diferenciam do Brasil: a segregação racial por lei, nos anos 60, e a regra de uma gota de sangue *one drop rule*, que estabelecia que os indivíduos que possuísem uma gota de sangue negro eram considerados negros, independentemente da tonalidade da pele ou quaisquer outras características físicas.

As duas imposições, a segregação e a regra “uma gota de sangue”, foram criadas com o objetivo de reafirmar a supremacia branca, mas acabaram favorecendo uma unidade dos negros, acima das barreiras de classe e de diferenças de tonalidade da pele. Especialmente a regra de uma gota de sangue, embora bastante repressiva, acabou por unificar a comunidade negra, visto que, na sociedade norte-americana, não há o mesmo sistema de classificação racial que existe no Brasil, onde o reconhecimento da negritude passa pela cor da pele e outros fenótipos, o que é denominado e difundido pelos movimentos sociais, como colorismo⁸, ou ainda pigmentocracia, que se baseia na classificação dos diferentes tons de cor

⁸ “Também denominada de pigmentocracia (quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão ela sofre), o colorismo estaca um tipo de discriminação que enfatizava os traços físicos do indivíduo, questões determinantes para revelar o valor que a ele seria dado em sociedade. Dessa forma, aspectos fenotípicos como um cabelo

de pele.

A questão do colorismo possui grande impacto sob a autodeclaração racial, no Brasil, pois se reconhecer negro, na sociedade brasileira, passa em grande parte pela tonalidade escura da pele. Esse fato faz com que muitos negros de pele clara se autodeclarem brancos e, assim sendo observa-se que muitos indivíduos negros acabam, por consequência disso, negando uma identidade negra e deixando de explicitar a herança sociocultural de sua ancestralidade.

De acordo com Hall (2006, p. 38), “A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”.

Nesse sentido, a coleta de dados, realizada na presente pesquisa, por meio de questionário, teve o intuito de identificar como a questão da autodeclaração é vista pelas mulheres negras estudantes do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul que participaram da pesquisa. As quatro questões que abordam a autodeclaração racial trazem como resultado que, dentre as seis respondentes, duas se dizem pretas, enquanto que duas se dizem pardas e uma das respostas aponta a nomenclatura parda ou negra, e uma resposta utiliza somente a nomenclatura negra.

A seguir, são apresentadas, a partir do quadro 6, as respostas acerca da autodeclaração racial que procuram mostrar como as mulheres negras participantes da pesquisa se classificam em termos de cor/raça, bem como o que as leva a se autodeclararem como negras.

notadamente crespo, um nariz arredondado ou largo que são associados à descendência africana, também influenciam no processo de discriminação no denominado colorismo” (SILVA, 2017, p. 12).

Quadro 6. Respostas do questionário sobre autodeclaração racial.

Respondentes	Como você se autodeclara, no que diz respeito à raça/cor?	Você já teve dúvida em se autodeclarar como uma mulher não branca?	Se a resposta anterior for sim, explique por quê.	Na sua concepção, a autodeclaração quanto à raça/cor leva em consideração (marque o que considerar necessário):
Sujeito 1	Parda	Não		Cor da pele.
Sujeito 2	Preta	Não		Cor da pele.
Sujeito 3	Negra			Cor da pele.
Sujeito 4	Preta	Não		Ascendência direta (pais). Ascendência direta (avós).
Sujeito 5	Parda	Não		Cor da pele. Acredito que vai da concepção de cada pessoa. Por exemplo eu me considero uma mistura
Sujeito 6	As vezes negra e as vezes parda	Não		Ascendência direta (bisavós).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Verificou-se que não houve resposta afirmativa para a questão “Você já teve dúvida em se autodeclarar como uma mulher não branca?”, o que é um indicativo de que essas mulheres reconhecem em si mesmas uma identidade negra.

A fim de compreender o que contribui para que as mulheres pesquisadas se identifiquem como mulheres negras, procurou-se, por meio do questionário aplicado, investigar quais itens são levados em consideração, no momento da autodeclaração. Nesse aspecto, ficou claro que a cor da pele é um fator preponderante e, em segundo lugar, obteve maior número de respostas a ascendência direta como pais, avós e bisavós.

Em relação à cor da pele, contribui para a discussão um trecho da pesquisa de Assis e Canen (2004, p. 716) a respeito das múltiplas leituras possíveis de serem feitas sobre o que representa ser negro em diferentes locais geográficos, conforme cada cultura:

Essa questão da cor é muito relativa, aqui [Rio de Janeiro] sou identificada como branca, mas, nos Estados Unidos, sou negra, em Santa Catarina, sou negra... Então, se as outras pessoas me enxergam como branca e se eu começo a dizer que sou negra, eu vou virar uma piada para as pessoas. Vão começar a dizer, “essa mulher é doida, ela é branca!”. E eu faço isso às vezes, para provocar as pessoas, para ver qual é a reação... Não tenho outra saída, em um país como o nosso, a não ser continuar sendo identificada como branca... Mas tenho ancestrais negros, minha avó era negra, minha família toda é de mestiços.

No que tange à autodeclaração, cabe considerar ainda que, durante o grupo focal, uma das participantes relatou que embora tenha nascido com a pele preta, consta na sua certidão de nascimento a cor parda, sendo o que se verifica no recorte da fala do sujeito 4: “Na minha certidão ta parda e eu nasci preta, bem preta. Eu nasci bem pretinha, como colocaram parda?”

Percebe-se, no discurso desse sujeito, que a identidade étnica perpassa pelo entendimento da família quanto à cor/raça, pois, de acordo com o que foi colocado pelo grupo, a família é um dos espaços sociais que reproduzem racismo, logo a não aceitação da negritude, por parte de familiares, dificulta a explicitação de uma identidade negra por parte dessas mulheres.⁹

Na sociedade brasileira, a partir da miscigenação dos povos negro, indígena e branco, e da suposta democracia racial, percebe-se que há o entendimento de que a negritude do povo brasileiro foi diluída em prol da convivência harmoniosa de todas as etnias. Logo, deixa-se de explicitar grande parte da influência negra na sociedade brasileira, logo, a discussão sobre racismo é um tabu, pois se parte da ideia de que todos os povos convivem em harmonia e que, portanto, o racismo no Brasil não existe, conforme exemplificam Soares; Braga e Costa (2002, p. 2): [difundiu-se a crença de que] “nesta terra, em comparação com o contexto segregacionista norte-americano e o sul africano, a democracia racial era um fato, fundamentado na miscigenação e na ausência de preconceito racial”

A reflexão acerca da identidade negra e dos elementos sociais que corroboram para a explicitação do Brasil, como um país racista, é relevante para que se tenha presente que a construção de uma identidade sociocultural é parte de um processo coletivo e, assim sendo as práticas cotidianas, já impregnadas na sociedade brasileira, contribuem para a manutenção do racismo.

Dentre os resultados obtidos com a pesquisa, no que diz respeito a práticas racistas,

⁹ Ver: ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

pode-se citar a fala do sujeito 5 ao mencionar uma situação por ela vivenciada, quando o Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul recebeu a visita de pesquisadores moçambicanos: “eu vi comentário de uma pessoa que é muito íntima minha e ela pegou e disse assim ó: ai o que que esses azulado querem aqui?”

Quanto à questão racial, no ambiente acadêmico do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, pode-se afirmar que com base na experiência propiciada durante a pesquisa, sobretudo na fase de abordagem das possíveis participantes, que a palavra “negra” carregava sentidos extremos, quando mencionada. De um lado, afirmar-se negra constituía uma expressão sociocultural, sendo inclusive expressada como forma de demonstração da valorização da etnia afro. Opondo-se a isso, encontrou-se durante o caminho percorrido neste estudo, alunas que, embora autodeclaradas negras, não demonstravam conforto ao serem abordadas pela pesquisadora, no ato do convite para participar como respondente do questionário ou participante do grupo focal.

Uma das falas do sujeito 5, proferida durante o grupo focal, expressa a questão da dificuldade de identificação e autodeclaração dos alunos negros da instituição. A aluna refere-se aos núcleos de inclusão presentes no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul e questiona se de fato ocorre a inclusão da pauta nos negros, nas discussões sobre inclusão social: “a hora que tu tá incluindo tu inclui todo mundo, principalmente aqui na escola. Quantas pessoas tem aqui na escola que são negras? Só que a maioria não se considera negro”.

Com o intuito de exemplificar a marca identitária da palavra “negro/negra”, pode-se citar a iniciativa das participantes do grupo focal de iniciar um grupo no aplicativo WhatsApp, denominado “Meu orgulho é ser negra”. A motivação para a criação do referido grupo surgiu no último encontro do grupo focal, em que as participantes se mostraram dispostas a dar continuidade na metodologia de trabalho, incluindo mais alunas e alunos negros para a criação de um coletivo de negros da instituição.

Silva (2016) destaca a militância negra ao longo da história. Os coletivos negros, que marcaram a luta histórica pela equiparação de direitos sociais entre a população negra e branca, tiveram e ainda têm papel significativo na luta contra o racismo estrutural que caracteriza a sociedade brasileira. A mesma autora apresenta a importância do debate sobre

desigualdade de gênero e a relevância do feminismo, dando destaque para a Organização não-governamental – ONG Maria Mulher, atuante na capital do estado do Rio Grande do Sul.

Deve-se deixar claro, no entanto, que se trata de uma desigualdade conjuntural, produto de um processo histórico de escravidão e racismo, pois, não existe desigualdade biológica estrutural (MUNANGA, 2004, p.32).

Sobre a possibilidade de criação de um coletivo de alunos negros, o sujeito 7 reflete que: “se a gente tivesse uma representatividade as pessoas se diriam negras porque aí elas não se sentiriam tão acuadas.” Complementa esse raciocínio, o que expõe o sujeito 2 ao concordar que, caso houvesse uma maior representatividade de negros no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, seria mais fácil a expressão da identidade negra.

Esse ponto que a menina colocou é um ponto muito determinante porque a semana retrasada eu cheguei aqui no jantar e tinha um menino mais claro e outro mais escuro, os dois negros sentados com três ou quatro brancos atrás de mim, aí entraram os rapazes que acho que são de Moçambique e eu estava sentada em outra mesa. Tu sabe que os guris começaram de deboche sobre preto abertamente e os outros pretos rindo dos comentários como se eles não fossem pretos? Acredito que isso é fuga da identidade. [...]eles pensam vamos juntar aqui no grupo com os brancos e vou rir com eles assim eles vão me aceitar.

Entende-se que a criação de um coletivo de alunos negros será uma iniciativa fundamental para o enfrentamento do racismo na instituição, uma vez que contribuirá para incentivar a expressão de uma identidade negra, já que possibilita a sensação de pertencimento a um grupo, o qual terá como centralidade das discussões questões comuns aos alunos de etnia não branca.

Nesse sentido, cabe ponderar que, segundo Dalcastagnè (2014), o mito persistente da democracia racial elimina as questões específicas que envolvem a população negra dos discursos públicos. Assim sendo, o fato de pertencer a um coletivo de negros colocará em pauta as vivências dos alunos negros, o que favorecerá a valorização da voz desse grupo social, no ambiente acadêmico.

Com base no exposto, é pertinente a reflexão acerca dos prejuízos do mito da convivência harmoniosa entre todas as etnias, na sociedade brasileira, pois se torna incomum ver veiculado, na mídia hegemônica, notícias sobre crime de racismo, a menos que alguma figura pública seja alvo de comentários racistas ou de injúria racial.

Sobre a falta de empatia presente na sociedade brasileira dominante, Souza (2017, p. 151) observa que a origem escravista reflete, atualmente, no ódio de classe presente nos discursos hegemônicos:

O passado que nos domina não é a continuidade com o Portugal pré-moderno que nos legaria a corrupção só do Estado, como o culturalismo dominante até hoje nos diz. Nosso passado intocado até hoje, precisamente por seu esquecimento, é o do escravismo. Do escravismo nós herdamos o desprezo e o ódio covarde pelas classes populares, que tornara impossível uma sociedade minimamente igualitária como a europeia.

O que apresenta Souza (2017) confirma-se no momento em que crimes como o extermínio da população negra periférica nos grandes centros urbanos, de uma maneira geral, não são associados a racismo nos meios de comunicação e não causam indignação perante a opinião pública. Da mesma forma, a maior vulnerabilidade das mulheres negras para crimes de violência sexual também não são noticiados como consequência de opressão ligada à raça. Esse fato contribui para que se tenha a sensação de que o racismo não acarreta consequências graves, para além da violência psicológica.

O silenciamento do povo negro e o apagamento da identidade negra originaram um mal-estar social em torno da temática racismo, visto que, conforme afirmação de Ianni (2011, p 185.), “[...] a cultura e a ideologia dominantes escondem muito, praticamente tudo: história incruenta, escravidão açucarada, democracia racial, etc.”. Por conta disso, não se admite que o Brasil é um país racista, e que a situação da população negra brasileira é desigual em vários aspectos sociais.

Verifica-se, no quadro 7, abaixo, as respostas das participantes do questionário semiestruturado acerca de questões raciais. O objetivo do bloco de perguntas sobre preconceito racial era buscar identificar diferentes percepções sobre situações constrangedoras e preconceito de fato, por esse motivo apresenta-se duas perguntas semelhantes, porém, que expressam sentidos diferentes nos termos “situação constrangedora” e “preconceito”.

Quadro 7. Respostas do questionário sobre opressão de raça.

Respondentes	Você já passou por alguma situação constrangedora por ser preta/parda?	Você já vivenciou/vivencia algum preconceito por ser negra?	Se a resposta anterior for afirmativa, explique como e em que contexto (sala de aula, trabalho, família, comércio, etc.) ocorreu esse preconceito.
Sujeito 1	Não	Nunca	
Sujeito 2	Sim	Raramente	Piada de alunos sobre a cor da pele, durante o horário de janta no refeitório.
Sujeito 3	Sim	Raramente	Num ambiente onde estavam várias pessoas uma pessoa falou que negro quando não suja na chegada suja na saída. Não era trabalho; nem no IF
Sujeito 4	Não	Nunca	
Sujeito 5	Acredito que não. Mas se alguém ou algo me constrangeu não dei atenção	Raramente	Tempos que haviam colegas infantis.
Sujeito 6		Raramente	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Observa-se, na fala do sujeito 3, a expressão racista “negro quando não suja na chegada suja na saída”. A respondente se refere a experiência de ouvir tal expressão como um ato de preconceito vivenciado em meio a um grupo de pessoas. Sobre a reprodução de discursos racistas, Valim (2012, p. 40) afirma que:

No Brasil, há muitos ditos populares entre a sociedade hegemônica e historicamente representada por brancos que são repassados de geração em geração, como exemplo: “este é um negro de alma branca”, “negro quando não suja na entrada, suja na saída”. Tais expressões mostram o grau de preconceito racial no país e se reproduzem nas diferentes instituições sociais e em todas as classes sociais que constituem a nação.

A naturalização de expressões racistas nos diferentes espaços sociais tem influência na saúde emocional dos sujeitos negros. Segundo Valim (2012, p. 41), “Apesar de a autoestima ser um valor atribuído pelo próprio indivíduo a seu grupo ou a si mesmo, este não a constrói

isoladamente, mas influenciado pelas representações sociais predominantes no seu meio”.

Aliada a opressão de ordem racial, recorre-se a Davis (2016) para discutir a opressão de gênero. A autora e ativista norte-americana envolvida, desde a década de 1960, na luta dos panteras negras e do feminismo negro, observa que, ao passo que houve avanço e modificações sobre a emancipação feminina, pode-se dizer que há ainda um caminho muito longo pela frente, no que diz respeito à luta pela causa das mulheres negras.

Sobre a necessidade de avanços em aspectos relacionados à violência contra a mulher, é possível perceber a relação entre raça e gênero nesse aspecto, conforme afirma a representante da ONU Mulheres Brasil, Nadine Gasman:

As mulheres negras estão expostas à violência direta, que lhes vitima fatalmente nas relações afetivas, e indireta, àquela que atinge seus filhos e pessoas próximas. É uma realidade diária, marcada por trajetórias e situações muito duras e que elas enfrentam, na maioria das vezes, sozinhas. Os dados denunciam outra bárbara faceta do racismo e amplia a reflexão sobre os tipos de violência sofridas pelas mulheres. É urgente criar consciência pública de não tolerância ao racismo e acelerar respostas institucionais concretas em favor das mulheres negras” (FLACSO BRASIL, 2015).

No que tange a especificidades envolvendo mulheres negras, um ponto trazido por Davis (2016) é o olhar a respeito da feminilidade atribuído às mulheres brancas. A autora destaca que esse mito de fragilidade e delicadeza não fez e não faz parte do universo da mulher negra, já que estas eram submetidas aos mesmos trabalhos forçados que o homem negro, no tempo da escravidão, não havia uma diferenciação em função do gênero, as escravas realizavam trabalhos que exigiam a mesma força. A única diferenciação entre mulheres e homens escravos é que elas sofriam com a violação de seus corpos pelo estupro.

A cultura do estupro, que deslegitima a condição da mulher como ser humano, é ainda mais severa com a população negra, sendo este grupo o que mais tem sofrido com a violência sexual que se mostra sistemática, desde o tempo da escravidão. Na clássica obra de Gilberto Freyre, *Casagrande e senzala* (1986), na qual é feito um resgate da formação histórica da sociedade brasileira são várias as menções à objetificação¹⁰ da mulher escravizada pelos senhores da casagrande.

¹⁰“É possível perceber que o corpo em discussão, historicamente, passa de condição humana, para uma condição de corpo coisificado, pois servia e alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores, sendo contraditória tal postura, ora satisfazendo o desejo sexual, ora desprezadas e servindo para o serviço braçal” (LINHARES, 2015, p. 5).

O estupro e os mitos entorno da depravação das negras da senzala demonstram o sistema opressor da escravidão, não somente no que diz respeito à questão da classe, da mão de obra, mas também do gênero e da raça, pois a inferioridade reservada à mulher negra parte de princípios diferentes da subjugação da mulher branca.

A violência sexual, a cultura do estupro e da violação do corpo negro ficam evidentes em Freyre (2006), quando o autor traz à tona a questão de saúde pública do final do século XIX (que envolvia a contaminação de sífilis, por meio do contágio sexual), onde comenta sobre a lenda de que os homens se curariam da sífilis, se fizessem sexo com uma negrinha virgem.

Para além da questão da naturalização da violência sexual, a mulher negra tem um histórico diferente da mulher branca, também em outros aspectos. A feminilidade negra parte de outros pontos que se diferem da mulher branca, primeiramente tida como frágil, fraca, limitada a ficar em casa para o homem prover o sustento da família, enquanto que a mulher negra, durante a escravidão, era forçada a trabalhar da mesma forma que os homens e, no período de pós-abolição, também a obrigatoriedade do trabalho se impunha a mulheres e homens.

Davis (2016) discute sobre o racismo dentro do movimento feminista, que, segundo a autora, cometeu um equívoco em considerar o grupo “mulheres” como sendo homogêneo e universal. Pois, para a mulher branca, emancipação consistia em ter os mesmos direitos dos homens brancos, porém, ainda a partir de uma organização social que reproduzia a opressão com outros grupos. Já a emancipação das mulheres negras possuía um peso mais radical, no sentido de se pensar um outro modelo de sociedade, sem que se reproduza a lógica de alguns privilegiados como opressores.

A partir das reflexões de Davis (2016), sobre e a forma como a mulher negra pensa a sociedade, é possível a reflexão acerca das opressões dos demais grupos sociais que sofrem com a desigualdade promovida pelo sistema capitalista. Essa afirmação vai ao encontro do que afirma Davis (2017, p. 36) ao dizer que:

Quando aquelas no ponto mais alto da pirâmide obtêm vitórias para si mesmas, geralmente a condição de todas as outras mulheres permanece inalterada. [...] Mas, ao contrário, se aquelas no ponto mais baixo da pirâmide conquistam avanços para si mesmas, é praticamente inevitável que seu progresso empurre o conjunto da estrutura para cima. O avanço das mulheres de minorias étnicas quase sempre dá início a mudanças progressistas para todas as mulheres.

A estrutura social que coloca as mulheres negras como o grupo mais vulnerável, dentre todos os grupos sociais, altera-se a partir do momento que a camada mais baixa de tal estrutura sofre alterações. Nesse sentido, percebe-se o peso da desigualdade que atinge as mulheres negras por se encontrarem na parte mais baixa na pirâmide social e, ao mesmo, tem se observado o grande potencial que esse grupo possui para apontar novas dinâmicas sociais, novos modelos de desenvolvimento que trariam impacto positivo para toda a sociedade.

4 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO E SUA DIMENSÃO COLETIVA

De acordo com Santos (2006), em se tratando de culturas e sociedades diferentes, são muitos os aspectos a serem observados, na sociedade brasileira, por exemplo, regionalismos, faixa etária, nível de escolarização, dentre outros. Com isso, não se pode deixar de considerar a influência da cultura africana na formação social brasileira, pois influencia a sua estruturação em variados segmentos como na culinária, no português falado no Brasil, nos ritmos musicais regionais, no fenótipo do povo brasileiro, etc¹¹.

Diante da diversidade interna presente na sociedade, existem práticas socioculturais dotadas de prestígio e maior valor social, enquanto que outras, são depreciadas. Considerando esse estereótipo do que é cultura de valor, é perceptível que há o favorecimento de alguns grupos, enquanto que outros têm o seu valor social roubado. Percebe-se que o padrão social seguido no Brasil é um padrão eurocentrado, seja na moda, seja na religião, na arte, enfim.

Sobre essa questão, recorre-se novamente à ideia de aparelhamento ideológico e, no que tange a questões culturais, pode-se citar Nascimento (2016, p. 113), ao referir-se ao papel importante da Escola na perpetuação da discriminação cultural da etnia negra:

O sistema educacional funciona como aparelhamento de controle nessa estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro - primário, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinadas, como se executasse o que havia previsto a frase de Silvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação das salas da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana parte inalienável da consciência brasileira, no currículo escolar? Onde e quando a história da África, o desenvolvimentos de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Ao contrário, quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra.

Contribui para essa discussão Brandão (2010, p. 43), discorrendo sobre identidade nacional, refletindo a ausência da identidade negra na cultura brasileira, que, conforme Nascimento (2016), é um traço da influência da cultura europeia e norte-americana:

¹¹ Ver: SOUZA, Marina de Mello e. **África no Brasil e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

A ausência de um pensamento crítico e de construção pós-colonial nos reporta ao que pode ser denominado “a metáfora da ausência do Pai”. Desse nó, intuo que suceda a crise de identidade nacional, a crise de projeto de futuro, a escassez de respeito e o déficit de reconhecimento da civilização e da população descendente de africanos em nossa história social. Como a história brasileira é protagonizada de maneira suprema pelos lugares e agenciamentos indo-europeus que atravessam os numerosos equipamentos da máquina do Estado (o direito, a educação, a medicina etc.) (BRANDÃO, 2010, p.43).

Logo, à luz do que Bauman (2012, p. 44) coloca como o estranho em uma sociedade, é possível dizer que os negros são considerados os estranhos dentro da cultura brasileira, visto que o estranho é aquele que se coloca como fora do grupo dominante e homogêneo de uma cultura:

A própria existência do estranho não apenas obscurece a desejada clareza da divisão nós-eles; o estranho como se não bastasse o primeiro crime, torna-se, quer queira, quer não, o epicentro de um terremoto total, pois tende a desafiar não só uma, mas todas as distinções que tornam o mundo inteligível.

Com base nessa afirmação de Bauman (2012), pode-se pensar sobre a identidade negra na sociedade brasileira e na forma como os traços negroides são colocados, como sendo o que é fora da ordem social. No que diz respeito aos padrões estéticos, o cabelo crespo constitui-se como uma característica fora do padrão, mesmo sendo o Brasil um país onde a maioria da população é negra.

O uso do cabelo natural, crespo, com volume é um ato político¹² que contribui para a reafirmação da identidade negra na população brasileira que passou por um apagamento em função da política de eugenia implantada no Brasil, na primeira metade do século XX, que propunha o embranquecimento da população.

Há um movimento, dentre a população negra jovem, que prioriza a utilização de um estilo estético de moda semelhante ao que fora utilizado pela militância negra dos anos 1970.

¹²Para a ativista negra bell hooks: “Juntos racismo e sexismo nos recalcam diariamente pelos meios de comunicação. Todos os tipos de publicidade e cenas cotidianas nos aferem a condição de que não seremos bonitas e atraentes se não mudarmos a nós mesmas, especialmente o nosso cabelo. Não podemos nos resignar se sabemos que a supremacia branca informa e trata de sabotar nossos esforços por construir uma individualidade e uma identidade. Como nas lutas organizadas que aconteceram nos anos 1960 e princípios da década de 1970, nós as mulheres negras, como indivíduos, devemos lutar sozinhas por adquirir a consciência crítica que nos capacite para examinar as questões de raça e beleza e pautar nossas escolhas pessoais de um ponto de vista político.” (HOOKS, 2005, s.p.). Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

Cabelos, roupas e acessórios se somam aos demais discursos políticos dos negros e contribuem para o resgate e explicitação de uma identidade afro. Em se tratando especificamente do uso de cabelo natural, observa-se um ato político que sinaliza a resistência ao padrão eurocêntrico, construído socialmente como o único aceitável.

Conforme explicitado anteriormente, o cabelo crespo contribui para a expressão da identidade negra. Neste sentido, aborda-se o corpo como uma ferramenta de construção da identidade negra. De acordo com Gomes (2003):

O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas. O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário (GOMES, 2003, p.174).

Diante disso, como forma de exemplificar a relação de preconceito racial, que expressa uma relação hostil para com a simbologia do corpo negro, utiliza-se como exemplo discursos de peças publicitárias da marca Lola Cosmetics, que têm o intuito de atender consumidores com cabelos cacheados e crespos. Há registros de denúncia de racismo contra a marca disponíveis na internet, por conterem discursos ofensivos, que desrespeitam as características dos cabelos crespos e cacheados. Após denúncias, a marca alterou a embalagem de um produto dessa linha que tinha a promessa de domar os cachos sem chicote. Sobre o uso do verbo domar, utilizado em alguns rótulos, a marca posicionou-se, alegando se tratar de humor, sem intenção de agredir:

Nosso texto tem humor e para nós as palavras “chicote” e “domar”, estão com a graça necessária para falar do grande vilão que é o frizz nos cabelos. É uma expressão lúdica, circense. Nada além disso. Nossa visão de mundo é alinhada com consciência social e ambiental [...] sem segundas ou terceiras intenções. (LOLA COSMETICS [20--]).

A marca de cosméticos Lola utiliza em seus rótulos e propagandas discursos racistas e, mesmo sendo uma marca brasileira com produtos específicos para cabelos crespos e cacheados, a linha denominada Creoula, traz alguns estereótipos racistas bastante arraigados na cultura brasileira. As afirmações de que o cabelo crespo é nervoso, que precisa ser domado ou acalmado em rótulos de produtos que têm como público alvo, justamente as pessoas que

estão sendo hostilizadas por esses discursos, leva à reflexão sobre a viscosidade descrita por Bauman (2012) como sendo a ideia que constitui o que é estranho na sociedade.

Dentre os resultados obtidos pela técnica “grupo focal” observa-se que uma das participantes (sujeito 1) se refere à estereotipação do que é o negro. Na fala da participante, fica evidenciada a prática cultural de associar a imagem do negro ao cabelo crespo, segundo a participante caso um negro ou uma negra possua características de cabelo liso, as pessoas subentendem que é alisado, que não pode ser natural.

Eu sou descendente de índios, pretos e portugueses. Minha mãe era branca, então meu cabelo era tão liso e escorrido que não parava uma presilha. Eu fui repicando ao longo dos anos, desde os 6, 7 anos. Eu era a índia escrita e me chamavam de indiazinha. Não sofri tanto preconceito por parte de ser preta do que de índia, sabe aquela coisa? eu odiava aquela franja e aquele cabelo escorrido.

O negro brasileiro é também resultado da miscigenação com o europeu e o indígena, logo as características não são unicamente representativas de uma única etnia. Em se tratando das características físicas e da leitura socialmente feita acerca de tais traços físicos, se observa que há uma diferente forma de perceber o que é ser negro no Rio Grande do Sul. Há um destaque maior para os fenótipos como largura do nariz e textura crespa dos cabelos em determinadas regiões, enquanto que em outras o reconhecimento da negritude se dá mais pela tonalidade escura da pele. Sobre a construção de uma identidade negra com base em fenótipos, cabe a concepção de Silva (2005, p.38):

As características físicas, como a cor da pele, por exemplo, são traços menos flexíveis do que os aspectos culturais e, a despeito de ambos não conseguirem representar o ser humano na sua totalidade, no Brasil, em decorrência do racismo, os fenótipos de uma pessoa funcionam como elemento constitutivo da identidade. É por isso que a identidade sempre vai ser interrogada, seja no âmbito dos estudos e debates sobre as nossas relações raciais, seja pelo sujeito que sempre procura afirmar sua singularidade perante o outro.

Durante a realização desta pesquisa, foi possível perceber a recorrente menção das participantes à mistura do povo brasileiro, as alunas negras referiram-se a essa mistura de brancos, negros e indígenas nas suas famílias e nas suas cidades. As discentes das cidades pertencentes à região centro-oeste mencionaram haver uma convivência harmônica entre negros e brancos, enquanto que as participantes da região central do estado relataram haver

um maior distanciamento entre negros e brancos, um exemplo é a fala do sujeito 5: “na lavoura se vê bem, quem manda é branco e quem trabalha é negro.”

Ao mencionar o racismo, haja vista a formação da sociedade brasileira, emerge da fala de uma das participantes o preconceito racial com a população indígena. É possível notar no discurso do sujeito 1, que assim como a etnia afro é alvo de racismo, a etnia indígena também enfrenta esse problema (embora não seja esse o objeto desta pesquisa, refere-se aqui, para se ilustrar o racismo também com essa etnia, percebido pela fala desse sujeito). No que se refere a como a sociedade lê as pessoas de pele não branca e cabelos lisos, a participante relata que, para não ser lida como uma índia, tinha o desejo de que seus cabelos fossem crespos.

Aí quando eu cresci eu queria que meus cabelos fossem crespos. Quando a gente nasce daquele jeito a gente não muda, e eu queria ter cabelo crespo, acho lindas aquelas ondas. Mas da trabalho para quem quer alisar e para quem quer encrespar. Sabe como é que um dia eu descobri como que fazia isso. Lavava com xampu e deita sem pentear os cabelos, no outro dia ele amanhece todo meio engruvinhado.

Ao explicitar o desejo de possuir cabelos crespos, a fala da participante desencadeou no grupo a reflexão acerca dos cabelos como sendo uma marca identitária. Nesse sentido, o cabelo crespo, para a mulher negra, além de ser um ato político é também uma forma de reafirmar uma identidade, conforme afirma Gomes (2003).

Nota-se que, no que diz respeito aos cabelos, as alunas negras participantes do grupo focal apresentam relatos que exemplificam situações de preconceito vivenciadas por elas no cotidiano escolar e familiar.

A fala do sujeito 8 representa uma experiência de racismo na escola, que além de se caracterizar como opressão de raça é também de gênero, uma vez que sugere um padrão estético embranquecido, que perpassa a textura lisa de cabelos:

Cabelo crespo e cacheado é um pouquinho difícil de lidar e quando seca fica volumoso. Eu estava passando no corredor e me chamaram de leão. Eu não levei para o lado pessoal porque eu não tinha nenhuma intimidade com eles se fosse gente que eu conhecia ia levar na brincadeira, mas eu não conhecia eles, eles falaram por mal e se mataram de dar risada. [...] Um deles que riram era negro depois ele veio me pedir desculpa, os outros dois eram brancos e não pediram desculpa.

A situação relatada sobre a situação constrangedora vivida pela estudante demonstra que os meninos que debocharam do cabelo volumoso reproduzem um padrão social, ao não

considerarem a diversidade de características possíveis aos corpos, além de afirmarem também o padrão estético branco.

Outra situação relatada pelo sujeito 8 que diz respeito aos cabelos e, conseqüentemente, a compreensão de corporeidade negra, perpassa a questão afetiva pelo ato de receber cafuné. Tal demonstração afetiva, segundo a aluna, é uma possibilidade para quem tem cabelo liso, enquanto que quem tem cabelo cacheado, por ficar volumoso, não. “Eu sempre pensei aí o cabelo liso todo mundo passa mão, quem tem cabelo liso ganha cafuné e quem tem cabelo cacheado passou a mão o cabelo fica volumoso”.

Para Gomes (2002, p. 42), a identidade está associada a questões culturais, que envolvem também a forma como o indivíduo relaciona-se com o corpo. Sobre o corpo negro, pode-se pensar que, a ele ficam reservadas possibilidades diferentes, se comparado ao corpo branco. A autora discute que:

A relação do homem com o corpo é pautada por um imperioso processo de alteração. Manipular, adornar, alterar, pintar, escarificar, tatuar, cortar são ações que fazem parte da dinâmica cultural e dos diferentes rituais de toda e qualquer sociedade. À medida que o corpo vai sendo tocado e alterado, ele é submetido a um processo de humanização e desumanização. A experiência corporal é sempre modificada pela cultura, segundo padrões culturalmente estabelecidos e relacionados à busca de afirmação de uma identidade grupal específica.

A experiência com os cabelos é relatada também por outra participante e, além de trazer a reflexão sobre a característica própria do cabelo crespo de crescer para cima, a qual não é aceita socialmente com naturalidade, também suscita a discussão sobre performances de gênero, pois o cabelo curto é associado a performance masculina de gênero. O sujeito 4 expressa que na infância, ao ir à cabelereira:

[...] a mulher cortava o meu cabelo tipo embaixo sabe? Então o cabelo negro vai crescer para cima porque o meu cabelo não era bem cacheado, antes ele era mais puxado pra um pixaim e eu nos anos iniciais da escola todo mundo me chamava de gurizinho. Pelo meu corte de cabelo que era curto me chamavam de gurizinho porque não era para baixo era para cima.

É possível observar ao longo da discussão que há a influência de fatores socioculturais que impactam a formação dos indivíduos, conferindo padrões de comportamento, de estética, de linguagem, que, inevitavelmente perpassam a formação da identidade. A formação dos

sujeitos ocorre, portanto, a partir de suas experiências e com base em padrões que vão sendo assimilados como sendo bonito, correto, culto, etc.

No caso das mulheres negras, considerando os signos valorizados culturalmente, as características físicas que compõem a corporeidade negra não são assimiladas como o que é natural, e sim como algo que deve se encaixar em um padrão embranquecido.

Mesmo considerando-se o uso de cabelo cacheado e crespo natural, esses cabelos devem obedecer a um padrão, o que inclui embranquecer suas características, haja vista o recorrente apelo publicitário em cosméticos que prometem “definir” o cabelo, com cachos “perfeitos”. Ou seja, não são aceitas as características naturais que incluem o fato de o cabelo não ter uma forma perfeita e definida.

A estética negra não é considerada nos padrões estéticos, pelo contrário, é renegada. A intelectualidade negra sequer é mencionada nos bancos escolares, dando a entender a ideia de que o desenvolvimento socioeconômico é exclusivamente branco. A capacidade de atuação negra é questionada, quando fora de lugares subalternos. É nesse contexto, que se constitui a identidade negra que, apesar de tudo, existe, resiste e se expressa, conforme se observa nas falas das participantes.

4.1 Influências étnico-culturais do entorno do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul

Para que se possa ter maior clareza a respeito da diversidade sociocultural, no âmbito desta pesquisa, é necessário que se tenha presente de que forma se organiza o cenário que compreende a comunidade acadêmica do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul.

O município de São Vicente do Sul compõe o Conselho Regional de Desenvolvimento- COREDE Vale do Jaguari¹³. A população total (2016) era de 117.084 habitantes. O COREDE Vale do Jaguari comporta ainda os municípios de Cacequi, Capão do Cipó, Jaguari, Mata, Nova Esperança do Sul, Santiago, São Francisco de Assis e Unistalda.

¹³ Disponível em <https://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Vale+do+Jaguari>. Acesso em: 24 fev. 2018.

Há uma diversidade étnica presente nessa região. Além disso, o cenário que reflete o entorno do Campus São Vicente do Sul apresenta características que permitem dizer que a comunidade interna e externa da instituição sofrem uma forte influência das tradições gaúchas, através de representações culturais como rodeios, músicas e danças tradicionalistas, competições de laço em vaca parada e lida campeira. Nesse sentido, recorre-se à afirmação de Carvalho (2016, p. 106) ao apontar que:

Entre hábitos, tradições e costumes, o gaúcho, figura que representa a cultura dos povos dos pampas, pode ser identificado a partir de algumas características muito peculiares em relação às demais culturas. Essas particularidades estão na vestimenta, a pilcha, na gastronomia, o churrasco, o carreteiro e o chimarrão, na música nativista, no esporte, a corrida a cavalo e o laço. Tais costumes marcaram e ainda marcam a vida do tradicional homem dos pampas.

Dentre as características de São Vicente do Sul, observa-se que o município tem vocação agrária, destacando-se na pecuária com a produção de bovinos, também há, na região, a presença de grandes latifúndios produtores de soja. Contrapondo-se a isso, a cidade possui um baixo índice de desenvolvimento econômico, segundo o Atlas (2010), revelando uma desigualdade social significativa dentre a população. Os dados da situação social da população podem ser observados, a partir da seguinte pesquisa:

Tabela 1. Renda, pobreza e desigualdade – Município – São Vicente do Sul – RS

	1991	2000	2010
Renda per capita (em R\$)	371,04	527,8 5	614,13
% de extremamente pobres	22,01	10,99	4,07
% pobres	50,030	31,45	12,20
Índice de Gini	0,68	0,66	0,52

Fonte: Adaptado de PNUD, Ipea e FJP

Fonte: <http://atlasbrasil.org.br/>

Culturalmente, são bastante marcantes na cidade de São Vicente do Sul, a realização de festas, que se tornaram tradicionais na região Centro-oeste, como, por exemplo, o carnaval de rua da cidade que se destaca pela grande participação dos públicos das cidades vizinhas e a

Feira de Comércio da Batata Doce - FECOBAT, que enfatiza o título da cidade de “Terra doce do centro-oeste gaúcho” e dá destaque para o comércio regional, proporcionando uma infraestrutura para centenas de comerciantes e, ainda, com a oferta de apresentações artísticas regionais e nacionais. Além desses, destaca-se ainda a realização do baile dos KERBs¹⁴, festa típica de origem germânica, tradicional no município, no mês de outubro, há mais de cinquenta anos.

A respeito do baile tipicamente alemão Fochesatto (2016, p.127) apresenta algumas características dessa representação sociocultural que ocorre no Brasil em regiões onde há a influência da cultura germânica, havendo, na pesquisa da referida autora, referência aos estados Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

O Kerb, foi uma das maiores festas da zona colonial alemã, tendo a duração em média de três dias. A organização da festividade era cuidadosamente elaborada, oferecendo uma grande variedade de comidas típicas da Alemanha, como as cucas, pães e bolos, as linguiças. A fartura alimentar era marca registrada da festa, e também não poderiam faltar as cervejas alemãs, em especial malzbier. Elaborava-se uma delicada decoração, que também era motivo de atenção e empenho dos organizadores.

Sobre a origem da cidade, Ilha e Molinari (2008, p. 7) afirmam que “São Vicente do Sul tem suas origens em 1632, onde era um aldeamento de índios guaranis que foram colonizados por jesuítas espanhóis, mas posteriormente a região passaria ao domínio português”.

Dado ao contexto sociocultural da região em que se situa o Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, reflete-se sobre a identidade dos atores sociais que formam a comunidade acadêmica. Estes atores sociais estão expostos a experiências multiculturalistas que põem em diálogo tradições culturais, como se percebe em São Vicente do Sul, onde há a manutenção de uma festa tipicamente alemã que se realiza em uma cidade que tem uma representação não branca significativa dentre os munícipes.

Sobre a representação étnica, historicamente presente no município de São Vicente do Sul, encontra-se nos estudos de Uberty (2016, p. 62), que realizou pesquisa documental nos

¹⁴ [...] espaço de comemoração, sociabilidade, e afirmação de laços sociais, além de ser também um registro da manutenção da cultura e da identidade alemã no Brasil; um espaço de representação e de memória (FOCHESATTO, 2016, p. 127).

registros de batismo de São Vicente do Sul, no século XIX, a seguinte afirmação:

Os designativos de cor estiveram presentes nos registros [batismais] de São Vicente entre 1854 e 1880, momento em que essa informação deixou de ser mencionada. As cores presentes nos assentos foram branco, índio, pardo, chino, cabra, preto e mulato.

Além da menção a representações étnicas não brancas na região de São Vicente do Sul em Uberti (2016), por meio de pesquisa no site do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APERS¹⁵, verifica-se que houve a presença de negros escravizados, cujo registro de cartas de alforrias constata origens de cidades como Cacequi, Santiago, São Vicente, São Francisco de Assis e Jaguari.

Sobre a formação sócio-histórica do município de Mata que até 1964 compunha o município de São Vicente do Sul, Hartmann (2016, p. 40) esclarece que “O município de Mata, assim como toda sociedade brasileira, é fruto da convergência entre invasores portugueses, índios, negros escravizados, e ainda, com outras populações europeias [Alemães e italianos], cuja chegada foi intensificada entre os séculos XIX e XX. A mesma autora afirma ainda que “Os imigrantes alemães teriam chegado em Mata em 1885 e os imigrantes italianos em 1920.”

Assim como explicitado por Ilha e Molinari (2008) sobre a presença indígena na região de São Vicente do Sul, Malgarin (1984) apud Moraes (2009, p. 65) elucida que O território que hoje compreende o município de Mata foi inicialmente habitado por “[...] indígenas das tribos Umbus, Humaitá e Tupi-guarani, as quais formavam um grande conglomerado, no ano de 1600. Na atualidade, ainda é possível encontrar vestígios da presença indígena em Mata, através das marcas rupestres, utensílios domésticos e urnas funerárias”.

A partir do exposto, em que se apresenta de forma geral parte da formação étnica da região que compreende a abrangência do campus, retoma-se a discussão sobre o baile de Kerb's, o qual possui grande tradição em São Vicente do Sul. Em um primeiro olhar, essa manifestação sociocultural pode causar estranheza, visto que, pautando o que diz o senso

¹⁵ Disponível em: http://www.apers.rs.gov.br/arquivos/1169142561.Cat_Sel_Cartas_Liberdade_Vol_1.pdf e http://www.apers.rs.gov.br/arquivos/1169225608.Catalogo_Seletivo_Cartas_Liberdade_Volume_2.pdf. Acesso em: 10 jan. 2018.

comum, não se observa de forma expressiva na cidade o estereótipo dos imigrantes alemães.

Contudo, esse fato, demonstra que a identidade de um grupo social, passa por uma construção histórica, social e política, de modo que uma festa típica da cultura alemã pode arraigar-se em uma cidade que não possui significativa colonização desta etnia, indo ao encontro do que afirma Gehlen e Radomsky (2015, p. 19) sobre os atores sociais, segundo eles são os “[...] valores culturais que predominam na dimensão da identidade social ou sociocultural. Portanto somos complexos, uno e múltiplos ao mesmo tempo.”

Cabe considerar também a influência étnica diversificada de outros municípios que constituem o Vale do Jaguari e, portanto, o entorno do instituto. Sobre o município de São Francisco de Assis, de acordo com Ilha e Molinari (2008, p. 6), “Durante o processo de colonização, os alemães e italianos integraram-se aos negros, portugueses e espanhóis, que compõem a miscigenação do município”.

Salienta-se que São Francisco de Assis pertencia a São Vicente do Sul, segundo Uberti (2016, p. 59): “Em 1884, São Vicente perdeu territórios após a separação de São Francisco de Assis que foi elevado a condição de município”. Sobre a emancipação, Ilha e Molinari relatam que “Em 1884, foi elevada a categoria de Vila e sua emancipação ocorreu em 1938”.

O município de Jaguari também fazia parte do território de São Vicente do Sul conforme site do IBGE¹⁶: “Em 1920, [ocorre] a emancipação da cidade de Jaguari, que desmembrou-se do hoje município de São Vicente do Sul, antiga cidade de General Vargas”. De acordo com Pedron e Bricalli (2005, p. 2), Jaguari:

[...] tem seu nome originado na língua dos índios Guaranis, primeiro povo a habitar o local, no século XVII. Em Guaraní, JAGUAR-HY significa “Rio do Jaguar”. A colonização começou em 1888, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos, que no ano seguinte fundaram o núcleo colonial de Jaguari. Além dos italianos, imigrantes alemães, húngaros, poloneses, russos e portugueses também vieram, contribuindo para a diversidade cultural e o progresso da região.

A cidade de Nova Esperança do Sul, nas palavras de Ilha e Molinari (2008, p. 6), teve o início de sua habitação “[...] em 1860, com a chegada de imigrantes italianos. Em março de 1986, um grupo de pessoas se reuniu para formar a comissão de emancipação, assim em 1988, foi criado o município”.

¹⁶ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/nova-esperanca-do-sul/historico>. Acesso em: 06 abr. 2018.

O maior município do COREDE Vale do Jaguari é Santiago, de acordo com dados do IBGE¹⁷: “Em 1884 foi criado o município de Santiago, com território desmembrado do de São Borja.” Sobre sua formação étnica há na pesquisa de Nascimento et al. (2017, p. 7) a afirmação que dá destaque para a colonização italiana: “[...] na nossa região, eles formaram um grupo muito notório de imigrantes no Brasil.”

O município de Cacequi, em 1911, constituía-se como distrito de São Vicente do Sul, porém em 1938 passou a fazer parte do território de São Gabriel¹⁸. Os autores Ilha e Molinari (2008, p. 6) falam sobre a presença indígena, portuguesa e espanhola na região:

Em 1890, foi construída a via férrea que interligaria os municípios de Santa Maria e Cacequi, sendo esse fato determinante na ocupação populacional próxima à estação, que deu origem a sede atual do município de Cacequi. A região foi inicialmente povoada por indígenas, mas com o processo de ocupação e povoamento do Rio Grande do Sul, os indígenas foram expulsos da região, permanecendo o nome do local dado por eles, ou seja, o do arroio Cacequi.

A pesquisa bibliográfica e documental dos autores acima citados, realizada sobre a constituição das identidades étnicas da região de abrangência direta do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, revela a presença de diversos grupos étnicos e culturais. Para os municípios de Capão de Cipó e Unistalda, que também compõe o COREDE Vale do Jaguari não foram encontrados dados sobre a formação étnica da população.

Em se tratando de traços identitários, recorre-se a Gomes (2003, p. 171) para expor a concepção de identidade negra a qual se acredita ser adequada ao contexto trabalhado: “A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro”.

A citação de Gomes (2003) e a pesquisa sobre a região do entorno do instituto trouxe questionamentos, como: de que forma o negro se vê em meio a uma representação sociocultural eurocêntrica? Antes da chegada dos imigrantes europeus não havia desenvolvimento? Quais etnias são dignas de protagonismo sociocultural nesse território?

Assim, considera-se importante a contextualização da influência cultural dos sujeitos

¹⁷ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santiago/historico>. Acesso em: 12 mar. 2018.

¹⁸ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cacequi/historico>. Acesso em: 24 jan 2018.

que compõem a comunidade do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, pois é elemento fundamental para se pensar a construção de identidades socioculturais, seja individual ou coletivamente.

4.1.1 Mulheres negras e sua identidade sociocultural

Tomando-se por base a ideologia neoliberal que se fundamenta na exploração de grupos não hegemônicos, a ignorância das massas é uma estratégia para manutenção do poder por parte de uma pequena parcela da população que ocupa lugares de privilégio social. Assim sendo, para esses é vantagem que a classe operária acesse uma educação que não emancipa, e que prepara o trabalhador para executar tarefas e não para o exercício da cidadania.

Os governos petistas, com um projeto que contrapunha as medidas neoliberais que atingem os mais pobres e negam a estes direitos fundamentais, por meio dos Institutos federais intencionou implementar, na área educacional, “oportunidades para milhões de jovens e adultos da classe trabalhadora (PACHECO, 2007, p. 7).”

De acordo com Souza (2013, p. 68), a ideologia neoliberal impacta nas medidas sociais de forma negativa, uma vez que se ocupa dos interesses da classe dominante. Assim há prejuízo nas políticas públicas educacionais, conforme afirma o autor:

Na democracia, o voto garante um direito constitucional, com o qual nós elegemos um representante para cuidar do interesse coletivo, tanto ao nível nacional, como Estadual e Municipal, mas na prática o que prevalece são os interesses particulares de alguns políticos, dos patrocinadores de campanha e do capital nacional e internacional, por isso a população não acredita em mudanças. Como o objetivo desses políticos é atender aos interesses da economia neoliberal, prejudicam ao máximo as políticas públicas sociais, como é caso do ensino público.

Os institutos federais, enquanto políticas públicas, permitem que a classe trabalhadora acesse instituições estruturadas de forma que congrega diferentes níveis da educação básica e superior, com estrutura física adequada tanto no que diz respeito a pessoal quanto no que se refere a instalações necessárias para a aprendizagem, como: bibliotecas, laboratórios, salas de aula, etc. A respeito disso Pacheco (2007, p. 21) apresenta que:

Os espaços constituídos, no tocante às instalações físicas dos ambientes de

aprendizagem, como salas de aulas convencionais, laboratórios, biblioteca, salas especializadas com equipamentos tecnológicos adequados, as tecnologias da informação e da comunicação e outros recursos tecnológicos são fatores facilitadores para um trabalho educativo de qualidade, que deve estar acessível a todos.

Assim sendo a proposta dos institutos, na sua criação, incluía a emancipação social das comunidades de abrangência dos institutos que geograficamente atingem regiões em condições sociais de vulnerabilidade.

Diante disso, os trabalhadores da educação que atuam nessas instituições possuem um comprometimento social, o qual pode ser expresso com a colocação de Pacheco (2007, p. 8):

Nos recusamos a formar consumidores no lugar de cidadãos, a submeter a educação à lógica do capital, colocando o currículo como instrumento do simples treinamento de habilidades e técnicas a serviço da reprodução capitalista. Como agentes políticos comprometidos com um projeto democrático e popular, precisamos ampliar a abrangência de nossas ações educativas. A educação precisa estar vinculada aos objetivos estratégicos de um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social [...]

A concepção de Pacheco (2007) corrobora com o que aponta Davis (2016) e Mészáros (2008), ao afirmarem a necessidade de que se pense e se construa um novo modelo de sociedade, que tenha como pressuposto a igualdade entre as pessoas, independente do gênero, da etnia ou classe social. Em outras palavras, os referidos autores apontam o sistema capitalista como sendo o causador da desigualdade social, pois para a manutenção do capitalismo se faz necessária a exploração do grupo dominante sobre grupos subjugados, portanto, somente a partir de um novo modelo de sociedade seria possível vislumbrar a justiça social.

O que se propõe, então, não é uma ação educadora qualquer, mas uma educação vinculada a um Projeto Democrático, comprometido com a emancipação dos setores explorados de nossa sociedade; uma educação, que assimila e supera os princípios e conceitos da escola e incorpora aqueles gestados pela sociedade organizada. Mais do que isso a comunidade educa a própria escola e é educada por ela, que passa a assumir um papel mais amplo na superação da exclusão social. No conceito de inclusão, temos que abrigar o combate a todas as formas de preconceitos, também geradores de violência e intolerância, através de uma educação humanista, pacifista, preocupada com a preservação da natureza e profundamente vinculada à solidariedade entre todos os povos independentemente de fronteiras geográficas, diferenças étnicas, religiosas ou quanto à orientação sexual (PACHECO, 2007, p. 10).

A partir do exposto, compreende-se que a interação entre a instituição de ensino e a comunidade possui a capacidade de educar uma a outra. A respeito disso, Zapata (2001, p. 231), ao discutir sobre a atuação dos atores sociais para o desenvolvimento local, destaca que:

A concepção pedagógica aplicada ao desenvolvimento local se estrutura sobre a prática, sobre o fazer, sobre uma aprendizagem ativa, na qual as informações e os conteúdos conceituais e metodológicos se originam na realidade concreta do território, das comunidades e das organizações apoiadas. Assim, a aprendizagem é gerada a partir da reflexão social de dados e informações da realidade, visando à sua transformação. A estratégia está focada no “processo de desenvolvimento local” e não no “processo de apoio”, pois este está em função daquele.

Assim, observando-se que não há uma representatividade negra no entorno do Instituto Federal Farroupilha, conforme falas proferidas no grupo focal da presente pesquisa, as quais são detalhadas, a seguir, entende-se como sendo função do instituto, enquanto instituição de proposta democrática e inclusiva, incentivar o debate e a reflexão na sociedade local acerca da importância da representação de todas as etnias que compõem a formação social dos municípios de abrangência do Instituto Federal Farroupilha.

Nesse sentido, buscou-se compreender como as mulheres negras participantes do grupo focal interpretavam a representação da mulher negra na instituição de ensino. Assim, na discussão em grupo, ao abordar a representação negra no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, nas falas apresentadas verificou-se não haver uma representação, ou pelo menos não de forma significativa.

Fica nítida a falta de representação negra significativa na instituição de ensino na fala do sujeito 1: “Na verdade eu não sou a melhor pessoa pra dizer isso mas vejo quase nada. Eu enquanto pessoa não vejo. [...] Só no mês de novembro no resto do ano não há espaço”.

Corroborando com o que expõe o sujeito 1 a afirmação do sujeito 2 ao explicitar a sua opinião acerca da representação negra, no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul: “Aqui no campus eu não acho que o negro tem representação [...] eu não vejo muita coisa sabe? eu acho que poderia ter mais”.

Ainda sobre a representação negra, o sujeito 3 expressa opinião similar às demais participantes, afirmando que: “[no campus] eu também não vejo muita coisa, eu só vejo assim

mais na semana da consciência negra. [...] eu vejo mais assim que os professores fazem trabalhos sobre a consciência negra”.

As falas apresentadas apontam que embora a temática da negritude seja abordada durante a semana da consciência negra, as participantes expressam não haver uma representação negra em outros momentos durante o ano letivo, o que denota que o Instituto Federal Farroupilha não se constitui como um espaço de africanidades. Tal fato demonstra que há nas alunas a consciência crítica de que abordar de forma pontual as temáticas que envolvem a etnia negra, no mês de novembro, na semana em que se celebra a morte e resistência de Zumbi de Palmares, não é suficiente para ser considerada uma representação negra de fato.

Sobre o tema identidade, Nascimento (2016, p. 114) observa que existe uma grande dificuldade ao abordar essa questão no contexto da educação superior, principalmente porque esse espaço, historicamente, não é ocupado por negros. Tal fato, traz como consequência a intolerância a temas relacionados a negritude nas instituições de ensino superior: “Falar em identidade negra em uma universidade do país é o mesmo que provocar todas as iras do inferno, e constitui um difícil desafio aos raros universitários afro-brasileiros”.

Assim como se entende importante que o Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul aborde temáticas que envolvem a negritude, compreende-se também que a instituição pode e deve contribuir para disseminar em sua comunidade de abrangência a empatia com as etnias não brancas. Dessa forma, ainda no grupo focal, buscou-se averiguar se as participantes percebiam uma representação negra na região que cerca o Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul.

Ao serem estimuladas a falar sobre a representação negra na região, novamente se pode perceber nas falas a falta de representação sociocultural negra. Nota-se na fala do sujeito 2, que existe um padrão cultural branco: “[em São Vicente do Sul] não vejo tanto, eu vejo mais a classe branca mesmo. O negro não é tanto, [...] tem uma certa padronização.”

O sujeito 1, ao se referir à cidade de Cacequi, observa que “lá em Cacequi não tem muito essa questão dos gringos¹⁹ porque é uma miscigenação muito grande. [...] na verdade o

¹⁹ “Na época em que migraram, a Itália enquanto um Estado nacional unificado era algo existente de direito, mas não de fato. Havia muitas regiões com disputas, falantes de dialetos distintos, venerando santos específicos e cultivando hábitos diversos. Com a unificação em 1870, quando aquelas famílias rumaram para a América (em

que separa é a elite, é mais pela posse e não tanto por raça [...] é um povo muito agradável porque não tem essa coisa de preconceito.”

A percepção sobre a representação negra apresentada pelo sujeito 3 sobre a cidade de Nova Esperança do Sul é a de que “é mais voltado pros gringos mesmo assim. Tipo no início do ano mesmo tinha a eleição pra rainha e as princesas [de uma festa local] e se tu for ver são todas loiras. Todas as princesas e rainhas são loiras. Aí é mais voltado pros gringos assim”.

Durante a discussão, uma das participantes apresentou seu ponto de vista sobre a representação negra na região. A fala do sujeito 1 traz o exemplo de uma situação que demonstra a estereotipação da pessoa negra:

[...] acredito que isso é cultural. É aquela cultura que eles delimitam esse espaço é dos brancos, esse espaço é dos negros e criam aquela barreira. Porque aqui dentro do iff aconteceu um fato quando eu fui ingressar em administração. Foi um fato triste que depois eu dei risada porque foi hilário. Eu fiz a prova [vestibular] e passei na prova de administração, eu vim fazer a matrícula e a pessoa que me atendeu automaticamente na hora da inclusão olhou pra mim e colocou que eu tinha entrado pela cota de preto e escreveu. Eu estava com todos papéis, só que eu tinha feito vestibular. Aí eu tava indo pra Cacequi, voltando, toca meu telefone. Eu estranhei ser do if, eu digo alo: aqui é fulano de tal que fez a matrícula houve um erro, a senhora entrou pela cota de escola pública mas na hora de preencher a ficha e coloquei que a inclusão tinha sido por causa da cor. Aí essa pessoa não sabia o que se justificar no telefone. Pra ti ver eu fui ali taxada que não poderia ter entrado de outra forma, só poderia ser cota [racial].

Ao observar o relato do sujeito 1 sobre a situação vivenciada, na matrícula, para o curso de Administração, observa-se que, ainda que não seja dada forma intencional, se reserva ao negro determinados papéis pré-determinados e, nesse sentido, a participante relata que associar a presença de uma mulher negra em um cursos superior à cota racial é uma forma de estereótipo.

Como forma de contribuir para a criação de uma representação negra na comunidade acadêmica do Instituto e da região, é importante a atuação do NEABI junto aos alunos e servidores negros e indígenas.

Silva (2016), em sua dissertação de mestrado, destaca a necessidade de apoio

1875), a noção de pertencimento que traziam era a de seus paesi, ou seja, de suas localidades de origem, e não de uma Itália falante de uma língua comum e tendo uma identidade nacional partilhada. A categoria “italiano”, “colono italiano”, passou a fazer sentido em solo brasileiro, já no contexto de contato com os nativos, brasilianni (brasileiros), considerados todos negri (negros), independentemente da cor da pele. Assim, adscritivamente, passaram a se autodenominar e serem denominados de “gringos”, “italianos”, entre outros adjetivos.” (ZANINI; SANTOS, 2009, p. 177).

institucional para o enfrentamento das questões de gênero, raça e classe, da mulher negra na Universidade, considerando o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI, como sendo uma forma das etnias não brancas resistirem dentro da universidade.

Utiliza-se como exemplo o caso do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros - NEAB da Universidade Federal do Alagoas - UFAL, que, de acordo com a tese de Santana (2015), cumpre um papel importante no que diz respeito a ingresso e permanência dos estudantes negros universitários. A autora menciona que o referido núcleo, em funcionamento, desde 1982, além da proposição de eventos, articula-se com movimentos sociais, em especial o movimento negro.

Nesse sentido, cabe destacar os quatro subprogramas desenvolvidos no âmbito acadêmico, pelo NEAB da UFAL: política de cotas: além da implementação de estratégias adequadas para o ingresso de afrodescendentes na universidade, há o acompanhamento desde o ingresso do estudante negro na universidade; políticas de permanência dos estudantes cotistas na universidade; políticas curriculares de formação: inclusão da temática afro nos Programas Políticos-pedagógicos em cursos superiores e Políticas de produção de conhecimento: estímulo à produção de materiais pedagógicos que valorizam a pluralidade étnica do Brasil (SANTANA, 2015).

De acordo com o exposto por Silva (2016) sobre as mulheres negras acadêmicas e o NEABI, reflete-se sobre a função de tais núcleos nos ambientes acadêmicos e escolares, se considerados nas Universidades e Institutos Federais. Há a desarticulação entre os indivíduos negros nas instituições de ensino, o que dificulta a condição de enfrentamento das opressões de raça por eles vivenciadas. No caso das mulheres negras, há ainda o agravante da opressão de gênero que, assim como o racismo, ocorrem de forma institucionalizada e recorrem a violências que nem sempre são tangíveis e sim que acontecem de forma simbólica.

Sobre a questão das relações sociais no âmbito da educação, o que compreende a diversidade étnico-racial, a escola se constitui como uma significativa experiência de socialização e de formação da identidade. Gomes (2003, p. 172) elucida que:

[...] a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos. Nesse percurso, os negros deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura, sua história, seu corpo e sua estética. Muitas vezes esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, diante das diversas maneiras como estas são tratadas pela sociedade.

Cabe destacar que em todos os espaços públicos de poder há uma representação negra consideravelmente menor do que a branca, mesmo que a maioria da população brasileira seja negra. Assim sendo, em termos de representação política, entende-se como relevante que os Núcleos que se ocupam das questões étnicas, nos institutos e universidades, contem com a participação ativa dos estudantes e tenham articulação com os movimentos sociais, propiciando, dessa forma, trocas de experiência e aprendizados a partir de conhecimentos práticos²⁰.

4.1.2 Representação política da mulher negra no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul

Com base no caso do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul e o contexto de seu entorno, verifica-se que não há, na região, uma representatividade político-social negra, conforme se observa na fala dos sujeitos do grupo focal ao mencionarem uma expressão branca, de “gringos”, na região.

De acordo com os dados de 2015, levantados pela Secretaria Especial de Promoção de Políticas para a Igualdade Racial – SEPPIR²¹, na Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense não consta que existam conselhos municipais negros nos municípios, o que leva ao entendimento de que os movimentos sociais étnicos não existem. A fim de exemplificar a importância da articulação entre movimento negro e sistema educacional, recorre-se a Sebaje (2013, p. 30), em uma citação na qual a autora reafirma a importância da atuação do movimento social étnico negro para a resistência de tais estudantes em um sistema que

²⁰ Ver: PEREIRA, Amílcar Araújo. O movimento negro brasileiro e a Lei nº 10.639/2003: da criação aos desafios para implementação. **Revista contemporânea de educação**, v. II, nº 2, ago-dez de 2016. p. 13-30

²¹ Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/arquivos/sinapir7.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2018.

sempre os excluiu e os exclui até hoje. Assim, tem-se que a partir da década de 1970:

[...] os movimentos negros passaram a ter expressão própria na sociedade gaúcha e, dentre as suas atividades para formação da consciência crítica da comunidade negra, uma delas foi procurar compreender a situação da criança negra na escola, onde eram visíveis os indícios de que algo não andava bem. Aliás quase nunca andou bem equilibrada essa relação negro e o sistema escolar.

Sebaje (2013) resgata historicamente a atuação do Movimento Negro e, com isso, nota-se que esta perpassa a questão do negro no ambiente escolar. O rendimento baixo e a evasão dos negros, na escola, estão intimamente atrelados às violências racistas vivenciadas, desde a infância.

No que diz respeito a violências proferidas de forma verbal e simbólica, que fazem parte da vivência dos indivíduos que compõem grupos minoritários, Louro (2017, p. 67) reflete que “‘Viado’, ‘criolo’, ‘bicha’, ‘sapatão’, ‘loura burra’ não são expressões inocentes. Elas produzem efeitos; elas parecem machucar. O que faz com que essas palavras doam tanto? ‘Palavras têm o poder de ferir?’ - questiona Judit Butler. De onde vem a força da fala dessa gente?”

Para Bourdieu (2010, p. 7), a violência simbólica é “[...] suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento”.

Com base em Louro (2017), o que confere o tom grave às referidas expressões é a história de ódio que carregam, o valor do discurso de ódio fundamenta-se em uma trajetória de opressão e de subjugação que atinge os gays, negros, lésbicas, mulheres, ao longo do tempo. Dessa forma, é muito significativo que existam espaços, no âmbito escolar e acadêmico, que acolham esses grupos que são alvo rotineiramente de provocações que ferem a trajetória, o emocional, a autoestima desses indivíduos.

No caso do Instituto Federal Farroupilha, os núcleos de inclusão são destinados a acolher os estudantes diante do universo plural que compõe a comunidade acadêmica, visando dirimir questões relacionadas a capacitismo, racismo, sexismo, etc. Além do NEABI já mencionado, foi citado pelas participantes do grupo focal o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual – NUGEDIS, como um grupo expressivo na instituição com relação à temática de

gênero e sexualidade. Nessa linha de pensamento, pode-se citar Louro (2017, p. 69-70):

Na sociedade também circulam discursos de tolerância; afinal, políticas oficiais proclamam o acolhimento da diversidade sexual e étnica/racial. Fazem-se leis e projetos de ação afirmativa, há intervenções inclusivas; organizações e grupos se mobilizam. Alguns tentam inscrever essas questões nos currículos escolares. Em contrapartida, outros apontam supostos malefícios em tais iniciativas e reafirmam, exaltados, os valores tradicionais da família, definidos de modo singular e exclusivo.

Sobre a menção ao NUGEDIS, uma das participantes observa não ser tratado racismo e gênero, dentre as pautas levantadas pelo grupo. A mesma aluna entende que há uma explicitação maior acerca das opressões vivenciadas pelos estudantes LGBTs, sobre esse fato ela reflete que “[...] a gente [estudantes negros] não tem uma força como eles têm sabe? Talvez porque a gente não se une como eles se unem. [...] (SUJEITO 4).”

Historicamente, as pautas das mulheres negras não figuraram de forma satisfatória nos movimentos de mulheres. Quanto a isso, sobre a colocação do sujeito 4, pode-se citar Carneiro (2003, p. 120) ao observar que as questões sociais das mulheres negras foram incorporadas pelo Movimento Negro, justamente pelo fato de os movimentos de gênero não representarem as pautas das minorias étnicas:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros.

A atuação das minorias políticas nas instituições de poder é um diferencial para que se possa avançar em termos de igualdade entre os diferentes grupos sociais. A voz de alunas negras na vida escolar e universitária, além de contribuir na construção de um ambiente mais democrático para as estudantes, é também um aprendizado para atuação política em outros espaços.

As estudantes negras, respondentes do questionário, apresentaram suas impressões acerca da atuação política desse grupo social. Nota-se que todas as respondentes afirmaram considerar importante a participação da mulher negra na política. Dentre as respostas

explicativas do porquê a atuação política da mulher negra é importante coletou-se os seguintes resultados: “Em um país onde quase só tem homens brancos no comando seria muito importante ter mulheres negras e empoderadas nesse espaço (SUJEITO 1)”. “Por conta da diversidade étnica e de gênero. (SUJEITO 6)”.

Percebe-se acima duas respostas que expressam a importância de que haja nos espaços de tomada de decisão mulheres negras, de forma que garanta a representação de gênero e de raça. Com relação a isso Carneiro (2003, p. 119) defende a ideia de que as mulheres “indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso”.

As peculiaridades das mulheres de minorias étnicas, assim como outras características que determinam pautas específicas dentro do campo político como por exemplo a mulher lésbica, a mulher gorda, a mulher idosa, precisam constar nos discursos públicos. Por meio da atuação política dos sujeitos da opressão social é possível que diferentes pontos de vista componham os discursos nos espaços de poder. Corrobora com essa concepção o seguinte posicionamento elaborado durante o grupo focal: “É necessário que alguém da nossa raça coloque seus conhecimentos, suas ideias em ação para que a sociedade compreenda a forma como atuamos como pessoas. (SUJEITO 2).”

Na fala do Sujeito 2, subentende-se o anseio de que a sociedade tenha conhecimento de como as pessoas negras atuam, como sujeito de direito, com conhecimentos e ideias. Sabe-se que historicamente não é atribuído ao negro o lugar de formador da opinião pública, os conhecimentos e ideias negras, que tiveram grande importância para a formação da sociedade brasileira, foram invisibilizados.

No que tange a representação feminina negra na área política, as respondentes do questionário relatam que consideram importante a atuação de mulheres fortes, que as representem. Tais representantes seriam a voz da mulher negra, fazendo valer os anseios e a cultura da ancestralidade afro, a favor da luta contra ao preconceito em nome daquelas que foram mantidas em senzalas:

É uma representante mulher negra na política com anseios e cultura de nossas origens. (SUJEITO 3)

Porque precisamos de mulheres que nos represente, na luta contra o preconceito, fazendo valer a voz daquelas mulheres que ao longo da história, permaneceram caladas e reclusas dentro de uma senzala. (SUJEITO 4)

Porque precisamos de mulheres fortes e com pensamentos para evoluir a sociedade e não apenas para preencher cargos. Para mim é importante a participação das mulheres. (SUJEITO 5)

Diante das falas apresentadas que se referem às mulheres negras, seu poder, sua ancestralidade e sua cultura, observa-se a crença na força da atuação feminina como potência fundamental na luta por uma sociedade mais igualitária. Nesse sentido, cabe abordar a fala de uma das participantes, que se apresenta como uma liderança no município em que reside. A participante deixa transparecer a preocupação com as mulheres da comunidade local.

[...] eu trago de longa data o anseio desse projeto. Como eu fazia muitos cursos dentro do sindicato eu notei que algumas mulheres não tinham renda nenhuma. A gente teve a ideia de montar uma associação pra gente trabalhar. Como gostavam muito da questão de doce, eu via melancia espalhada em Cacequi como água. Naquela época, faz dez anos que esse projeto tá guardado, eu comecei a juntar minha ideias com as delas e fomos pra cima, tentamos. Nos barraram. Tivemos uma reunião. Tivemos uma convocação com a intenção de montar a associação mas nos barraram. Momento político... a ideia não é boa. Mas tu sabe o que é tu olhar praqueles olhos daquelas mulheres que tinham acreditado que podiam ter autonomia de viver? E aí foi a época que eu resolvi buscar estudo para aprender como fazer, pela lei e tudo mais. Graças ao estudo eu sei como fazer tudo de forma bem burocrática com tudo legalizado, só que eu ainda não tenho quadro de pessoas. Eu só quero que saia do papel para elas terem uma motivação. [...] com o passar do tempo, tinha mulher de 40 anos que hoje estão com 50. Esses dias eu conversei com 2 ou 3 que não conseguiram nesse meio tempo se colocar no mercado de trabalho simplesmente por ser mulher e não é por outra questão. Simplesmente por o município não se importar que a gente não tem. (SUJEITO 1)

É possível verificar no relato do sujeito 1 o protagonismo da participante e de outras mulheres para a criação de uma associação, com o intuito de gerar trabalho e renda para mulheres. Percebe-se, ainda, que a participante busca por meio da educação formal obter êxito na execução do projeto de criar uma associação de mulheres.

Além disso, a estudante menciona ter o interesse de motivar outras mulheres para que avancem em busca de seus objetivos, em meio a obstáculos como os da vida privada, que exigem da mulher mãe determinadas tarefas que dificultam no avanço da área acadêmica e

profissional. A participante do grupo focal expressa ter interesse em fazer palestras para motivar outras mulheres, conforme se observa:

[...] para poder se colocar lá na frente e se colocar como exemplo. Entendeu? que passou por aquilo, que tu subiu isso, que tu caiu, mas tu prosseguiu. É uma pós que eu quero fazer depois para dar as palestras. Eu sou muito receosa é uma parte que eu vou ter que superar de falar para as mulheres [falar em público] mas eu sei que eu vou poder fazer porque eu tenho essa fome de fazer elas entenderem que a gente nunca pode desistir de poder buscar alguma coisa. [...] Eu fiz o proeja, tem toda uma escalada. Deixar filho pequeno, deixar tua casa, buscar recurso. (SUJEITO 1)

A fala do sujeito 1 vai ao encontro do que explicita Davis (2016) e (2017) ao afirmar que as mulheres negras quando ascendem socialmente erguem com elas as demais minorias políticas. Um dos lemas do feminismo negro expressa esse sentimento: “uma sobe e puxa a outra”. Esse lema reflete a ideia de que a união entre as mulheres possui um potencial transformador.

Sobre a atuação política da mulher negra, buscou-se ainda por meio do questionário conhecer se as estudantes atuam ou já atuaram como lideranças em contextos como bairro, município, ONGs, etc. Dentre as respostas coletadas, destaca-se a do Sujeito 3 que, embora alegue não ter uma efetiva atuação política, traz uma reflexão importante para o tema pesquisado: “Não fiz nada mas pensei comigo que qualquer pessoa negra tem que ser o mais possível correto, "melhor" no que for fazer, pois pela cor da pele somos julgados”.

Segundo Bacelar (1989, p. 77), a cor é “[...] sempre um componente para a estigmatização, desigualdade de indivíduos e grupo, tabus e sanções, estados afetivos e preconceitos. A cor da pele tem servido como insígnia de escravidão e liberdade, da dominação e sujeição”.

Assim, por meio dos resultados apresentados nesta pesquisa, no que tange à representação sociocultural e política, as alunas participantes do questionário semiestruturado e do grupo focal, demonstram uma consciência em termos de gênero e raça, pois as colocações feitas sobre essa questão demonstram preocupação com a ascensão social da coletividade de que fazem parte. Percebe-se o quanto as questões identitárias perpassam a atuação sociocultural da mulher negra, notando-se que os traços étnicos e culturais são determinantes para a explicitação do sujeito, nos espaços sociais.

4.1.3 Manifestações socioculturais

Tendo em vista o interesse em reconhecer as manifestações culturais que se apresentam como preferência da mulher negra, no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, conforme um dos objetivos da presente pesquisa, procurou-se por meio do questionário semiestruturado, obter informações acerca desse aspecto.

Com base no exposto acerca da manifestação cultural da região onde se situa o referido campus, entende-se que a manifestação das culturas não brancas não é tão marcante quanto as manifestações das culturas eurocentradas. Da mesma forma, o protagonismo negro na cultura brasileira não é um fato comumente observado, contudo é sabido que por meio da arte negra houve a expressão desse grupo social acerca de questões que envolvem a discriminação racial.

A expressão da negritude contida, por exemplo, nas obras de literatura escritas por autores negros, conta uma história que inicialmente fora escrita por brancos, ou seja, confere voz àqueles que foram silenciados pela branquitude ao longo da história de dominação vivenciada no Brasil escravagista e pós-escravagista.

De acordo com Proença Filho (2004, p. 161), em virtude do racismo a literatura negra foi alvo de marginalização e “[...] embora só ganhe presença mais significativa a partir do século XIX, surge na literatura brasileira desde o século XVII, nos versos satíricos e demolidores de Gregório de Matos.”

As manifestações artísticas enquanto forma de expressão sociocultural são capazes de representar um período histórico, uma era, uma sociedade. Embora não haja na arte o compromisso de representar a realidade, ocorre, segundo Candido (2006), a influência dos fatores sociais, em especial na literatura.

Em se tratando de representação negra na literatura²², cabe considerar que esse tipo de expressão de arte é voltado para o negro e conta a vivência do negro. Assim sendo, apresenta uma perspectiva da sociedade à qual a sociedade não está acostumada a ver, uma vez que o discurso predominante na literatura é branco. Segundo Ianni (2014, p. 184):

²² Ver: CARVALHO, José Ricardo. Educação, identidade e literatura oral: Griot na diáspora africana. **Revista Fórum**, ano 8, v. 16. Itabaiana: GEPIADDE, jul-dez de 2004. p. 313-336.

O negro é o tema principal da literatura negra. Sob muitos enfoques ele é o universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura. Naturalmente o negro sempre implica o branco, o outro do negro: senhor de escravos, capataz, feitor, fazendeiro, empresário, empregado, funcionário, operário, lavrador, político, governante, intelectual e assim por diante. Implica a escravatura, época colonial, período monárquico, várias repúblicas, várias ditaduras, urbanização, industrialização, formas de trabalho e vida. Compreende diversidades, multiplicidades, desigualdades, antagonismos. Mas não há dúvida de que o negro brasileiro é o tema principal dessa literatura.

Tendo em vista que o negro é o principal tema da literatura negra, nota-se que esta cumpre um papel significativo, no que diz respeito à construção identitária do negro do Brasil. Na literatura negra, há uma memória e uma história contada a partir do olhar do marginalizado. A respeito disso, Santos (2010) destaca a necessidade de que se tenha acesso ao conhecimento dos vencidos e não apenas dos vencedores como geralmente ocorre na cultura dominante, ou de maior status.

Logo, a literatura negra foi marginalizada por representar um grupo social oprimido e dar voz aos negros brasileiros. A relação de superioridade branca acarreta a invisibilização dos discursos negros, inclusive no campo da arte. Por esse motivo, a arte literária negra precisou contar com a força de movimentos sociais negros para ser acessada. Nessa direção, Proença Filho apresenta que:

Os propósitos de afirmação étnica e de identidade cultural, o espírito de grupo, aliados às dificuldades mercadológicas que enfrentaram e enfrentam, levaram-nos a integrar grupos e movimentos, entre eles o grupo Quilombhoje, de São Paulo, criado em 1980, responsável pela publicação dos Cadernos negros, periódicos divulgadores com vários números em circulação, o grupo Negrícia, Poesia e Arte do Crioulo, lançado no Rio de Janeiro, em 1982, e o grupo Gens (Grupo de Escritores Negros de Salvador), que data de 1985.

No que diz respeito ao caráter ativista dos artistas negros, é perceptível um comprometimento social, no sentido de desconstruir o discurso reproduzido pelo colonizador de forma a representar o rompimento de padrões, enfim, um elemento de resistência. Se impõe aos artistas negros ativistas a operação ideológica de resgatar a história, descortinar o olhar já condicionado sobre os temas que envolvem a negritude (IANNI, 2014).

Ao caracterizar o artista negro em especial o escritor negro e sua obra, Ianni (2014, p. 186) os caracteriza como elementos que “Abrem horizontes que permitem repensar aspectos fundamentais da dialética arte e sociedade, literatura e consciência social”.

Corroborar com a ideia da expressão artística negra como forma de representação sociocultural da população afro Duarte (2014, p. 395), ao dizer que “o discurso afrodescendente busca a ‘ruptura com os contratos de fala e escrita ditados pelo mundo branco’, objetivando a configuração de ‘uma nova ordem simbólica’, que expresse a ‘reversão de valores’”.

Diante das respostas apresentadas na sequência, no quadro 8, que reúne informações coletadas por meio do questionário, observa-se a participação das alunas negras em grupos de expressões artísticas. Considerando a discussão acerca da arte e literatura negra, cabe observar as respostas, apontando a participação das estudantes em grupos de leitura.

Quadro 8. Respostas do questionário sobre participação em grupos de expressão artística

Respondentes	Quanto a expressões artísticas, você já participou de algum grupo de: (marque o que considerar necessário).
Sujeito 1	Música
Sujeito 2	Dança, Leitura, Artesanato
Sujeito 3	Artesanato
Sujeito 4	Dança, Leitura, Artesanato
Sujeito 5	Música, Dança, Leitura, Pintura, Artesanato, Outros
Sujeito 6	Música, Dança, Leitura, Pintura, Artesanato

Fonte: Elaborado pela autora.

Tendo em vista o que se discute nesta dissertação sobre os aspectos socioculturais da mulher negra, o que perpassa também a construção de uma identidade de gênero e de raça, consideram-se importantes os espaços de expressão artísticas, como elementos que contribuem para a formação identitária.

Contudo, observa-se que a inclusão do negro na arte ainda é insuficiente. Um exemplo disso é que, assim como os primeiros escritores negros, o espaço para a representação negra na literatura contemporânea do Brasil é pequeno. Dalcastagné (2014, p. 309) aponta que a literatura negra é, de certa forma, um reflexo do que ocorre na sociedade, diante das relações raciais:

A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. É o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e de produção de discurso. São poucos os autores negros e poucas, também, as personagens - uma ampla pesquisa com romances das principais editoras do país publicados a partir de 1965 identificou quase 80% de personagens brancas, proporção que aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores.

Conforme Dalcastagnè (2014, p 311) no tocante a escassez de negros na literatura contemporânea “o problema que se aponta não é o de uma imitação perfeita do mundo, mas a invisibilização de grupos sociais inteiros e o silenciamento de inúmeras perspectivas sociais, como a dos negros”.

Não se tem socialmente o reconhecimento do racismo como um grave problema na sociedade brasileira. Porém, o fato de todas as formas de expressão da população negra não possuir status social quando protagonizado por negros é consequência do racismo estrutural que rege as relações sociais de uma forma geral. A baixa representatividade de escritores e personagens negros na literatura, em um país cuja maioria da população é negra, é um indicativo de exclusão e invisibilização do negro na sociedade.

Nesse sentido, levando-se em consideração que esta pesquisa desenvolveu-se em uma instituição de ensino e que a pesquisadora atua como bibliotecária nesse espaço, é inevitável que emergjam reflexões acerca da prática profissional como educadora, diante das expressões de arte comumente disponíveis nas instituições que preservam e disseminam elementos da cultura humana, denominadas equipamentos culturais.

Reafirma a ideia de que se faz necessário que educadores repensem a prática profissional, a reflexão de Moura (2005, p. 69): “Considero um desafio desenvolver, na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro, por meio de um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens e a se reconhecer como brasileiro”.

Nota-se a partir das falas das participantes da pesquisa, discutidas no capítulo *Identidades socioculturais na unidade de São Vicente do Sul do Instituto Federal Farroupilha*, desta dissertação e da discussão teórica realizada, que a representatividade da mulher negra é um fator importante na formação identitária. Assim, percebe-se como sendo uma das funções sociais do instituto, do NEABI, da biblioteca e dos educadores que atuam em tais espaços propiciar variadas representações de corpos, de linguagens, de gêneros, de etnias,

de culturas, etc.

Para Belluzzo e Silva (2017, p.8), as bibliotecas possuem responsabilidade social no que diz respeito a dar condição de acesso a diferentes tipos de informação, sobretudo as bibliotecas que atuam em espaços universitários, segundo as autoras:

As bibliotecas são equipamentos sociais onde a informação tem uso coletivo. Desse modo, cresce a sua responsabilidade em garantir o acesso ao público, uma vez que, tanto as bibliotecas como as universidades são pontos de convergência de ideias e distribuição dos saberes, onde todas as formas de conhecimento podem dialogar, desenvolvendo as peculiaridades de cada região onde estiverem estabelecidas.

Corroborando com essa aceção Freire (1982, p. 20) ao defender a ideia de uma biblioteca popular que atue enquanto uma referência cultural, indo além da ideia de guarda e conservação de livros apenas. Segundo o autor as bibliotecas podem ainda, propor aos leitores “uma experiência estética, de que a linguagem popular é extremamente rica”.

Sobre a concepção de equipamentos culturais, Coelho Netto (1997, p. 165) explicita que o termo se aplica tanto a edificações próprias para “práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus) quanto grupos de produtores culturais abrigados ou não fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis, etc.)”.

Assim como as bibliotecas e outras instituições, as festas e feiras também são consideradas equipamentos culturais, nesse sentido procurou-se conhecer as manifestações que eram frequentadas pelas alunas negras respondentes do questionário. No quadro 9, é possível conferir as respostas para essa questão, conforme se observa:

Quadro 9. Respostas do questionário sobre frequência em manifestações culturais da região

Respondentes	Quanto a manifestações culturais, você costuma frequentar alguma festa típica da região? (marque o que considerar necessário):
Sujeito 1	Carnaval de rua SVS, Baile do KERBs, FECOBAT- Feira de Comércio da Batata Doce
Sujeito 2	FECOBAT- Feira de Comércio da Batata Doce
Sujeito 3	Carnaval de rua SVS, FECOBAT- Feira de Comércio da Batata Doce, Outras
Sujeito 4	Carnaval de rua SVS, FECOBAT- Feira de Comércio da Batata Doce
Sujeito 5	
Sujeito 6	

Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se nas respostas que há, por parte das respondentes, a participação na FECOBAT que é uma feira de expressiva importância local, no carnaval de rua de São Vicente do Sul e no Baile do Kerbs, entre outras. Segundo o Atlas socioeconômico (2018):

Estes espaços exercem função fundamental para a valorização das manifestações culturais e o seu compartilhamento com o público. Os museus, bibliotecas, teatros, centros culturais, cinematecas, pinacotecas e galerias de arte, anfiteatros, salas de música, centros de tradições, pavilhões de feiras, etc. servem para estes fins.

Partindo-se da perspectiva de que os equipamentos culturais contribuem para a valorização e compartilhamento de diferentes expressões culturais, e que a representatividade é um fator determinante na constituição de identidades coletivas e individuais, considera-se importante a reflexão sobre a contribuição significativa de tais espaços no âmbito da discussão acerca das opressões de gênero e raça.

Para Moura (2005, p 78), “A cultura, enquanto universo simbólico através do qual se atribui significado à experiência de vida, orienta todos os processos de criação do homem, não só no domínio das artes, mas também no que o homem aprende ao longo de sua existência”.

Nessa projeção, recorre-se a ideia de afroperspectiva ou afrocentrismo, uma vez que conforme já explicitado, há uma tendência cultural eurocêntrica na região em que se situa o Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, assim como na cultura brasileira em geral.

O afrocentrismo, segundo Farias (2003, p.331) “[...] consiste na ‘apresentação apropriada de informação factual numa sociedade multicultural’, na ‘correção histórica’, e no ensino da ‘verdade’: ‘tudo deve ser passado na peneira da dúvida até chegarmos ao leito sólido da verdade’”.

Utilizando-se as bibliotecas como exemplo, observa-se ser de senso comum que essas têm a função de salvaguardar o conhecimento produzido pela sociedade, porém reflete-se, se de fato há o acesso a diferentes tipos de conhecimento nas bibliotecas universitárias e escolares, ou, ao contrário, o desenvolvimento de coleções em bibliotecas refletem a valorização do conhecimento produzido pela hegemonia dominante.

Os conhecimentos que possuem status social, em geral, provêm do que é produzido

nas universidades, conforme Santos (2010). Porém, essas instituições têm como maior público pessoas de maior poder aquisitivo, brancas, que não se encontram à margem da sociedade.

Sobre a valorização dos discursos hegemônicos aos quais se tem acesso nas instituições de ensino, Moura (2005, p. 79) destaca que a escola negligencia as perspectivas das etnias não brancas:

[...] quero enfatizar o descaso da escola pelo reconhecimento das múltiplas “identidades” e pelas diferentes culturas dos diversos segmentos que historicamente integraram a formação de nosso país, como tarefa indispensável de formação para o exercício da cidadania. Essa multiplicidade de raízes da nossa formação cultural não pode ser desconsiderada, sob pena de se priorizar apenas a visão de mundo de um daqueles segmentos, à exclusão de todos os outros. Pretendo, com este trabalho, chamar a atenção para a importância da diversidade e a necessidade do respeito às diferentes vertentes sócio-históricas e culturais que confluem na construção deste nosso país, como base para uma revisão em profundidade das práticas pedagógicas escolares, onde política, educação e cultura já não possam mais ser separadas.

Com base no exposto, tem-se que o conhecimento produzido nas escolas e universidades e que, portanto vem a compor os acervos das bibliotecas e a figurar com maior destaque nos espaços formais de disseminação cultural é produzido por pessoas que são dotadas de privilégios sociais. Logo, o que se difundiu como a cultura, a história, a memória da sociedade brasileira são contadas por um único segmento da sociedade, ou seja, não é algo diverso e plural a ponto de representar a totalidade da população.

Conforme afirma Ribeiro (2016), é fundamental que os grupos não-dominantes tenham espaços de fala para expressar a suas realidades, a fim de que seja possível a transformação social, pois, quanto mais invisibilizado permanecer o discurso dos grupos minoritários, maior será a dificuldade de rompimento da estrutura desigual que forma a sociedade brasileira.

Considerando-se, portanto, a arte como uma forma de representação sociocultural e, tendo presente que, em especial a arte negra, possui um viés político, cumprindo um importante papel social, recorre-se às palavras de Alexandre (2014, p. 339) ao explicitar o quanto “O fato de não esquecer, a necessidade de criar arquivos e, ao mesmo tempo, construir e reconstruir repertórios é um dos instrumentos de veiculação e manutenção da memória de uma comunidade, de um povo, de uma nação.”

Entende-se que pontos de vista que partem de outras perspectivas, que não seja a dos grupos hegemônicos, contribuem para o debate sobre a descolonização do pensamento que

segundo Gomes (2012, p. 107) é um ponto de partida para:

[...] outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente. Compreender a naturalização das diferenças culturais entre grupos humanos por meio de sua codificação.

A formação social brasileira é decorrente de diferentes grupos étnicos, é relevante, portanto, a reflexão dos motivos que levaram apenas um grupo a ter voz. De acordo com Gomes (2012, p. 105) “O ato de falar sobre algum assunto ou tema na escola não é uma via de mão única. Ele implica respostas do “outro”, interpretações diferentes e confrontos de ideias”

Um exemplo do que aponta Gomes (2012) encontra-se em umas das falas durante um dos encontros do grupo focal promovido pela pesquisa. Ao tratar da expressão negra na instituição, uma das participantes manifestou o anseio de que existisse, no instituto, um grupo de dança afro “imagina se tivesse um grupo na escola, seria muito divertido (SUJEITO 4)”. Tal explicitação confirma que tratar de um assunto na escola não é uma via de mão única, pois há a troca de experiências e proposição de ideias que advêm do processo dialógico.

Assim sendo, cabe considerar a importância de promover o acesso a produtos culturais que versem sobre a cultura brasileira, a partir de diferentes pontos de vista, considerando discursos não hegemônicos sobre gênero e raça. A representação sociocultural presente na arte pode ser verificada, a partir do quadro 10, na sequência, que sintetiza as repostas sobre a preferência das estudantes, no que diz respeito a música, filmes, leitura, entre outras expressões.

Quadro 10. Respostas do questionário sobre preferências de expressões de arte.

Respondentes	Qual a sua preferência de: Estilo musical	Qual a sua preferência de: Filmes	Qual a sua preferência de: Leitura	Qual a sua preferência de: Outras formas de expressão artísticas?
Sujeito 1	Indie	Romance	Literatura brasileira	Pintura e desenho
Sujeito 2	Classicas, Reggae, Mozart	Aventura, ação, comédia	Vários, não tenho um autor preferido	
Sujeito 3	Não tenho preferência	Romance, terror, comédia	Todas	Dançar
Sujeito 4	Não tenho um específico, gosto de música variadas	Suspense, terror, faroeste, comédia e mais filmes antigos	Literatura, educação, autoajuda, filosofia e psicologia	Dança
Sujeito 5	Gosto de muitos estilos. Depende muito da letra, ritmo e a emoção que me causa.	Ficção científica, ação, drama	Romance, literatura espanhola, algumas literaturas brasileiras, poesia	Pinturas sociais
Sujeito 6	Sou eclética	Sou eclética	Sou eclética	Não

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Verifica-se, a partir do quadro 10, respostas diversificadas e abrangentes, não havendo a delimitação de um determinado tipo de manifestação como, por exemplo, preferência pela cultura regionalista ou pela cultura pop. As respostas sobre preferências de leitura trazem a menção à literatura brasileira por duas respondentes. Sobre essa área cabe destacar o que apresenta Dalcastagnè (2014), quando afirma que a literatura brasileira não contempla a representatividade de etnias não brancas em seus discursos.

Nesse sentido, é importante que as bibliotecas e outras instituições que atuam como equipamentos culturais possibilitem acesso a discursos representativos para os grupos não hegemônicos. Como consequência do racismo institucional²³ e do racismo epistêmico²⁴ (que

²³ “O racismo institucional atua no nível das instituições sociais, dizendo respeito às formas como estas funcionam, seguindo as forças sociais reconhecidas como legítimas pela sociedade e, assim, contribuindo para a naturalização e reprodução da hierarquia racial. Não se expressa por atos manifestos, explícitos ou declarados de discriminação, orientados por motivos raciais, mas, ao contrário, atua de forma difusa no funcionamento

inclui também o silenciamento de mulheres), a expressão da cultura negra, da arte negra no ocupam lugar de destaque na sociedade.

Por conta de estruturas sociais que privilegiam o discurso do homem branco é notável a dificuldade de o discurso da mulher emergir, na sociedade. Tal fato reflete também na área literária, já que não se vê na mesma proporção que para os homens, a voz de autoras, narradoras ou personagens femininas, em destaque, ficando o discurso das mulheres negras mais à margem, em virtude da opressão de gênero e raça.

Cabe mencionar ainda que, nos diferentes territórios, existem equipamentos culturais que preservam a história e a memória social, como é o caso dos espaços destinados ao turismo paleontológico em Mata-RS, do baile do Kerbs em São Vicente do Sul-RS, entre outros, na região de abrangência do Instituto Federal Farroupilha. Essas expressões locais importam para formar as concepções culturais dos indivíduos da região.

Sobre a constituição sociocultural dos indivíduos cita-se Moura (2005, p. 72) ao apresentar uma pesquisa junto à comunidades quilombolas, nas cidades de Itapecurumirim-MA, Mato do Tição- MG e Osório-RS, a fim de investigar o papel das festas, as quais também são equipamentos culturais, como elementos de exaltação da cultura afro. Para a autora, tais manifestações nesses territórios “[...] leva em conta os valores de sua própria história, enquanto na escola os valores da cultura dominante, ou seja, o saber sistematizado, são impostos como únicos, sem qualquer referência às historicidades vividas e aprendidas pelos alunos em seu contexto de origem”.

Nesse sentido, Moura (2005, p. 76) observa que “Não se está advogando, portanto, o desprezo da cultura universal, patrimônio comum de toda a humanidade”. Porém, a autora pondera que diante do reconhecimento de que a sociedade brasileira é formada majoritariamente pelas etnias negra, indígena e branca, todas essas expressões culturais deveriam ser levadas em consideração nos currículos escolares.

cotidiano de instituições e organizações, que operam de forma diferenciada na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes grupos raciais” (JACCOUD, 2009, p. 157).

²⁴ “O racismo em nível social, político e econômico é muito mais reconhecido e visível que o racismo epistemológico. Este último opera privilegiando as políticas identitárias (identity politics) dos brancos ocidentais, ou seja, a tradição de pensamento e pensadores dos homens ocidentais (que quase nunca inclui as mulheres) é considerada como a única legítima para a produção de conhecimentos e como a única com capacidade de acesso à “universidade” e à “verdade”. O racismo epistêmico considera os conhecimentos não-ocidentais como inferiores aos conhecimentos ocidentais” (GROSFOGUEL, 2007, p. 32).

Dessa forma, entende-se que ter conhecimento sobre as preferências das mulheres negras participantes da pesquisa é um ponto de partida para pautar discussões e reflexões, na instituição pesquisada, acerca das diferentes manifestações de arte e cultura possíveis no espaço de atuação em que se encontra o instituto, e as que de fato são explicitadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, intitulada *A representação da mulher negra e a explicitação de sua identidade sociocultural no contexto acadêmico do Instituto Federal Farroupilha - campus São Vicente do Sul*, inseriu-se na linha de Linguagem, comunicação e sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta.

Para tanto, a pesquisa apresentou como problema: Como se dá a representação da mulher negra e a explicitação de sua identidade sociocultural, no contexto acadêmico do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul?, e como objetivo geral: Analisar como ocorre a representação da mulher negra e sua identidade em termos sociais, culturais e políticos, no universo acadêmico do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul.

Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa buscou: Identificar quem são as mulheres que se declaram como negras no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, na atualidade, verificando os espaços em que atuam; Refletir sobre a percepção da mulher negra quanto à sua identidade; Analisar a representação sociocultural e política da mulher negra no contexto do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul e Reconhecer as manifestações culturais que se apresentam como preferência da mulher negra, no Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, e discutir a respeito.

A pesquisa permitiu perceber que os aspectos socioculturais são capazes de determinar o status social dos indivíduos. Dentre tais aspectos, o gênero e a raça foram os elementos que mais se destacaram neste trabalho em virtude do objeto da pesquisa ser as mulheres negras alunas do Instituto Federal Farroupilha.

Assim, a investigação mostrou que, dentre as questões que permeiam a temática de gênero e raça, a identidade sociocultural emergiu das falas das participantes da pesquisa. A coleta de dados evidenciou que características como textura dos cabelos e tonalidade da pele embasaram as discussões sobre identidade, além das marcas culturais próprias da região de abrangência do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, como as tradições eurocentradas presentes nesse contexto.

Portanto, o Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul, apesar de ser um ambiente plural, composto por diferentes grupos sociais, não pode ser compreendido como um espaço de africanidades. Entende-se que, embora haja abertura para discussão da temática étnico-racial, ainda não ocorre de fato a representação da etnia afro, na referida instituição. O espaço de africanidade consiste em ter naturalizadas as práticas próprias da cultura afro, o que não ocorre de forma satisfatória no atual momento, haja vista a narrativa das participantes da pesquisa ao relatarem não haver representatividade negra no instituto.

A investigação sobre os aspectos socioculturais das mulheres negras, alunas do Instituto Federal Farroupilha, tinha o objetivo principal de analisar como se dá a representação de tais mulheres em termos sociais, culturais e políticos. Acerca disso constatou-se que, na referida instituição, há a presença de mulheres negras, assim como de homens negros. Embora sejam parte da comunidade acadêmica, não há necessariamente uma expressão sociocultural da etnia afro na instituição de ensino e na região de abrangência do instituto, como se verificou por meio das falas das participantes da pesquisa.

Em termos de representação política, acredita-se que o NEABI seja um espaço crucial para a atuação política dos estudantes negros da instituição, pelo fato de representar institucionalmente a voz das etnias não brancas no contexto em questão. As mulheres negras participantes da pesquisa demonstraram em suas falas o interesse em participar ativamente no instituto, inclusive, motivadas a criar um coletivo de estudantes negros, futuramente.

Com base nas hipóteses formuladas na fase inicial da pesquisa, foi possível concluir que ambas se confirmam. A primeira, que supunha a desarticulação das mulheres negras estudantes em termos sociopolíticos, e, como consequência, a dificuldade de imprimir uma identidade negra na instituição. Confirmou-se por meio dos resultados coletados na realização dos encontros do grupo, que não há uma constituição social e política em termos de grupo dessas mulheres, que dificulta a expressão de uma identidade coletiva, embora haja anseios por parte delas, enquanto pessoas, individualmente.

A desarticulação das estudantes negras, bem como o impacto desse fato na expressão da identidade negra, no campus, são dados que ficaram evidenciados, tanto nas falas que afirmam não haver uma representatividade negra no ambiente acadêmico, quanto na proposição das alunas participantes da criação de um coletivo negro. Percebeu-se que, a partir

dos encontros realizados no grupo focal, assim como nos diálogos entre pares, houve como reação das alunas a proposta da criação de um grupo, representando o interesse de articulação e de fortalecimento, como ponto de apoio mútuo entre estudantes com vivências semelhantes.

A segunda hipótese formulada para esta pesquisa partia da afirmação de que há, na comunidade acadêmica, a invisibilização da temática de gênero com recorte racial, o que traz como consequência a falta de representatividade de mulheres negras no contexto do Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul. Nesse sentido, constatou-se, a partir do discurso das participantes da investigação, que a representação negra, de fato, não ocorre de forma satisfatória. Isso foi confirmado com as respostas das mulheres negras participantes da pesquisa, que apontam a abordagem das pautas étnicas no instituto, na semana da consciência negra, ou seja, de forma esporádica.

Dentre os objetivos específicos da pesquisa, um deles consistia em reconhecer as preferências da mulher negra em termos de manifestações culturais. A investigação permitiu verificar, nesse quesito, que as alunas negras possuem gostos diversificados e manifestam o interesse por expressões artísticas provenientes de linguagens visuais, musicais e literárias.

Assim, pode-se dizer que os objetivos da pesquisa foram atingidos e que, além disso, em termos de conhecimento, de um modo geral, a pesquisa oferece como contribuição na perspectiva das práticas socioculturais, levando a refletir que as questões culturais podem ser analisadas sob dimensões variadas. Tendo presente que a pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino, entende-se que a compreensão da dinâmica dos problemas emergentes, na atualidade, integra os diversos sujeitos para que juntos possam atuar na promoção da cidadania e transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marco Antônio. A cultura negra e seus questionamentos na produção dramaturgica/espetacular contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica: história, teoria e polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. vol. 4

ALTHUSSER, Louis. Ideologias e aparelhos ideológicos de estado. In: Slavoj. (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ASSIS, Marta Diniz Paulo de; CANEN, Ana. Identidade negra e espaço educacional: vozes, histórias e contribuições do multiculturalismo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 709-724, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a10v34123> >. Acesso em: 09 mar 2018

ATLAS do desenvolvimento humano: São Vicente do Sul, RS. 2010. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/sao-vicente-do-sul_rs>. Acesso em: 05 nov. 2016.

ATLAS SOCIOECONÔMICO (Rio Grande do Sul). **Equipamentos culturais**. [2018]. Disponível em: <<http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/museus-e-bibliotecas-publicas>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

BACELAR, Jéferson. **Etnicidade**: ser negro em Salvador. Salvador: Pemba, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRANDÃO, Ana Paula (Coord.). **Modos de fazer:** caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. 132 p. (A cor da cultura ; 4)

BELLUZZO, Regina Célia; SILVA, Danielli Santos. Gestão do conhecimento e saber nas bibliotecas universitárias: Reflexões de importância na contemporaneidade. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 7, n. 1, p. 5-27, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/28364>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. 2.ed. Editora Moderna, 2004.

BRASIL. Congresso. Senado. Constituição (2008). **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Lei 11.892/2008:** Institui A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, Cria Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e Dá Outras Providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm>. Acesso em: 20 maio 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Biblioteca IBGE:** São Vicente do Sul-RS. Rio de Janeiro: IBGE, 20--?.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-401420030003000008&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 mar. 2018.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Selo Negro, 2000.

BACKES, Dirce S et al.. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. O mundo da saúde, n. 35, v. 4, p. 438-442. 2011.

BAKES, Enid. A mulher e a rua: trilhas do invisível. In: [s. n.]. **A rua invisível**. Porto Alegre: 1994.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro. **Metodologia de investigação**: Lisboa, Universidade Aberta, 1998.

CARNEIRO, Fernando Ferreira; KREFTA, Noemi Margarida; FOLGADO, Cleber Adriano Rodrigues. A práxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Tempus**: actas de saúde colet. Brasília, v. 2, n. 8, p.331-338, 2014. Mensal. Disponível em: <<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1530/1289>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CARVALHO, Elvio de. A cultura e a identidade como legado histórico dos povos dos pampas na vida do gaúcho. In: PASINI, Giovani; BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. (Orgs.). **Cultura e identidade dos povos dos pampas**. Santa Maria: Caxias, 2016.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **Estupro no Brasil**: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar). Brasília: Ipea, 2014. (Nota técnica. Vol. 11). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf>. Acesso em: 9 out. 2016.

COELHO NETTO, José Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CONFORTIN, Helena. **Discurso e gênero**: a mulher em foco. Representações do Feminino. Campinas: Átomo, 2003.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Africanidades brasileiras e pedagogias interétnicas. **Revista Gibále**, Aracajú, n. 2, p. 16-19, 1996.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica: história, teoria e polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. vol. 4

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Ed.). **História do corpo no Brasil**. Editora UNESP, 2011

DUARTE, Eduardo de Assis (Org). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica: história, teoria e polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. vol. 4

FARIAS, P. F. de Moraes, Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural. **Afro-Ásia** 2003, p. 316-343. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/770/77003009.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. Cortez Editora, 1991.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Papirus editora, 1994.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Globo Livros, 2006.

FLACSO BRASIL. **Mapa da violência 2015**: homicídio de Mulheres no Brasil. 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?p=13485>>. Acesso em: 07 out. 2016.

FOCHESATTO, Cyanna Missaglia de. O baile do Kerb como espaço de memória: Continuidades, permanências e transformações por meio de dois eixos de análise. **Patrimônio e Memória**, v. 12, n. 1, p. 122-141, 2016. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/582>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 4. Ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime de

economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GATTI, Bernadete A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2012.

GEHLEN, Ivaldo; RADOMSKY, Guilherme F.w.. Atores sociais e identidades socioculturais. In: MEIRELLES, Mauro; MOCELIN, Daniel Gustavo; RAIZER, Leandro (Org.). **Atores sociais, diversidade e identidade**. Porto Alegre: Cirkula, 2015. p. 19-36.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 29, n. 1, p. 167-182, June 2003 . Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Apr. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012. Disponível em: <<http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Rela%C3%A7%C3%B5es-%C3%A9tnico-raciais-educa%C3%A7%C3%A3o-e-descoloniza%C3%A7%C3%A3o-dos-curr%C3%ADculos.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. **Educação como Exercício de Diversidade**, p. 229, 2003. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>>. Acesso em: 14 abr. 2018

GONZÁLEZ REY, Fernando. A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. **Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília, DF: Liber, p. 21-42, 2012.

GROSGUÉL, Ramón. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 59, n. 2, p. 32-35, June 2007 . Available from
 <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200015&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Apr. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTMANN, Renata de Baco. **A questão ambiental a partir de uma constituição sócio-histórica no município de Mata - RS**. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Extensão Rural, Centro de Ciência Rurais, UFSM, Santa Maria, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11301/Hartmann, Renata de Baco.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 fev. 2018.

IANNI, Octávio. Literatura e consciência. In: In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica: história, teoria e polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. vol. 4.

ILHA, Adayr da Silva; MOLINARI, Gisele. Avaliação dos setores potenciais e estagnados da microrregião do vale do jaguari para o período 1990-2005. In: Encontro de economia gaúcha, 4., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Ed,PUC-RS, 2008. p. 1 - 24. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/4-encontro-economia-gaucha/trabalhos.htm>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA (Santa Maria). **Sobre a coordenação de ações inclusivas**. 2016. Disponível em: <<http://www.iffarroupilha.edu.br/ações-inclusivas>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA. **Plano de desenvolvimento institucional**: 2014-2018. Santa Maria: Instituto Federal Farroupilha, 2014. 394 p. Disponível em: <http://w2.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/2014816145120955pdi_2014_2018.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2018.

JACCOUD, Luciana de Barros. **A construção de uma política de promoção da igualdade racial**: uma análise dos últimos 20 anos. IPEA, 2009.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAUXEN, Sirlei de Lourdes. **Práticas emancipatórias**: processo em construção. PASSO FUNDO : UPF, 2004.

LINHARES, Kleiton. O corpo da mulher negra: a dualidade entre o prazer e o trabalho. In: Simpósio internacional de educação sexual: feminismos, identidade de gênero e políticas públicas, 4. 2015, Maringá. **Anais...** Maringá: Ed. Uem, 2015. p. 1 - 9. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/623.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2018

LOURO, Guacira Lopes. Flor de açafrão. **Belo Horizonte:** Autêntica, 2017.

MARTINS, Lucienia Libania Pinheiro. **Afrorresilientes:** a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional. Teresina: Ed. UFPI, 2013.

MERTON, Robert K; LAZARSELD, Paul F. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORAES, Fernanda Dalosto. **A organização espacial de Mata-RS:** reestruturação produtiva no espaço rural. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Ufsm, Santa Maria, 2009. Disponível em: <[http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9303/MORAES, FERNANDA DALOSTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9303/MORAES,FERNANDA%20DALOSTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 06 jan. 2018.

MOURA, Glória. O direito à diferença. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** Brasília: SECAD/MEC. p. 69-82, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2018.

MUNANGA, K. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil – um ponto de vista em defesa de cotas. **Revista Espaço Acadêmico**, mar. 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/022/22cmunanga.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Perspectiva SA, 2016.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. 2010.

PEDRON, Flávia de Araújo; BRICALLI, Luiz Carlos Leonardi. Turismo e paisagem nas áreas rurais do distrito de Chapadão (Jaguari-RS). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 3., 2005, Caxias do Sul. **Anais...**. Caxias do Sul: Ed. Ucs, 2005. p. 1 - 12. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/tg9-turismo-e-paisagem.pdf>>. Acesso em: 09 Não é um mês valido! 2018.

PENA, Sérgio DJ; BORTOLINI, Maria Cátira. Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações afirmativas?. **Estudos avançados**, v. 18, n. 50, p. 31-50, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 fev. 2018.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a17v1850.pdf>. Acesso em: 24 de ago. 2017.

RECLAME AQUI (Comp.). **Lola cosmetics: rótulos com piadas racistas**. 2015. Site. Disponível em: <<http://www.reclameaqui.com.br/11557730/lola-cosmetics/rotulos-com-piadas-racistas/>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

RESSEL, Lúcia Beatriz et al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 779-786, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Global, 2015.

RIBEIRO, Djamila. Avalanche de retrocessos: uma perspectiva feminista negra sobre o impeachment. In: JINKINS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.

SAMPAIO, Adriana Soares. Ecos do silêncio: reflexões sobre uma vivência de racismo. In: BATISTA, Luís Eduardo; WERNECK, Jurema; LOPES, Fernanda. **Saúde da população**

negra. ABPN-Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. 3. Ed.. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAMPAIO, Tamires Gomes. A luta por uma educação emancipadora e de qualidade. In: JINKINS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?** : para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

SAMPAIO JR., Plínio de Arruda. A natureza da crise e os dilemas da revolução. **Margem esquerda**, Boitempo, n. 15, 2010.

SANTANA, Jusciney Carvalho. **Tem preto de jaleco branco?** Ações afirmativas na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas. 2015. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015. Disponível em: < http://googleweblight.com/?lite_url=http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1644&ei=ba3PR38v&lc=pt-BR&s=1&m=761&host=www.google.com.br&ts=1513713123&sig=AOyes_QDK54CgOzPDxo3XzekMJ1JSeSSzw >. Acesso em: 21 jan. 2018.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 6.ed. RIO DE JANEIRO: DP&A, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SEBAJE, Gloria Maria G. C. O bullying e a criança negra na escola pública, até quando? In: BRASIL. Secretaria de políticas públicas para as mulheres. **Mulheres negras contam sua história**. Brasília: AGBR, 2013.

SHOHAT, E.; STAM, R. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. Tradução Marcos Soares. São Paulo: CosacNaif, 2006.

SILVA, Daiane Severo da. **Gênero, raça e classe: discursos de mulheres negras acadêmicas e mulheres negras comunitárias**. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Unisinos, São Leopoldo, 2016.

SILVA, Gesteira Eliana da; FONSECA, Alexandre Brasil Carvalho da. A construção da raça nacional: estratégias eugênicas em torno do corpo da mulher. In: BATISTA, Luis Eduardo; WERNECK, Jurema; LOPES, Fernanda. (Orgs). **Saúde da população negra**. Brasília: ABPN, 2012.

SILVA, Maria Palmira da. Identidade racial brasileira. In: SILVA, Maria Palmira da; SANTOS, Gevanilda (Org.). **Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SILVA, Mozart Linhares da (Org.). **21 textos para discutir preconceito em sala de aula**. Santa Cruz do Sul: Gazeta, 2015.

SILVA, Tainan M. G. Silva e. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Direito UNIFACS–Debate Virtual**, n. 201, 2017. Disponível em: <<http://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121> >. Acesso em: 21 dez. 2017

SOARES, Eliane Veras; BRAGA, Maria Lúcia de Santana; COSTA, Diogo Valença da. O dilema racial brasileiro: de Roger Bastide a Florestan Fernandes ou da explicação teórica à proposição política. **Sociedade e cultura**, Goiânia (GO): UFG, v. 5, nº 1, pp. 35-52, jan./jun. 2002.

SOUZA, Claudenir de. O trabalho doméstico no Brasil. In: BRASIL. Secretaria de políticas públicas para as mulheres. **Mulheres negras contam sua história**. Brasília: AGBR, 2013.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 679-690, Dec. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000300679&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p679>.

TAVARES, Carla Rosane da Silva. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa**. 2007. 167 f. Tese (Doutorado em Letras/Literatura Comparada). Instituto de Letras. Universidade Federal do rio Grande do Sul. Porto Alegre.

THINK OLGA. **O machismo também mora nos detalhes**. Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-moranos-detalhes/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

UBERTI, Hermes Gilber. **Abençoando neófitos, tecendo redes sócio-familiares na freguesia de São Vicente (Vale do Jaguari - RS, 1854-1912)**. São Leopoldo: UNISINOS - PPGH, 2016, 266 F. (Tese de Doutorado).

VALIM, Kátia. A África na sala de aula: seus objetivos, perspectivas e desafios (Africa in the classroom: its goals, perspectives and challenges). **História em curso**, v. 2, n. 2, p. 33-50, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/3451>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

ZANINI, Maria Catarina C.; SANTOS, Miriam de Oliveira. O trabalho como “categoria étnica”: um estudo comparativo da ascensão social de imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1975). **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 17, n. 33, 2009. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/178>>. Acesso em 06 mar. 2018.

ZAPATA, Tania. A gestão participativa para o desenvolvimento local. In: BROSE, Markus (org). **Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: homicídio de Mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso, 2015. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 25 set. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado *A representação da mulher negra e a explicitação de sua identidade sociocultural no contexto acadêmico do Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul-RS*, conduzida pela pesquisadora responsável Laís Braga Costa, mestranda do programa de Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.

O estudo tem como objetivo analisar como ocorre a representação da mulher negra e sua identidade em termos sociais, culturais e políticos, no universo acadêmico do IFFar Campus São Vicente do Sul, dentre as ingressantes em 2015 e 2016.

Sua participação envolve responder um questionário com perguntas relacionadas à representação sociocultural da mulher negra no contexto acadêmico do IFFar Campus São Vicente do Sul. Sua participação é voluntária, você poderá desistir a qualquer momento do estudo. Sua recusa não trará nenhum prejuízo à pesquisa.

Os riscos e desconfortos que podem ser provocados pela pesquisa são mínimos. Caso a senhora sinta qualquer desconforto ou risco, tem o direito de não continuar a pesquisa, sem quaisquer prejuízos.

Sua identidade será mantida em sigilo, serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la. Este documento é apresentado em duas vias de mesmo teor – uma ficará em seu poder, e a outra via com a pesquisadora.

Mesmo não tendo benefícios diretos, como ganho financeiro, indiretamente você estará contribuindo para compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Contato da pesquisadora responsável: Laís Braga Costa, e-mail (lais.costa@IFFarroupilha.edu.br), telefone para contato: (53) 99141-3391.

Contato da Professora Orientadora: Dra. Carla Rosane da Silva Tavares Alves, e-mail (ctavares@unicruz.edu.br), telefone para contato: (55) 9158-0227.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta – CEP UNICRUZ: 3321 – 1618.

Declaro que entendi os objetivos, os riscos e benefícios da minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Cruz Alta, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura da Pesquisadora Responsável: _____

APÊNDICE B
UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL – MESTRADO

Eu, Laís Braga Costa, tenho o prazer de convidá-la a participar voluntariamente desta pesquisa que integra o projeto intitulado *A representação da mulher negra e a explicitação de sua identidade sociocultural no contexto acadêmico do Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul-RS*, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Carla Rosane da Silva Tavares Alves, inserido no Programa de Pós-graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. A pesquisa será desenvolvida, dentro da metodologia do grupo focal. Para tanto, solicito-lhe que responda as questões do presente questionário. Desde já lhe agradeço pela importante contribuição ao trabalho que estou realizando.

Laís Braga Costa- Mestranda do Programa de Pós-graduação em Práticas Socioculturais e
Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta

Questionário aplicado com as alunas negras

1. **a) Cidade natal:**

b) Onde reside atualmente:

c) Idade:

2. Está vinculada a qual curso do IFFar, atualmente?

3. **a) Vínculo profissional:**

b) Possui filhos? _____ Quantos?

c) Quantas pessoas moram na sua casa?

d) Quem é ou quem são os responsáveis pelo sustento da sua família?

e) Estado civil:

4. a) Como você se autodeclara, no que diz respeito à raça/cor?

b) Você já teve dúvida em se autodeclarar como uma mulher não branca?

c) Se a resposta anterior for sim, explique por quê.

d) Na sua concepção, a autodeclaração quanto à raça/cor leva em consideração (marque o que considerar necessário):

☐ Cor da pele.

☐ Ascendência direta (pais).

☐ Ascendência direta (avós).

☐ Ascendência direta (bisavós).

☐ Outros. Especificar o quê?

5. a) Você já passou por alguma situação constrangedora por ser mulher?

b) Você já passou por alguma situação constrangedora por ser preta/parda?

6. a) Você já vivenciou/vivencia algum preconceito por ser mulher?

☐ Nunca.

☐ Raramente.

☐ Frequentemente.

☐ Diariamente.

b) Se a resposta anterior for afirmativa, explique como e em que contexto (sala de aula, trabalho, família, comércio, etc.) ocorreu esse preconceito.

7. a) Você já vivenciou/vivencia algum preconceito por ser negra?

☐ Nunca.

☐ Raramente.

☐ Frequentemente.

☐ Diariamente.

b) Se a resposta anterior for afirmativa, explique como e em que contexto (sala de aula, trabalho, família, comércio, etc.) ocorreu esse preconceito.

8. a) Você é uma liderança em alguma representação social (IFFar, bairro, religião, município, organizações filantrópicas etc.)? _____

b) Caso a resposta anterior seja sim, explique qual a sua atuação e onde ocorre.

9. a) Quanto à participação em movimentos sociais, você pode afirmar que:

- ☐ Participa.
- ☐ Já participou.
- ☐ Gostaria de participar.
- ☐ Nunca participou.

10. Quanto a manifestações culturais, você costuma frequentar alguma festa típica da região? (marque o que considerar necessário):

- ☐ Carnaval de rua São Vicente do Sul.
 - ☐ Baile de KERBs.
 - ☐ FECOBAT- Feira de Comércio da Batata Doce
 - ☐ Outras:
-

11. Quanto a expressões artísticas, você já participou de algum grupo de: (marque o que considerar necessário).

- ☐ Música.
 - ☐ Dança.
 - ☐ Leitura.
 - ☐ Pintura.
 - ☐ Artesanato.
 - ☐ Outros:
-

12. Qual a sua preferência de:

a) Estilo musical?

b) Filmes?

c) Leitura?

d) Outras formas de expressão artísticas?

13. Qual a sua principal atividade de lazer?

14. Quais os meios de comunicação que você mais acessa, para se informar:(marque o que considerar necessário).

☐ Internet.

☐ Televisão.

☐ Jornal impresso.

☐ Rádio.

☐ Outros:

.

15. a) Você considera importante a participação da mulher negra na política?

b) Se sua resposta for sim, explique por quê.

16. a) Você participa politicamente em seu município? _____

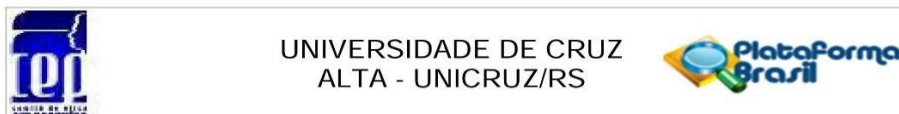
b) Se a resposta anterior for sim, explique de que forma?

17. Você gostaria de deixar alguma outra informação ou recado especial enquanto mulher negra?_____ Se for o caso, use o espaço abaixo.

Muito obrigada!

ANEXOS

Anexo A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A representação da mulher negra e a explicitação de sua identidade sociocultural no contexto acadêmico do Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul-RS

Pesquisador: LAIS BRAGA COSTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 66777817.0.0000.5322

Instituição Proponente: Unicruz - Universidade de Cruz Alta

Patrocinador Principal: Fundação Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ/RS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.073.448

Apresentação do Projeto:

Vide parecer 1

Objetivo da Pesquisa:

Vide parecer 1

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vide parecer 1

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide parecer 1

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide parecer 1

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No parecer anterior o presente protocolo ficou pendente pelos seguintes motivos: a) carência de explicitação dos riscos e benefícios do projeto, tanto no TCLE, quanto no projeto e ficha de informações básicas e; b) Não inclusão do orçamento da pesquisa no projeto.

Considerando que tais pendências foram sanadas, o parecer é pela aprovação do protocolo.

Endereço: Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Méa, Km 5.6 - Caixa Postal 858
Bairro: Campus Universitário Prédio **CEP:** 98.020-290
UF: RS **Município:** CRUZ ALTA
Telefone: (55)3322-1618 **E-mail:** comitedeetica@unicruz.edu.br



UNIVERSIDADE DE CRUZ
ALTA - UNICRUZ/RS



Continuação do Parecer: 2.073.448

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_893690.pdf	08/05/2017 21:37:44		Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	08/05/2017 21:37:17	LAIS BRAGA COSTA	Aceito
Outros	Respostas_pendencias_conforme_Parecer.docx	08/05/2017 21:35:36	LAIS BRAGA COSTA	Aceito
Outros	formulario_pendencias_cepassinado.pdf	08/05/2017 21:30:05	LAIS BRAGA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOLAIS2.docx	08/05/2017 21:13:15	LAIS BRAGA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Consentimento_Livre_Esclarecido_Lais_2.docx	08/05/2017 21:12:58	LAIS BRAGA COSTA	Aceito
Outros	AutorizacaoLais.pdf	10/04/2017 10:22:27	Rita Leal Sperotto	Aceito
Outros	COMPROMISSOenvioAUTORIZACAO.pdf	07/04/2017 01:51:50	LAIS BRAGA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO.pdf	07/04/2017 01:50:02	LAIS BRAGA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CARTADEAPRESENTACAO.pdf	07/04/2017 01:49:31	LAIS BRAGA COSTA	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	07/04/2017 01:44:56	LAIS BRAGA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	07/04/2017 01:40:10	LAIS BRAGA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Mèa, Km 5,6 - Caixa Postal 858
Bairro: Campus Universitário Prédio **CEP:** 98.020-290
UF: RS **Município:** CRUZ ALTA
Telefone: (55)3322-1618 **E-mail:** comitedeetica@unicruz.edu.br

Anexo B





feminismonegro



"O cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra".
Nilma Lino - Ministra das Mulheres, Igualdade Racial, Direitos Humanos e Juventude do governo eleito.

ENEGRECER





mulherrpodesim



David Miranda  @davidmiran... · 3h 

LEILÃO DE ESCRAVOS NA LÍBIA:
PESSOAS ESTÃO SENDO VENDIDAS
POR 400 DÓLARES

É inaceitável que o mundo inteiro esteja silenciando sobre isso. Por que tal barbárie não está saindo na grande mídia?

É aquela velha história, sem olhos claros, sem pele branca, sem comoção





mulherrpodesim



Joeb Andrade



06/01/2016 às 18:56 • Editado •

Tem um motel aqui em Recife chamado "Motel Senzala" também já vi restaurante em outros lugares que levam o nome "Senzala", brasileiro tem um grande fetiche com a dor negra, digo a dor negra, pq nunca vamos encontrar Motel ou restaurante com o nome "holocausto" "Campo de concentração", afinal isso seria uma falta de respeito muito grande.

SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO

Fonte **Congresso em Foco** (<http://migre.me/uCrqn>)





livrosefeminismo





**Geledés Instituto da Mulher Negra**

11 de ago às 13:12 • 🌐

'As caixas de lápis de cor têm vários tons de verde, azul ou laranja. Mas, quando uma criança pede um lápis ou giz cor da pele, as opções ficam mais restritas, com as cores rosa e bege. A questão é: essas são as cores da pele de quem?" **#geledes**



1.083

31 comentários

QUANTOS **PROFESSORES** **NEGROS** VOCÊ TEM?

UMA
CONVERSACÃO

Julvan Moreira de Oliveira
Professor do Depto de Educação

#NÃOÉCOINCIDÊNCIA

ufjf | DIRETORIA DE
AÇÕES AFIRMATIVAS